



Num intervalo dos trabalhos do Congresso do PCUS, o camarada Álvaro Cunhal, junto do qual se vêem os delegados da República Popular de Angola, é rodeado por congressistas

GRANDE APOIO DO POVO SOVIÉTICO AO PCP E À REVOLUÇÃO PORTUGUESA

- Os Trabalhos do XXV Congresso do PCUS na fase dos debates
- Discurso de Álvaro Cunhal vibrantemente saudado
- Encontro de delegações do PCUS e do PCP
- Saudação do CC do PCP aos camaradas soviéticos
- Crónica do nosso enviado especial Albano Lima

Não é de hoje a grande solidariedade do povo soviético e da sua vanguarda organizada, o glorioso Partido Comunista da União Soviética, para com o nosso Partido e o povo português. Ela vem do tempo do fascismo, do tempo em que, como recordou o camarada Álvaro Cunhal em Moscovo, "as relações entre os nossos dois partidos eram não só a mais elevada mas a quase única expressão das relações entre o povo português e o povo soviético".

Nos difíceis dias de hoje, em que a jovem democracia portuguesa vê os seus alicerces minados pela acção das forças reacçãoárias internas e externas, essa atitude mantém-se inalterável. As palavras do camarada Leonid Brejnev pronunciadas perante os milhares de congressistas e os convidados estrangeiros, foram bem claras: "Permiti-me que expresse desta tribuna a ardente solidariedade dos comunistas soviéticos e de todos os soviéticos para com o Povo revolucionário de Portugal, para com os comunistas e todos os democratas portugueses".

A expressão viva desta solidariedade foi significativamente

sublinhada pelos prolongados aplausos com que os congressistas interromperam por diversas vezes o discurso pronunciado pelo secretário-geral do PCP, e que redobram de calor no final, no momento em que o camarada Brejnev cumprimentava o camarada Álvaro Cunhal — o primeiro dirigente comunista dos países capitalistas a usar da palavra no Congresso.

Mas este apoio não foi apenas visível nos trabalhos do Congresso. O carinho com que a delegação portuguesa foi sempre rodeada nos seus contactos com os congressistas e o povo soviético; o acolhimento dispensado aos nossos camaradas na visita que efectuaram à Academia Político-Militar V. I. Lenine, onde Álvaro Cunhal pronunciou um discurso — são outros tantos exemplos da solidariedade fraternal e calorosa do grande Partido de Lenine e do povo soviético para com o PCP e a Revolução portuguesa.

Pág. 6/7

PCP: 55 ANOS DE LUTA AO SERVIÇO DO POVO

A passagem do 55.º aniversário do PCP será assinalada por diversas iniciativas em vários pontos do país. Em Lisboa e no Porto realizam-se grandes comícios, com a presença, respectivamente, dos camaradas Álvaro Cunhal e Carlos Costa

Pág. 3

55º
aniversário

PCP
O GRANDE PARTIDO
DA ESQUERDA

COMÍCIO
SEXTA, 5 DE MARÇO ÀS 21,30 H.
CAMPO PEQUENO
com a presença de ÁLVARO CUNHAL

OS AGRICULTORES QUEREM VER RESOLVIDO O GRAVE PROBLEMA DA COMERCIALIZAÇÃO

Pág. 10



- Contra os factos não há mentira que persista
- Vida do Partido
- A prisão de Peniche fechou as portas
- A actividade do MDM
- O problema da comercialização dos produtos agrícolas
- Angola: um teste para a África e para o mundo



LAVRAR A TERRA SEMEAR O FUTURO

Pág. 10

Editorial

ONDE ESTAMOS E PARA ONDE VAMOS

No fervilhar dos acontecimentos políticos actuais e na polarização de posições sobre os problemas mais candentes da actualidade nacional o que está realmente em jogo são os próprios destinos da revolução.

Disso se dão boa conta as forças políticas e sociais que têm uma perspectiva clara da batalha de classes que hoje se trava em Portugal, quer estejam de um lado ou doutro da barricada.

Há dirigentes políticos que agem em rigorosa conformidade com os interesses de classe que representam. Naturalmente, com maior ou menor aptidão mas regra geral com coerência.

Outros, alçados a timoneiros por massas que lhes confiaram o timão, julgam poder conduzir o seu barco neste mar das tormentas que é a luta de classes, sem recorrer à bússola ou à luz das estrelas dos mares-antes.

Que esta conduta irresponsável seja a de dirigentes da direita reaccionária — do CDS ou do PPD, do PPM ou da AOC e do MRPP — não vem daí nenhum dano à revolução, antes pelo contrário.

Que isso aconteça com dirigentes de partidos democráticos que se propõem como rumo ao socialismo pode então tornar trágica a rota aventureira. Trágica para o seu barco, trágica para todos os que integrados na mesma frota navegam no mesmo rumo.

Os próximos actos eleitorais, pela importância que vão ter nos destinos imediatos da Revolução portuguesa, e a forma como para eles se preparam alguns partidos democráticos, são um forte motivo de reflexão e de preocupações para todos os portugueses progressistas.

As próximas eleições para a Assembleia Legislativa e para a Presidência da República — marcadas

em princípio para 25 de Abril e 27 de Junho, respectivamente — são, no imediato, a frente mais importante da batalha política que opõe, entre nós, a revolução à contra-revolução.

Julgando-se em terreno conquistado, a direita reaccionária aumenta de agressividade e arrogância; forças antidemocráticas alojadas no aparelho de Estado emperram deliberadamente a engrenagem especial no sentido favorável à recuperação monopolista e latifundista da economia nacional; a política antioperária sai hoje de departamentos donde antes o alto patronato deixara de ter acesso; a Reforma Agrária está sob fogo dos grandes latifundistas e proprietários que querem aniquilá-la.

É a questão das credenciais dos delegados operários nas comissões de gestão das empresas submetidas à intervenção do Estado que em vez de prontamente resolvida pelo Ministério do Trabalho — que a criou — como exigem os trabalhadores afectados por tal medida, transita para outro ministério onde a burocracia vai acarretar novos prolelamentos.

É a guerra entre o PPD e o PS ao nível dos ministérios do Comércio Interno e da Agricultura e Pescas que põe nas mãos do ministro pedista o mecanismo dos preços em prejuízo do público consumidor.

É todo um esforço de restrições ao exercício das liberdades que emana de várias estruturas do aparelho de Estado e que aproveita fundamentalmente às forças conservadoras e de recuperação capitalista.

Nos centros de decisão política, em torno de questões cruciais, as diversas forças intervenientes definem-se segundo os seus móveis políticos e de classe.

Na controvérsia para a revisão do pacto constitucional entre os partidos e o MFA, os inimigos da revolução como o PPD e o CDS — e também os praticantes duma linha sinuosa e cheia de contradições como os dirigentes do PS — tudo fizeram para reduzir o alcance revolucionário do documento.

A supressão do preâmbulo, onde se falava do 25 de Abril e do papel revolucionário do MFA, e a única parte do documento onde se mencionava a palavra "socialismo" é uma concessão às forças de direita do PPD e do CDS e não abona nada em favor do PS, que mais se opôs à sua inclusão.

Os esforços do PPD para a realização simultânea das eleições para a Assembleia Legislativa e para a Presidência da República foram demasiado claros quanto às suas intenções de domínio absoluto do aparelho de Estado para mais rápida e facilmente, destruírem as conquistas da revolução.

Principalmente, as ameaças chantagistas do PPD e do CDS e também até certa altura do PS, em apoio das exigências de regresso aos quartéis do MFA e de prática inoperância política do Conselho da Revolução, revelaram até onde querem chegar os inimigos da democracia. O PS acabou por arrear caminho e a direita reaccionária não pôde levar por diante a sua chantagem.

A firme posição dos militares, do PCP, do MDP/CDE e a mudança de posições do PS anularam os intentos reaccionários e o MFA conseguiu manter as suas prerrogativas como garante da democracia e da revolução.

A assinatura do novo "Pacto" apesar das ameaças e chantagens do PPD e do CDS, constituiu uma severa derrota das forças da reacção e consequentemente um triunfo das forças que estão interessadas na defesa do processo democrático.

O reconhecimento da República Popular de Angola imposto ao Governo pelo Conselho da Revolução, apesar da oposição que dentro do próprio Conselho se levantou a um acto de tanta transcendência política para as relações entre Portugal e os novos países que se libertaram do colonialismo português, é uma outra vitória de extraordinário alcance para a democracia portuguesa.

Estas grandes vitórias mostram que as forças democráticas, quando unidas ou coincidentes nos seus objectivos, têm força suficiente para se oporem à viragem à direita, para defenderem as liberdades e as conquistas fundamentais da revolução.

A necessidade de um largo entendimento entre o MFA, o PS, o PCP e outras forças interessadas em barrar o caminho ao fascismo, torna-se cada vez maior ante a crescente agressividade e arrogância da direita reaccionária. A luta tem de continuar e a vitória é possível.

Uma condição indispensável é que os dirigentes do PS abandonem o anticomunismo, por vezes do mais primário, e compreendam que a unidade das forças de esquerda, principalmente entre socialistas e comunistas é o factor decisivo na luta contra a reacção na hora actual.

O episódio de Rio Maior, em que o Ministro Lopes Cardoso foi inutilmente exibido algumas das suas indesejáveis manifestações anticomunistas do passado recente, três dias depois dos lamentáveis incidentes de Campo Maior e Benavila representa uma tentativa de captação eleitoral que não favorece em nada os interesses da revolução e do próprio PS.

Na hora actual é decisivo saber onde estamos e para onde vamos. O oportunismo eleitoralista leva água aos moinhos da reacção e ainda mais quando banhado nas águas sujas do anticomunismo.

CONTRA FACTOS NÃO HÁ MENTIRAS QUE RESISTAM

Os lamentáveis acontecimentos ocorridos no distrito de Portalegre em comícios do PS continuam a ser explorados por forças reaccionárias e por forças que estão contra a unidade de esquerda. Mas não há como a verdade dos factos para desmentir falsidades e calúnias

Os acontecimentos registados nos passados dias 21 e 22 durante a visita do Secretário-Geral do PS, Dr. Mário Soares, ao distrito de Portalegre, designadamente em Campo Maior e Benavila, têm estado a ser usados para afirmações graves, ataques e especulações que atingem o PCP, os trabalhadores da região, os interesses da defesa da Democracia, da Reforma Agrária e as outras conquistas do nosso povo — afirma-se num comunicado da SIP do nosso Partido, no qual, através de factos concretos, se desmontam essas afirmações, ataques e especulações. E o documento prossegue:

"O Partido Comunista Português considera que devem ser feitos todos os esforços para impedir o alastramento de novas campanhas antidemocráticas e dum clima de intimidação e alarmismo entre a opinião pública, clima que só à reacção interessa criar. Para o impedir, é necessário que a opinião pública seja correctamente informada sobre a verdade dos factos. Nesse sentido, e para apuramento imparcial da verdade, a Comissão Distrital de Portalegre do PCP propôs ao Secretariado Nacional do PS a constituição duma Comissão de Inquérito, formada por representantes do PS e do PCP, presidida por uma personalidade independente acordada entre os dois partidos. A proposta do PCP foi recusada pelo Secretariado do PS.

O PCP entende que não é difícil ver nos acontecimentos de Campo Maior e Benavila uma provocação destinada a excitar os ânimos e a dificultar qualquer aproximação entre militantes comunistas e socialistas, precisamente numa altura em que se desenvolvem esforços no sentido de, unitariamente, se fazer frente à reacção e se defenderem as conquistas populares.

Tais incidentes, e a exploração que deles se tem feito, poderá servir para dar argumentos aos que querem evitar a acção comum e a unidade. Mas não servem com certeza os interesses dos trabalhadores.

O PCP quer a verdade. O PCP quer a unidade."

CAMPANHA DE DESINFORMAÇÃO

O comunicado refere-se depois à campanha anticomunista desencadeada por certos órgãos de informação, salientando:

"O Dr. Mário Soares realizou nos dias 21 e 22 de Fevereiro uma digressão por diversas freguesias dos concelhos de Alter do Chão, Aviz, Campo Maior e Sousel, realizando comícios de rua. Durante a digressão da caravana do PS registaram-se lamentáveis incidentes, particularmente em Ervedal, Campo Maior e Benavila, acerca dos quais algumas organizações e dirigentes do PS e certos órgãos de informação muito têm especulado, aproveitando para desencadear uma nova campanha de agressivo anticomunismo. Essa campanha baseia-se na deturpação dos acontecimentos e, a partir de omissões, inexactidões e exageros, procura, uma vez mais, apresentar os comunistas como

inimigos da liberdade, não hesitando em recuperar velhas ideias e slogans salazaristas.

Exemplo mais flagrante dessa campanha para semear o ódio contra os comunistas e para justificar todas as agressões de que o PCP tem sido vítima, parte do jornal anticomunista "A Luta". Acusando os comunistas de acossarem e agredirem os militantes socialistas, "A Luta" só aponta um exemplo concreto dessas "agressões", afirmando que "no hospital de Portalegre foi internado o militante socialista Rosado Vieira". Ora Rosado Vieira foi de facto internado e operado no hospital de Portalegre, mas é militante do PCP. Na sua edição seguinte, "A Luta" corrige a notícia que se refere à filiação partidária de António Rosado Vieira, mas não diz que com esse desmentido cai por terra toda a sua especulação sobre os incidentes.

O PCP não pode deixar sem um vivo protesto o facto de órgãos de informação do Estado alinharem nessa campanha de desinformação. No dia 23, o "Diário de Notícias" permitiu-se relatar os acontecimentos exclusivamente pela palavra do Dr. Mário Soares; no mesmo dia a RTP ouviu Sérgio Vilarigues, da Direcção do PCP, sobre os acontecimentos, mas da sua declaração cortou todas as referências a factos concretos, deturpando assim gravemente a verdade dos factos; no dia 25, a RTP fez deslocar uma equipa de reportagem para registar a conferência de Imprensa dada pela SIP do PCP sobre estes acontecimentos, mas não transmitiu qualquer imagem das que registou."

A VERDADE DOS FACTOS

Não há como os factos para desmentir as falsidades e calúnias. Em contacto com trabalhadores das diversas localidades, militantes ou não do Partido, a SIP do PCP apurou o seguinte:

AVIZ — A comitiva do PS realizou um comício de rua em frente da sede local daquele partido, para o que utilizou a instalação sonora da igreja paroquial. Estariam presentes umas 200 pessoas, contando com as que acompanhavam o Dr. Mário Soares. O Secretário-Geral dirigiu graves acusações e insultos contra os trabalhadores em geral e contra os comunistas em particular, a propósito da Reforma Agrária. Os únicos incidentes verificados foram alguns assobios e protestos como resposta às palavras insultuosas do Dr. Mário Soares.

CAMPO MAIOR — Reuniu entre 500 e 700 pessoas o comício do PS, realizado no dia 21, durante o qual falaram o deputado Júlio Miranda Calha, Maria Barroso, Aires Rodrigues e Mário Soares. Os primeiros protestos, moderados, verificaram-se durante a intervenção de Aires Rodrigues, quando este dirigente do PS afirmou ser o seu partido o único garante da liberdade e da democracia nas empresas e nos sindicatos. Registaram-se novos protestos durante a intervenção de Mário Soares,

toda ela tendente a excitar e a acirrar os ânimos.

O Dr. Mário Soares, talvez por engano, chamou aos trabalhadores "amigos de Rio Maior". Esta abertura mereceu os aplausos de alguns agrários que faziam parte da comitiva do PS — entre os quais o Sr. Carlos Pinheiro e o genro e o Dr. Assis de Ponte de Sôr, homem implicado no caso das Oujanças — e provocou protestos dos trabalhadores, particularmente de dissidentes do PS.

A esses protestos respondeu o Dr. Mário Soares da seguinte forma: "Esses senhores lá do fundo, que pertencem ao dos cabelos brancos, têm a mania que o Alentejo é deles." E acrescentou: "Berrem lá vontade que irão sofrer no Alentejo as consequências que estão a sofrer no Norte." Os trabalhadores, vendo nesta frase uma clara ameaça no sentido de ser instaurado no Sul o terrorismo fascista que leva aos assaltos, saques e agressões contra os Centros de Trabalho do PCP, protestaram de novo. Como voltaram a protestar quando o Dr. Mário Soares classificou as ocupações dos grandes latifúndios de "roubos organizados".

Se estes termos servem à direita, aos grandes agrários, como argumentos contra a maior das conquistas populares — a Reforma Agrária — usados na presença dos trabalhadores que a conduzem, funcionam objectivamente como uma provocação e um insulto. Foi contra provocações e insultos que protestaram os trabalhadores — comunistas, sem partido, dissidentes do PS e mesmo alguns socialistas. O Dr. Júlio Calha, deputado e quadro local do PS, conhece de certo os trabalhadores que mais vivamente se insurgiram contra as palavras de Mário Soares; alguns foram outros são ainda, militantes do PS.

ERVEDAL — A caravana do PS passou por Ervedal antes de se dirigir a Benavila. Através de megafones foram proferidos insultos contra os comunistas e contra os trabalhadores em geral. Os comunistas foram chamados de "ladres de terras". Estes insultos provocaram alguns protestos por parte das poucas pessoas presentes.

BENAVILA — O comício do PS reuniu perto de 300 pessoas, sendo de Benavila apenas cerca de setenta; a maioria dos presentes acompanhava o Dr. Mário Soares integrada numa caravana de cerca de 50 automóveis.

O primeiro orador foi o deputado Júlio Calha. A sua afirmação de que até 25 de Novembro não tinha havido democracia no nosso país e de que o PCP era o responsável pelo 25 de Novembro e pretendia instaurar uma ditadura provocou desde logo alguns protestos. Durante a intervenção de Maria Barroso não se registaram incidentes. Os ataques caluniosos do Dr. Mário Soares contra a acção dos trabalhadores alentejanos provocou de novo alguns protestos aos quais o orador respondeu afirmando que os assobios que se ouviam eram uma prova de que os trabalhadores presentes eram, como o PS tem dito, "social-fascistas, ditadores, tiranos que querem dominar o Alentejo". Aqui os

protestos redobram, não conseguindo o Dr. Mário Soares prosseguir a sua intervenção.

O militante comunista António Diamantino Rosado Vieira, regente agrícola e dirigente da cooperativa 21 de Fevereiro, que se encontrava em casa, dirigiu-se nessa altura ao local do comício a fim de aconselhar calma aos seus camaradas. A resposta que obteve da parte dos guarda-costas do PS a esta diligência no sentido de criar condições para o prosseguimento do comício foi a agressão a muro de pontapé levada a cabo por lídio Torres e navalhada por Marcelino Cuco, ambos militantes do PS. A navalhada dirigida à garganta do camarada António Vieira, atingiu-o no maxilar inferior e na mão com que tentou proteger-se; António Vieira foi operado no Hospital de Portalegre pelo Dr. Cipriano Batauca. A saída de Benavila, o carro que transportava o camarada António Vieira para o hospital foi atingido por dois tiros de caçadeira disparados a 10 metros e que perfuraram o automóvel. Suspeita-se que o autor deste atentado possa ser um tal Francisco Costa, cadastrado com cerca de 20 anos de cadeia por crime de delito comum. Este indivíduo, que se encontrava junto à mesa que presidia ao comício e que apresentara os oradores, linha dirigido os mais baixos insultos e provocações aos comunistas. Os autores das agressões ao camarada Vieira foram detidos pela GNR e postos em liberdade nessa mesma noite.

Ao contrário do que afirma a propaganda anticomunista, os dirigentes socialistas não foram escoreçados de Benavila; ficaram para jantar na sede local do PS; não tiveram de ser defendidos pela GNR; as praças da GNR foram convidadas para o jantar de confraternização.

Ao contrário do que afirma a propaganda anticomunista, o único ferido hospitalizado é militante do PCP, os únicos tiros disparados foram-no contra militantes comunistas, os únicos agressores detidos pela GNR eram militantes do PS. O deputado do PS, Júlio Calha, contactado posteriormente por militantes locais do PCP, condenou as agressões de que o mil-

itante comunista António Vieira tinha sido alvo.

OS TRABALHADORES, OS COMUNISTAS, QUEREM A UNIDADE

E o comunicado termina: "Todos estes incidentes, e em particular as provocações dirigidas pelo Dr. Mário Soares contra os trabalhadores, causaram grande indignação na região. Os trabalhadores, não apenas os militantes do PCP, têm ideias concretas sobre o assunto. O Dr. Mário Soares, dizem os trabalhadores, veio às terras que estão mais desenvolvidas pela Reforma Agrária provocar os trabalhadores." E dizem mais: "Os trabalhadores sabem que o Dr. Mário Soares anda a fazer tudo para que as terras sejam desocupadas e devolvidas aos agrários que vinham com ele."

Os trabalhadores são também de opinião que os acontecimentos de Campo Maior e Benavila serviram no essencial para fornecer argumentos aos que pretendem fazer crer que não é possível a acção comum de comunistas e socialistas, que não é possível a unidade dos trabalhadores.

Nas unidades de produção da região de Portalegre, como em muitas outras regiões e empresas do país, os trabalhadores mostram na prática que querem a unidade e que a unidade é possível entre todos aqueles que lutam de facto contra o poder dos grandes senhores da terra e da indústria. Quem em Campo Maior e Benavila aplaudiu os insultos aos trabalhadores e os ataques às suas realizações e conquistas foram os agrários que se integraram na comitiva do PS: Ribeiro Carapa, António Alves, Carlos Pinheiro e António Pinheiro, Sofia Minas, gente que vê na Reforma Agrária e na unidade dos trabalhadores dos campos uma séria ameaça contra os seus privilégios.

Quanto aos trabalhadores, quanto aos comunistas, esses querem a unidade. Como afirmou o camarada António Vieira, membro da Comissão Concelhia de Aviz do PCP: "Os nossos interesses são comuns. Ponhamos portanto de parte as divergências e antagonismos, pois só na unidade poderemos vencer."

NOTA DO SECRETARIADO DO COMITÉ CENTRAL DO PCP

O Partido Comunista Português tomou conhecimento, através dos órgãos de Informação, que o Secretariado Nacional do PS rejeitou a proposta da Comissão Distrital de Portalegre do PCP, no sentido de ser constituída uma Comissão de Inquérito, composta por elementos do PS e do PCP e presidida por uma personalidade independente, que apurasse a verdade sobre os lamentáveis incidentes verificados em Campo Maior e Benavila no passado fim de semana.

Recusando a iniciativa da Comissão Distrital de Portalegre do PCP, o Secretariado Nacional do PS assume a responsabilidade — que os trabalhadores portugueses não deixaram por certo de considerar — de querer evitar que a verdade prevaleça sobre uma campanha de calúnias e mentiras contra o PCP, contra os trabalhadores rurais do Alto Alentejo, contra as suas conquistas, contra a unidade, e de querer forçar a existência de pomas de discórdia entre os dois partidos.

O PCP considera que não são de modo algum aceitáveis as razões invocadas pelo Secretariado do PS para rejeitar a proposta do PCP. Com efeito, não seria a participação de comunistas e socialistas numa comissão mista que iria permitir especulações sobre eventuais alianças entre partidos que estão juntos no Governo e cujos militantes, em inúmeros casos concretos, chegam ao entendimento e à acção comum. O Secretariado do PS, que se mostra tão preocupado com tais especulações — de certo por andar a deitar contas a votos anticomunistas —, não se preocupa tanto em desfazer uma especulação tendente a desacreditar as grandes realizações dos trabalhadores alentejanos.

O PCP considera que a exploração que se tem feito dos incidentes de Campo Maior e Benavila, com base em inexactidões e falsidades, pode servir para dar argumentos aos que querem evitar a unidade de acção de comunistas e socialistas por objectivos concretos, mas não serve com certeza os interesses dos trabalhadores.

Negando-se a participar no apuramento imparcial da verdade dos factos e insistindo na manutenção dum conflito que só a falta de esclarecimento alimenta, o Secretariado do PS presta um mau serviço aos trabalhadores alentejanos, à Reforma Agrária e à Democracia portuguesa.

27 de Fevereiro de 1976.

O SECRETARIADO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



edições Avante!

«PEQUENA BIBLIOTECA

LENNINE»

- 11.01 Partido Proletário de Novo Tipo 40\$00
11.02 Karl Marx e o Desenvolvimento Histórico do Marxismo 15\$00
11.03 Democracia Socialista ... 30\$00
11.04 A Comuna de Paris ... 40\$00

A COMUNA DE PARIS



Lénine dá-nos nesta coletânea de textos sobre a Comuna a sua apreciação sobre esse importante acontecimento histórico, enriquecendo, com essa experiência, a teoria e a prática do socialismo científico.

preço 40\$00

ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO COMUNISMO CIENTIFICO

CURSO BASICO DO COMUNISMO CIENTIFICO

2º VOLUME

edições Avante!

Este Curso reúne e elabora cientificamente as experiências de outros povos na construção do socialismo e do comunismo, e assim demonstra e comprova que as vitórias alcançadas pelos países socialistas são, por um lado, obra e fruto do esforço criador porfiado e inquebrantável da classe operária e das massas trabalhadoras, e por outro o resultado concreto, prático, objectivo, da teoria marxista-leninista, único guia para a acção capaz de levar o proletariado ao futuro que traz nas mãos.

Distribuição e assinaturas: CDL — Central Distribuidora Livreira Rua Pedro Nunes, 9-A Lisboa 1

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

(12 números)

CONTINENTE E ILHAS	
Via normal	70\$00
Via aérea	85\$00
OUTROS PAÍSES	
Via normal	90\$00
Via aérea	175\$00
EUROPA	
Via normal	90\$00
Via aérea	120\$00
ANGOLA, CABO-VERDE, GUINÉ-BISSAU, MACAU, MOÇAMBIQUE, S. TOMÉ, TIMOR	
Via normal	90\$00
Via aérea	150\$00

55.º ANIVERSÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Comemorando um passado de 55 anos de luta totalmente dedicada à causa do proletariado e do povo português, o PCP encara o futuro com confiança, plenamente seguro da vitória do ideal que se propôs — a construção da democracia e do socialismo em Portugal

Motivo de orgulho para os comunistas, os 55 anos de existência do Partido Comunista Português são-nos também para todos os trabalhadores, para todos os democratas, para todos os que verdadeiramente estão empenhados na edificação em Portugal de uma sociedade onde não mais exista a exploração do homem pelo homem.

Constituído em 6 de Março de 1921, o PCP pode orgulhar-se da sua actividade que traduz, sem dúvida, até aos nossos dias, a maior realização revolucionária da classe operária portuguesa.

Das muitas organizações operárias e democráticas que se formaram ao longo da história da luta do povo português contra o fascismo e pela democracia, apenas o PCP se desenvolveu, enraizou, cresceu e conseguiu chegar até aos nossos dias como um grande Partido da esquerda. E todavia, 48 anos da sua existência decorreram na mais rigorosa clandestinidade sob as duras condições da ditadura fascista.

Muitos se perguntarão como foi possível. Como pudemos vencer a longa noite da opressão e do terror. A resposta encontramos-na na própria essência do PCP, na sua actividade quotidiana.

Formam o grosso das nossas

fileiras a classe operária das cidades e dos campos, tendo a seu lado milhares e milhares de outros trabalhadores de todos os sectores.

Guia-nos a teoria científica do proletário, o marxismo-leninismo.

É do proletariado a abnegação sem limites, a dedicação total, a coragem, a disciplina e a organização que caracterizam a militância comunista. No marxismo-leninismo aprendemos os princípios, e à luz dele definimos uma orientação política, forjamos a unidade ideológica, sustentáculo primeiro do Partido.

De nada valerem perseguições, assassinios, prisões, calúnias. De nada valeu a hidra de mil olhos que o fascismo inventou para nos espiar. Estávamos em todo o lado, corremos todos os riscos, acendemos fogueiras nas noites mais escuras, vencemos todas as prisões, resistimos. E combatemos. Impossíveis calar a nossa voz, cortar as mãos com que escrevemos a esperança em todos os muros, matar a semente que em cada palmo de terra germinava liberdade.

Porque seria como pretender matar o próprio Povo.

Nas fábricas, nas oficinas, nos campos, nas minas, à mesa dos escritórios, nas escolas e nas ruas, onde quer que houvesse fome e exploração, onde a liberdade fosse um bem apenas imaginado, onde as mulheres chorassem os filhos e os companheiros mortos na guerra, em cada homem que cresceu sem nunca ser criança, ai

sabendo ligar-se a elas na actividade diária. A nossa luta nunca foi outra senão a do próprio Povo Português. Sempre ontem como hoje, foi nossa lema a unidade antifascista, a unidade de todas as forças democráticas, a unidade de todos os que estão contra o capitalismo e pela democracia.

Resistimos, igualmente, porque nunca estivemos só. Defensores intrínsecos do internacionalismo proletário, desde sempre tivemos ao nosso lado a solidariedade da comunidade socialista, em especial da União Soviética, da classe operária e das forças progressistas de todos os países.

Porém, como não podia deixar de ser, nem tudo são sucessos na já longa história do PCP. O processo do desenvolvimento do Partido foi acidentado e irregular, registando-se insucessos e derrotas provocados quer pela acção do inimigo quer por erros próprios. Contudo, uma característica do PCP, ao longo de 55 anos de luta, tem sido saber usar a crítica e autocrítica, colhendo nos erros cometidos os ensinamentos que enriquecem a experiência.

O PCP é a mais antiga organização política existente em

acontecimentos de 7 de Fevereiro, encerra definitivamente a sede do PCP. Muitos dirigentes abandonam a luta, a imprensa partidária deixa de publicar-se e as organizações são destruídas ou dissolvem-se.

Em estas difíceis condições que, nos fins de 1928, Bento Gonçalves entra para o Partido e começa a luta pela formação de um partido revolucionário.

O PARTIDO NA CLANDESTINIDADE

Com a Conferência de 21 de Abril de 1929 inicia-se verdadeiramente a actividade clandestina do Partido. Bento Gonçalves é posteriormente escolhido para secretário-geral.

A organização começa a alargar-se. Em 15 de Fevereiro de 1931 sai o primeiro número do «Avante!» e em 1933 «O Militante». A actividade dos comunistas desenvolve-se nos sindicatos, onde ganham algumas direcções. Em Setembro de 1931 forma-se a Comissão Inter-Sindical (CIS). Sob a égide do Partido surgem diversas organizações, de que se destacam a Organização Revolucionária da Armada (ORA), a Organização Revolucionária do Exército (ORE) e a Federação das Juventudes Comunistas, de que o camarada Álvaro Cunhal foi secretário-geral desde 1934.

Na sequência de diversas lutas reivindicativas dirigidas pelos sindicatos, onde o PCP tem forte implantação, ocorrem, em 1931/32, greves nas construções navais, dos trabalhadores do porto de Lisboa, dos marítimos de Setúbal, dos vidreiros da Marinha Grande. Desencadeiam-se grandes lutas contra o desemprego. O movimento estudantil desenvolve-se rapidamente.

A repressão fascista acentua-se. Após a fascização dos sindicatos em 1933 e em especial depois dos acontecimentos do 18 de Janeiro de 1934, na Marinha Grande, numerosos militantes comunistas são presos, torturados e deportados. Com a prisão de Bento Gonçalves em Novembro de 1935, juntamente com outros membros do Secretariado, o Partido sofre um rude golpe que afectou profundamente a actividade nos anos seguintes.

No entanto, a luta continua. Em Abril de 1936 forma-se um CC de que fazem parte, entre outros, Alberto Araújo, M. Rodrigues da Silva, A. Cunhal e Pires Jorge.

Com a crescente fascização do Estado, as incidências da guerra de Espanha e o início da II Guerra Mundial a repressão agravava-se ainda mais. É criado o Campo do Tarrafal, onde viriam a morrer muitos dos melhores filhos do povo, incluindo destacados militantes comunistas. Em 1939 a polícia consegue introduzir dois agentes provocadores no Partido — um no CR de Lisboa e outro na tipografia clandestina do «Avante!». A publicação do nosso órgão central interrompeu-se quase dois anos.

É a reorganização de 1940/41 que vem pôr termo a resolver esta grave crise.

UM GRANDE PARTIDO NACIONAL

Com a chamada reorganização desencadeia-se no seio do Partido a luta contra a provocação, a depuração dos elementos pouco firmes, o reaparelamento do «Avante!», a reconstituição da organização. O «Avante!» reapareceu em Agosto de 1941 e nunca mais, até hoje, deixou de se publicar regularmente.

Contudo a reorganização foi novamente comprometida quando, devido a reincidência em erros já cometidos no trabalho conspirativo, a PIDE, em 1942, prende uma série de militantes responsáveis, entre os quais Militão, Pires Jorge e Pedro Soares, e assassina a tiro o médico comunista A. Ferreira Soares. Impunha-se a adopção de novos métodos de defesa, ligando ainda mais o Partido às massas e criando uma forte organização. Tal tarefa foi levada a cabo sob a direcção do Secretariado, coposto por A. Cunhal, J. Gregório e M. Guedes.

Surge, pela primeira vez na história do Partido, um forte e coeso núcleo de revolucionários profissionais, recrutados na sua maioria da classe operária. As grandes greves de 1942/3/4, as lutas dos assalariados rurais do Alentejo e Ribatejo, bem como outras de diversos centros operários, como a Covilhã constituem simultaneamente um sintoma e um factor do reforço orgânico do Partido.

O III Congresso do PCP (1.º ilegal) realiza-se em Novembro de 1943. Por iniciativa do Partido cria-se então o MUNAF que, de 1943 a 1949 engloba praticamente todos os sectores antifascistas. Em 1945 cria-se o MUD, organização unitária de massas com actividade semi-legal. Pela primeira vez sob a ditadura fascista se aproveita a farsa eleitoral para desenvolver uma intensa campanha política.

A nível sindical consegue-se então importantes vitórias, nomeadamente com eleição de listas de confiança dos trabalhadores em cerca de 50 sindicatos.

A repressão fascista procura impedir a actividade do PCP. Em Julho de 1945 Alfredo Dinis é assassinado a tiro pela PIDE, enquanto muito outros caem vítimas das mais brutais torturas.

Mas o Partido já é demasiado forte para se deixar vergar. No verão de 1946 realiza-se o IV

Congresso do Partido, onde se tomam importantes decisões. Para reforçar as organizações de assalariados rurais, cujas lutas o Partido dirige, é decidida a criação do jornal «O Camponês», que passou a desempenhar um importante papel de orientação e formação dos trabalhadores do campo.

Forma-se também nessa altura o MUD Juvenil, grande organização de massas onde se forjaram muitos dos futuros membros da direcção do Partido.

A RESISTÊNCIA À REPRESSÃO FASCISTA

Incapaz de vencer a crescente influência e organização do PCP, já então um grande partido revolucionário nacional e vanguarda indiscutível da classe operária, o fascismo recorre à mais feroz repressão. Assim, de 1949 a 1952 o Partido é obrigado a enfrentar duros golpes. Em Março de 1949 são presos A. Cunhal e Militão, vindo este a morrer na sequência de uma greve de fome.

É assaltada uma tipografia clandestina. Em Janeiro de 1950 a PIDE assassina com torturas José Moreira, responsável do aparelho de imprensa, por este se recusar a revelar a localização da nova tipografia do «Avante!». São presos nessa época numerosos destacados militantes, destruídas muitas organizações. Mas o Partido resiste e continua a luta.

Fortemente implantado no proletariado, o Partido continua a dirigir importantes lutas e greves. São as dos camponeses alentejanos em 1952 e 1954; dos pescadores em 1955 e 1957; do movimento estudantil em 1956. Muitos dos comunistas pagaram com a vida ou com a liberdade a sua dedicação à causa do proletariado: Alfredo Lima, operário agrícola, é morto em algarvia em 1950; Catarina Eufémia, operária agrícola, assassinada em 1954; as prisões são incontáveis.

O V Congresso realiza-se em 1957, sendo então aprovados o Programa e os Estatutos do Partido.

Novamente se aproveitam as «eleições» em 1958, desenvolvendo intensa campanha política em torno das candidaturas do gen. Delgado e do dr. A. Vicente.

Apesar da repressão não abrandar o Partido conseguiu infligir uma estrondosa derrota ao

fascismo em 3 de Janeiro de 1960, com a famosa fuga de Peniche.

ONTEM COMO HOJE, SEMPRE NA VANGUARDA

Os anos sessenta, com o início da luta armada em Angola, logo seguida pela luta na Guiné e Moçambique, caracterizam-se por um potente desenvolvimento da resistência antifascista e por um importante fluxo revolucionário.

Em Março de 1961 o camarada Alvaro Cunhal é eleito secretário-geral do Partido.

O impetuoso desenvolvimento da luta popular e do Partido sofreu uma vez mais a brutalidade da repressão. Muitos membros da direcção e quadros clandestinos caem nas mãos dos fascistas; J. Dias Coelho é morto a tiro; Dias Lourenço é preso em 1962 e Blanqui Teixeira em 1963. Mas a luta não pára. De 1962 a 1967 o Partido dirige a luta política e a luta reivindicativa operária, de que se destaca a greve de Pero Pinheiro de Maio de 1965.

Ainda em 1965 realiza-se o VI Congresso do PCP, onde são aprovados o novo Programa do PCP e a nova redacção dos Estatutos.

Nos anos seguintes, dá-se o agravamento das contradições internas do fascismo, o incremento das lutas dos povos de Angola, Guiné, e Moçambique, o ascenso da luta operária travada na vasta vaga de greves e lutas à escala nacional; as acções de massas nos sindicatos; a ampla campanha política aqando das eleições fascistas para a Assembleia Nacional; o desenvolvimento do movimento estudantil e da juventude trabalhadora. Sob a direcção, orientação e estímulo constante do Partido Comunista Português, amadureceram as condições que viriam a possibilitar, em 25 de Abril de 1974, o derrube do regime ditatorial fascista.

Derrubado o fascismo, o PCP surge na legalidade como grande animador e dirigente da luta popular e força política indispensável para a defesa da consolidação das liberdades e a construção de um Portugal democrático. Os objectivos que nos propomos alcançar — o fim da exploração do homem pelo homem, da miséria, da opressão, da desigualdade social — estão ainda longe. Só os concretizaremos quando o capitalismo for totalmente abolido, quando, enfim, construirmos uma verdadeira democracia que abra o caminho ao Socialismo.

O futuro que temos à nossa frente é duro. Mas 55 anos de luta que não quebraram, antes reforçaram a nossa dedicação à causa do Povo Português.

O futuro pertence-nos: Venceremos!



COMEMORAÇÕES

Comemorando o 55.º aniversário do Partido Comunista Português diversas organizações do nosso Partido promovem iniciativas evocativas dessa data

Pelas mais diversas partes do País o 55.º aniversário do Partido Comunista Português vai ser festejado no próximo dia 6. Assim, na cidade do Porto, uma série de iniciativas vão preencher uma jornada política e cultural no Palácio Foz, onde estará presente o camarada Carlos Costa, do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central.

Destle modo, para o próximo sábado está prevista uma festa, marcada para as 15 e 30, que englobará uma representação teatral de Pioneiros e a pintura colectiva de um mural. À noite, com início às 21 e 30, os camaradas Ary dos Santos, Luis Cilia, Carlos Mendes e Fernando Tordo participam numa sessão de variedades onde estarão presentes outros artistas.

abordará o tema «Informação ao Serviço da Revolução».

Dia 6, depois da alvorada e da largada de 55 pombos, os comunistas do Silves vão confraternizar num piquenique, onde não faltarão os petiscos algarvios. Depois do almoço com o camarada Carlos Brito, que principiará às 17 horas, o grupo de teatro «Os Comunistas» representam a peça «Quatro Revolucionários», seguindo-se uma sessão de canto livre amador. Entretanto, para as 21.30 está marcada uma sessão de esclarecimento subordinada ao tema «55 Anos de Luta», onde estará presente o camarada Francisco Miguel.

NA FIGUEIRA

A Comissão Concelhia da Figueira da Foz elaborou o seu programa comemorativo do 55.º aniversário do nosso Partido. Realizar-se-á no próximo dia 6, pelas 16 horas, uma romagem a campo do nosso camarada Agostinho Saboga. Mais tarde, será descerrada uma placa em sua homenagem, dando, deste modo, o seu nome ao Centro de Trabalho da Figueira da Foz. A Comissão Concelhia do nosso Partido editou ainda um postal, que recorda a figura exemplar do combatente comunista que foi Agostinho Saboga, para distribuir na tarde do próximo dia 6. À noite, realizar-se-á uma sessão de convívio com projecção de filmes e de «slides».

EM SILVES

Na passagem do 55.º aniversário do Partido Comunista Português, realiza-se amanhã e no dia 6, em Silves um conjunto de jornadas culturais e de esclarecimento político onde estarão presentes os camaradas do Comité Central, Carlos Brito e Francisco Miguel.

Do vasto programa que irá coordenar as actividades previstas destacamos:

Amanhã — às 21.30, colóquio conduzido pelo camarada Fernando Cascais, da Organização de Jornalistas Comunistas de Lisboa, que



fileiras a classe operária das cidades e dos campos, tendo a seu lado milhares e milhares de outros trabalhadores de todos os sectores.

forjou o Partido sucessivas gerações de militantes revolucionários.

Por isso resistimos. E também porque sendo vanguarda, nunca o PCP separou a sua acção da acção das massas,

Portugal. E todavia a mais jovem, pelo seu dinamismo, determinação, energia e confiança no futuro. É a mais jovem pelos ideais que defendem e que atraem as suas fileiras contingentes cada vez maiores da nossa juventude, sedenta de paz e de justiça, naturalmente receptiva aos ideais da democracia e do socialismo. Jovem, ainda, porque malgrado todas as vicissitudes que tenhamos de passar, concretizaremos as grandiosas tarefas que nos propomos e o futuro será, inevitavelmente, o nosso. O Povo Português vencerá.

A FORMAÇÃO DO PARTIDO

Num breve olhar pelo passado recordamos um pouco da história do PCP e reencontramos a história da luta antifascista em Portugal.

Após uma série de assembleias realizadas na Associação dos Caixeiros de Lisboa, nos fins de 1920, é resolvida a criação do novo partido. Em 6 de Março de 1921, na Associação dos Empregados de Escritório de Lisboa, na rua da Madalena, 225, 1.º, realiza-se uma assembleia onde são eleitos os primeiros organismos de direcção do Partido Comunista Português. A sua primeira sede (provisória) foi na rua Arco do Marquês do Alegrete, 30-2.º dt.º, em Lisboa.

Ainda em 1921 foi fundado o «O Comunista», primeiro órgão do Partido. Em 1922 o PCP adere à Internacional Comunista, de que fará parte até à dissolução desta em 1943.

De 10 a 12 de Novembro de 1923 realiza-se o I Congresso do PCP, onde são aprovados os princípios orgânicos, um «Programa de acção» e resoluções sobre «O governo dos operários e camponeses» e sobre «A questão agrária».

Nos anos de 1925 e 1926 as forças reacţionárias preparam-se para liquidar a República. O PCP adverte do perigo de um golpe fascista mas, dada a debilidade da sua organização e a fraca influência que possui não tem condições para organizar a resistência. Do II Congresso do PCP, que se realiza nos dias seguintes ao golpe militar, em 29 e 30 de Maio de 1926, não saem quaisquer medidas para fazer frente à nova situação.

A vaga progressiva desencadeada em 1927, após os

1
JANEIRO
1976
(19)

REVISTA INTERNACIONAL

problemas da paz e do socialismo

COMO OS COMUNISTAS DO OCIDENTE VÊEM O CAMINHO DO SOCIALISMO

Artismendi
A DIALÉCTICA E A METAFÍSICA NO DEBATE SOBRE O DESANUVIAMENTO

REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E PROGRESSO SOCIAL

M. Vilner
ACERCA DOS APOLOGISTAS E DAS VÍTIMAS DO SIONISMO

REVISTA DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS

SAI BREVEMENTE

- NOVO FORMATO
- NOVA APRESENTAÇÃO INTERIOR
- MAIOR FACILIDADE DE LEITURA

Distribuição e assinaturas:
CDL — Central Distribuidora Livreira
Rua Pedro Nunes, 9-A Lisboa 1

Edições SEARA NOVA

OLGA GONÇALVES

A FLORESTA EM BREMERHAVEN

O emigrante, o MFA, o País após o 25 de Abril.
A nova realidade portuguesa começa (finalmente) a servir de tema.

Colecção Ficcionistas Portugueses Preço: 60\$00

POR UMA LITERATURA DE COMBATE

JOSÉ MANUEL MENDES

coleção CRÍTICA HOJE

O crítico nunca é imparcial. Eu não sou. O crítico tem as suas opções, uma teoria, um modo de participar no universo de lutas do homem, e, portanto, no mundo literário. Não renuncio, pois, a tomar partido. Nunca aceitei a Arte ao serviço da opressão e do capitalismo.

JOSÉ MANUEL MENDES

LIVRARIA BERTRAND

Documentos Políticos do Partido Comunista Português

DOCUMENTOS POLÍTICOS DO COMITÉ CENTRAL DO PCP

Vanguarda da classe operária, intérprete fiel das aspirações profundas das massas populares e dirigente das suas lutas, não admira que o PCP seja o alvo principal dos ataques de quantos se opõem à marcha para a democracia e o socialismo.

Uma faceta desses ataques são as grosseiras deturpações e calúnias acerca das posições e orientação política do PCP face ao processo revolucionário e às suas contradições e perspectivas. Daí a importância dos Documentos do Comité Central do PCP: Conhecê-los é opor uma barreira à mentira, libertar-se dela; dá-los a conhecer é combatê-la. Experiência histórica das lutas do povo português, os Documentos aqui reunidos são, por isso mesmo, um guia na sua caminhada para a liquidação da exploração do homem pelo homem.

Título: Documentos Políticos do PCP (2.º e 3.º volumes)

Códigos: 01.10 — 01.12
Preços: 50\$00 — 70\$00

Pedidos a:
CDL — Central Distribuidora Livreira, Rua Pedro Nunes, 9-A, Lisboa-1

edições Avante!

COM O PCP, NA DEFESA DA DEMOCRACIA

A actual situação política e a integração da mulher no processo revolucionário foram os principais temas abordados, respectivamente, pelos camaradas Carlos Brito e Alda Nogueira, perante os milhares de pessoas que participaram no grande comício realizado na Amadora

A assinatura do Pacto Constitucional entre o MFA e os partidos políticos, bem como a confirmação pelo Presidente da República da data das eleições legislativas para 25 de Abril, são passos importantes e muito positivos no sentido da institucionalização do regime democrático em Portugal — afirmou o camarada Carlos Brito, membro da Comissão Política do CC do PCP, no comício realizado pela Comissão de Freguesia do PCP da Amadora no passado dia 27, no pavilhão gimnodesportivo da Associação Académica daquela vila.

Assistiram milhares de pessoas e usaram ainda da palavra a camarada Alda Nogueira, do CC do PCP, e os camaradas

mulheres para que nos mercados, nas lojas nos supermercados, nos locais de residência, de trabalho e outros se juntem e discutam entre si a melhor forma de protestar contra o aumento do custo de vida. Dirigindo-se em especial às mulheres presentes, afirmou a concluir.

Estamos certos de que as mulheres da Amadora, trabalhadoras, domésticas, jovens de todas as idades, que tantos e tantos exemplos de luta têm dado, não deixarão mais uma vez de lutar nas empresas, nos sindicatos, nas comissões de moradores, nas comissões de trabalhadores, nas comissões de domésticas, nas comissões do MDM enfim nas comissões constituídas ou a

Legislativa, denunciando as manobras do PPD para dificultar a assinatura e a definição do calendário eleitoral. Recordando os violentos ataques dirigidos por Sá Carneiro ao Presidente da República durante um comício realizado naquele mesmo Pavilhão, Carlos Brito afirmou: Berrou no deserto o ex-candidato a deputado nas listas da União Nacional fascista. As eleições presidenciais não se realizaram simultaneamente com as eleições legislativas e só terão lugar a 27 de Junho. Apesar de toda a chantagem, o PPD ficou isolado e foi derrotado neste ponto. E logo recordou outra derrota do PPD, essa sofrida ali mesmo na Amadora:



Ferrelindo Rosado, da Comissão Distrital de Lisboa da UJC e Marques Pedrosa, operário da Cometa. Na mesa estiveram representados diversos núcleos da organização local, nomeadamente das células da Fiat, Phillips, Sorefame e Celcat; Comissão de Freguesia de Barcarena, C.F. da Amadora e ainda UEC e UJC.

Falou em primeiro lugar a camarada Alda Nogueira que se dirigiu em especial às mulheres presentes, salientando a importância da mulher na luta contra o fascismo, pela conquista da liberdade, da democracia e da paz.

Referindo o papel das mulheres na luta pela defesa das conquistas da Revolução, Alda Nogueira recordou que: *vimo-las no 25 de Abril, no 28 de Setembro, no 11 de Março nas barricadas, nas estradas prontas a defender com coragem e grande espírito de luta as conquistas da nossa jovem democracia, acrescentando em seguida que hoje, quando a reacção se preocupa em explorar a seu favor os acontecimentos do 25 de Novembro, quando a reacção avança no meio de uma onda de terrorismo e violência previamente desencadeada, para tentar reconquistar as posições que perdeu após o 25 de Abril — hoje novamente nas primeiras linhas da luta para barrar o caminho à reacção se encontram, cada vez em maior número as mulheres deste país.*

Falou em seguida o camarada Rosado, da UJC, que se referiu ao papel que a juventude deve desempenhar em todos os sectores da vida nacional, e à importância da unidade das mais amplas camadas juvenis na luta contra o fascismo e na defesa das conquistas da revolução salientando os passos positivos que têm sido dados no fomento da aliança com a Juventude Socialista, malgrado as posições que a esse respeito vêm sendo assumidas pelas cúpulas do PS.

Foi depois a vez de Marques Pedrosa, da Cometa, que alertou para os graves perigos que no momento actual ameaçam as liberdades e a democracia, salientando as tentativas crescentes de recuperação capitalista por parte do patronato reaccionário com o apoio dos partidos da direita.

Alirmando que defender as conquistas alcançadas é tarefa de todos os trabalhadores, independentemente do partido a que cada um pertença, Marques Pedrosa terminou a sua intervenção fazendo um veemente apelo à unidade de todos os trabalhadores:

As batalhas que temos pela frente vão ser difíceis. Devemos ter a consciência disso. Mas devemo-nos também estar conscientes de que, se quisermos, podemos ultrapassar todas as dificuldades.

A dinamização e o desenvolvimento do movimento popular assente na unidade cada vez mais ampla das massas trabalhadoras, há-de ser a barreira que impedirá o avanço e fará recuar as forças reaccionárias — venham elas tão claras ou encapotadas.

Nos, os militantes comunistas, onde quer que nos encontremos, estamos e estaremos prontos a estender a nossa mão fraterna aos outros trabalhadores e não nos pouparemos a esforços para alcançar aquilo que é, afinal, o desejo de todos os trabalhadores: travar o caminho às forças da reacção, fechar definitivamente as portas da nossa Pátria ao fascismo, avançar na difícil mas radiante caminhada que nos há-de conduzir à criação de uma sociedade onde se ponha definitivamente termo à existência de exploradores e explorados.

A terminar usou da palavra o camarada Carlos Brito que começou por abordar dois importantes acontecimentos: a assinatura do Pacto entre o MFA e os partidos políticos e a marcação das eleições para a Assembleia

contra altas individualidades do poder político-militar, da sabotagem e perturbação dos circuitos comerciais originando a carência no mercado de produtos essenciais. E prosseguiu: Com este processo procura a direita reaccionária levantar novos descontentamentos contra a situação democrática existente, confundir e paralisar as massas populares, cindir as forças de esquerda e democráticas, dividir as Forças Armadas.

Esta é a situação que lhe convém para consolidar e ampliar as posições que reconquistou após o 25 de Novembro, tanto na comunicação social, como a coincidência de tantas e tantas posições do PS com as que são adoptadas por aqueles partidos. Salientando a larga hegemonia que o PS tem no actual Governo — seis ministros, 13 secretários e seis sub-secretários de Estado, um total de 25 membros, pelo menos — referiu a pesada responsabilidade que lhe cabe em cada acto governamental.

Quanto às proibições, do Secretariado do PS tendentes a impedir a unidade de socialistas e comunistas, Carlos Brito recordou a recente tomada de posição face aos acontecimentos de Benavilla, afirmando que nos sentimos autorizados a pensar que uma manobra arquitectada para envenenar as relações de amizade de socialistas e comunistas, a aproximação inevitável de socialistas e comunistas, ante a ameaça da reacção e do fascismo.

Reafirmou, a propósito, o espírito de unidade que anima os comunistas, não só em relação aos socialistas mas a todos aqueles civis e militares que queiram defender as liberdades e as outras conquistas da revolução, que estejam firmemente dispostos a bater a ameaça do fascismo, independentemente de posições anteriormente tomadas.

A terminar o nosso camarada falou da próxima campanha eleitoral salientando que o PCP concorre em todos os círculos e em todos se baterá para que sejam garantidas as liberdades e os direitos dos portugueses, para que sejam salvaguardados os interesses dos trabalhadores e demais camadas laboriosas da população; esclareceu que a plataforma política do PCP para as eleições só será definitivamente aprovada na Conferência Nacional a efectuar em 14 de Março, para a qual se está a proceder a grande debate democrático dentro do Partido, pois que se pretende que a preparação da Conferência seja também um amplo diálogo, um profundo debate com as massas trabalhadoras e o povo português.

E concluiu, salientando: Queremos que as propostas dos comunistas para a próxima campanha não reflectam apenas a opinião dos comunistas, mas as aspirações e interesses de todos os trabalhadores, dos pequenos e médios agricultores, dos pequenos comerciantes e industriais, das mulheres, da juventude, dos reformados.

Apresentamo-nos ao povo português reflectindo os seus próprios interesses e prontos a ser julgados, não pelas calúnias que sobre nós lançam todos os reaccionários, mas pela nossa acção e em defesa dos trabalhadores, das liberdades e das outras conquistas da Revolução, em defesa da independência nacional.

Classificando o significado das tentativas para impedir a condução do Pacto e a definição do calendário eleitoral, Carlos Brito que se inserem no vasto plano da direita reaccionária que tem em vista prolongar e agravar a situação de instabilidade política que ela vai fomentando por outras formas, através dos atentados terroristas, da doutrinação contra-revolucionária de grande parte da comunicação social, incluindo da estatizada, da violência anticomunista, das campanhas de calúnias e intrigas

Quando ao Pacto agora assinado Carlos Brito disse que, apesar de substancialmente diferente do anterior, nem por isso a sua celebração e o seu conteúdo se revestem de menor importância, dado que reserva ao MFA, através do Conselho da Revolução, um importante papel no nosso processo político — o papel de fiscalizador e de garante do processo democrático, do cumprimento da Constituição e do respeito pelas conquistas revolucionárias que ela consagra, nomeadamente as liberdades, as nacionalizações, a reforma agrária e o controlo operário.

Por isso mesmo, salientou, a celebração do Pacto representa uma derrota para aquelas forças políticas que visam subalternizar o CF, liquidar o papel político do MFA, remeter a quartéis os militares do 25 de Abril, grandes obreiros do derrubamento do fascismo.

O plano da reacção

Quanto ao Pacto agora assinado Carlos Brito disse que, apesar de substancialmente diferente do anterior, nem por isso a sua celebração e o seu conteúdo se revestem de menor importância, dado que reserva ao MFA, através do Conselho da Revolução, um importante papel no nosso processo político — o papel de fiscalizador e de garante do processo democrático, do cumprimento da Constituição e do respeito pelas conquistas revolucionárias que ela consagra, nomeadamente as liberdades, as nacionalizações, a reforma agrária e o controlo operário.

Por isso mesmo, salientou, a celebração do Pacto representa uma derrota para aquelas forças políticas que visam subalternizar o CF, liquidar o papel político do MFA, remeter a quartéis os militares do 25 de Abril, grandes obreiros do derrubamento do fascismo.

Por isso mesmo, salientou, a celebração do Pacto representa uma derrota para aquelas forças políticas que visam subalternizar o CF, liquidar o papel político do MFA, remeter a quartéis os militares do 25 de Abril, grandes obreiros do derrubamento do fascismo.

Enão devemos igualmente esquecer que no Chile democrático foi exactamente através das manobras de toda a espécie junto das mulheres domésticas que a reacção chilena — através do tristemente célebre "movimento das panelas" — conseguiu reforçar a sua ofensiva contra a jovem democracia chilena.

Referindo-se depois à actual política económica seguida pelo VI Governo, Alda Nogueira afirmou que entre as vítimas dessa política dirigida contra os interesses das massas trabalhadoras as mulheres são as principais afectadas, dado que representam 82,4% dos trabalhadores que ganham menos de 4000\$00.

A terminar a sua intervenção a camarada incentivou todas as

defensores mas a prática tem demonstrado que apenas pensam em manter os privilégios dos grandes capitalistas, os quais são sempre contrários aos dos mais fracos. Referindo-se à campanha reaccionária contra ela dirigida apenas pretende evitar que se concretize no Norte onde, como é natural, terá de ser feita de uma forma completamente diferente do que sucedeu no Sul, pois ali não existe o grande latifúndio, mas em contrapartida, há que respeitar os interesses dos rendeiros, o que não tem sido feito.

Entende-se que o CDS e o PPD, representantes do capital monopolista e dos grandes agrários e da aliança de uns e outros com o imperialismo, se opusessem e se oponham ao reconhecimento de um governo formado sob a égide do MPLA, verdadeiro movimento de libertação do povo de Angola.

Entende-se que Sá Carneiro se enfureça, pragueje e ameace, ante o reconhecimento de Angola livre e independente, como aconteceu, aqui na Amadora, no domingo passado. E a derrocada dos sonhos de um neocolonialista. É o desabar dos planos de quem desde o 25 de Abril, na conspiração Palma Carlos, no 28 de Setembro e a todo o momento pretendeu parar o processo de descolonização.

Entende-se e pensa-se: por muito que barafustem e se encolizem os Sás Carneiros e seus apaujanados, Angola está definitivamente libertada!

Quanto ao PS, que diz: Quer compromissos o impedam de apoiar o reconhecimento da República Popular de Angola, se trata o interesse nacional e o compromisso é irrefragávelmente esse reconhecimento? Se cada dia que passou depois do 11 de Novembro comprometeu as futuras relações de cooperação com o Estado Angolano e demais Estados africanos formados nas ex-colónias portuguesas?

Quanto às proibições, do Secretariado do PS tendentes a impedir a unidade de socialistas e comunistas, Carlos Brito recordou a recente tomada de posição face aos acontecimentos de Benavilla, afirmando que nos sentimos autorizados a pensar que uma manobra arquitectada para envenenar as relações de amizade de socialistas e comunistas, a aproximação inevitável de socialistas e comunistas, ante a ameaça da reacção e do fascismo.

Reafirmou, a propósito, o espírito de unidade que anima os comunistas, não só em relação aos socialistas mas a todos aqueles civis e militares que queiram defender as liberdades e as outras conquistas da revolução, que estejam firmemente dispostos a bater a ameaça do fascismo, independentemente de posições anteriormente tomadas.

A terminar o nosso camarada falou da próxima campanha eleitoral salientando que o PCP concorre em todos os círculos e em todos se baterá para que sejam garantidas as liberdades e os direitos dos portugueses, para que sejam salvaguardados os interesses dos trabalhadores e demais camadas laboriosas da população; esclareceu que a plataforma política do PCP para as eleições só será definitivamente aprovada na Conferência Nacional a efectuar em 14 de Março, para a qual se está a proceder a grande debate democrático dentro do Partido, pois que se pretende que a preparação da Conferência seja também um amplo diálogo, um profundo debate com as massas trabalhadoras e o povo português.

E concluiu, salientando: Queremos que as propostas dos comunistas para a próxima campanha não reflectam apenas a opinião dos comunistas, mas as aspirações e interesses de todos os trabalhadores, dos pequenos e médios agricultores, dos pequenos comerciantes e industriais, das mulheres, da juventude, dos reformados.

Apresentamo-nos ao povo português reflectindo os seus próprios interesses e prontos a ser julgados, não pelas calúnias que sobre nós lançam todos os reaccionários, mas pela nossa acção e em defesa dos trabalhadores, das liberdades e das outras conquistas da Revolução, em defesa da independência nacional.

Classificando o significado das tentativas para impedir a condução do Pacto e a definição do calendário eleitoral, Carlos Brito que se inserem no vasto plano da direita reaccionária que tem em vista prolongar e agravar a situação de instabilidade política que ela vai fomentando por outras formas, através dos atentados terroristas, da doutrinação contra-revolucionária de grande parte da comunicação social, incluindo da estatizada, da violência anticomunista, das campanhas de calúnias e intrigas

Quando ao Pacto agora assinado Carlos Brito disse que, apesar de substancialmente diferente do anterior, nem por isso a sua celebração e o seu conteúdo se revestem de menor importância, dado que reserva ao MFA, através do Conselho da Revolução, um importante papel no nosso processo político — o papel de fiscalizador e de garante do processo democrático, do cumprimento da Constituição e do respeito pelas conquistas revolucionárias que ela consagra, nomeadamente as liberdades, as nacionalizações, a reforma agrária e o controlo operário.

Por isso mesmo, salientou, a celebração do Pacto representa uma derrota para aquelas forças políticas que visam subalternizar o CF, liquidar o papel político do MFA, remeter a quartéis os militares do 25 de Abril, grandes obreiros do derrubamento do fascismo.



ENTUSIASMO E ALEGRIA NA FIL

Integrada na campanha de fundos que o nosso Partido vem promovendo a nível nacional, realizou-se no passado fim-de-semana na FIL uma grandiosa festa de Carnaval organizada pelo Comité Local de Lisboa e ainda pelas organizações juvenis do Partido.

Afluência de muitas camaradas cedo transformou os pavilhões da Feira Internacional num centro irradiador de alegria e confraternização. O ambiente animado que logo se gerou estava enquadrado por um conjunto de atractivos — balões, música, serviço de bar, jogos de venda com artigos de propaganda do Partido, projecção de filmes, etc — que proporcionaram a quantos ali se deslocaram momentos de convívio e camaradagem.

No Domingo, após a tarde infantil em que actuaram o Grupo Cultural da BP, que interpretou uma peça teatral e o camarada Mário Castrom, que recitou algumas quadras populares, seguiu-se uma sessão de canto livre amador onde estiveram presentes militantes da UJC.

EM CEBOLAIS DE CIMA

Com a presença de camarada Dias Lourenço, decorreu na tarde do sábado passado em Cebolais de Cima, distrito de Coimbra, uma sessão de esclarecimento, no cinema local.

Cebolais de Cima, que fica a poucos quilómetros da sede do Partido conta com algumas unidades da indústria têxtil, dependendo daí a vida laboral da maior parte dos seus habitantes.

Referindo-se às eleições para a Assembleia Legislativa, o camarada Dias Lourenço frisou a necessidade de essas eleições assegurarem uma importante força de esquerda na Assembleia Legislativa para que deste modo não se concretizem as intenções das forças de direita, que não hesitariam em retirar todas as garantias que os trabalhadores obtiveram, caso assegurem uma minoria. Defendeu a importância da unidade das forças de direita que após o 25 de Novembro passaram declaradamente à ofensiva, o camarada Dias Lourenço apontou as grandes tarefas do momento que se colocam ao Partido Comunista e a todas as forças antifascistas para que a Revolução Portuguesa não seja derrotada. Neste sentido salientou a necessidade da unidade de todos os trabalhadores na defesa das suas conquistas, frisando que hoje se depara cada vez mais com uma unidade de facto, nos locais de trabalho, entre trabalhadores comunistas, socialistas e de outros sectores políticos.

SESSÃO EM CEBOLAIS DE CIMA

Em Cebolais de Cima, povoação industrial, decorreu uma sessão de esclarecimento em que esteve presente o camarada Dias Lourenço

Referindo-se às eleições para a Assembleia Legislativa, o camarada Dias Lourenço frisou a necessidade de essas eleições assegurarem uma importante força de esquerda na Assembleia Legislativa para que deste modo não se concretizem as intenções das forças de direita, que não hesitariam em retirar todas as garantias que os trabalhadores obtiveram, caso assegurem uma minoria. Defendeu a importância da unidade das forças de direita que após o 25 de Novembro passaram declaradamente à ofensiva, o camarada Dias Lourenço apontou as grandes tarefas do momento que se colocam ao Partido Comunista e a todas as forças antifascistas para que a Revolução Portuguesa não seja derrotada. Neste sentido salientou a necessidade da unidade de todos os trabalhadores na defesa das suas conquistas, frisando que hoje se depara cada vez mais com uma unidade de facto, nos locais de trabalho, entre trabalhadores comunistas, socialistas e de outros sectores políticos.

Referindo-se às eleições para a Assembleia Legislativa, o camarada Dias Lourenço frisou a necessidade de essas eleições assegurarem uma importante força de esquerda na Assembleia Legislativa para que deste modo não se concretizem as intenções das forças de direita, que não hesitariam em retirar todas as garantias que os trabalhadores obtiveram, caso assegurem uma minoria. Defendeu a importância da unidade das forças de direita que após o 25 de Novembro passaram declaradamente à ofensiva, o camarada Dias Lourenço apontou as grandes tarefas do momento que se colocam ao Partido Comunista e a todas as forças antifascistas para que a Revolução Portuguesa não seja derrotada. Neste sentido salientou a necessidade da unidade de todos os trabalhadores na defesa das suas conquistas, frisando que hoje se depara cada vez mais com uma unidade de facto, nos locais de trabalho, entre trabalhadores comunistas, socialistas e de outros sectores políticos.

Referindo-se às eleições para a Assembleia Legislativa, o camarada Dias Lourenço frisou a necessidade de essas eleições assegurarem uma importante força de esquerda na Assembleia Legislativa para que deste modo não se concretizem as intenções das forças de direita, que não hesitariam em retirar todas as garantias que os trabalhadores obtiveram, caso assegurem uma minoria. Defendeu a importância da unidade das forças de direita que após o 25 de Novembro passaram declaradamente à ofensiva, o camarada Dias Lourenço apontou as grandes tarefas do momento que se colocam ao Partido Comunista e a todas as forças antifascistas para que a Revolução Portuguesa não seja derrotada. Neste sentido salientou a necessidade da unidade de todos os trabalhadores na defesa das suas conquistas, frisando que hoje se depara cada vez mais com uma unidade de facto, nos locais de trabalho, entre trabalhadores comunistas, socialistas e de outros sectores políticos.

Referindo-se às eleições para a Assembleia Legislativa, o camarada Dias Lourenço frisou a necessidade de essas eleições assegurarem uma importante força de esquerda na Assembleia Legislativa para que deste modo não se concretizem as intenções das forças de direita, que não hesitariam em retirar todas as garantias que os trabalhadores obtiveram, caso assegurem uma minoria. Defendeu a importância da unidade das forças de direita que após o 25 de Novembro passaram declaradamente à ofensiva, o camarada Dias Lourenço apontou as grandes tarefas do momento que se colocam ao Partido Comunista e a todas as forças antifascistas para que a Revolução Portuguesa não seja derrotada. Neste sentido salientou a necessidade da unidade de todos os trabalhadores na defesa das suas conquistas, frisando que hoje se depara cada vez mais com uma unidade de facto, nos locais de trabalho, entre trabalhadores comunistas, socialistas e de outros sectores políticos.

Referindo-se às eleições para a Assembleia Legislativa, o camarada Dias Lourenço frisou a necessidade de essas eleições assegurarem uma importante força de esquerda na Assembleia Legislativa para que deste modo não se concretizem as intenções das forças de direita, que não hesitariam em retirar todas as garantias que os trabalhadores obtiveram, caso assegurem uma minoria. Defendeu a importância da unidade das forças de direita que após o 25 de Novembro passaram declaradamente à ofensiva, o camarada Dias Lourenço apontou as grandes tarefas do momento que se colocam ao Partido Comunista e a todas as forças antifascistas para que a Revolução Portuguesa não seja derrotada. Neste sentido salientou a necessidade da unidade de todos os trabalhadores na defesa das suas conquistas, frisando que hoje se depara cada vez mais com uma unidade de facto, nos locais de trabalho, entre trabalhadores comunistas, socialistas e de outros sectores políticos.

Referindo-se às eleições para a Assembleia Legislativa, o camarada Dias Lourenço frisou a necessidade de essas eleições assegurarem uma importante força de esquerda na Assembleia Legislativa para que deste modo não se concretizem as intenções das forças de direita, que não hesitariam em retirar todas as garantias que os trabalhadores obtiveram, caso assegurem uma minoria. Defendeu a importância da unidade das forças de direita que após o 25 de Novembro passaram declaradamente à ofensiva, o camarada Dias Lourenço apontou as grandes tarefas do momento que se colocam ao Partido Comunista e a todas as forças antifascistas para que a Revolução Portuguesa não seja derrotada. Neste sentido salientou a necessidade da unidade de todos os trabalhadores na defesa das suas conquistas, frisando que hoje se depara cada vez mais com uma unidade de facto, nos locais de trabalho, entre trabalhadores comunistas, socialistas e de outros sectores políticos.

Referindo-se às eleições para a Assembleia Legislativa, o camarada Dias Lourenço frisou a necessidade de essas eleições assegurarem uma importante força de esquerda na Assembleia Legislativa para que deste modo não se concretizem as intenções das forças de direita, que não hesitariam em retirar todas as garantias que os trabalhadores obtiveram, caso assegurem uma minoria. Defendeu a importância da unidade das forças de direita que após o 25 de Novembro passaram declaradamente à ofensiva, o camarada Dias Lourenço apontou as grandes tarefas do momento que se colocam ao Partido Comunista e a todas as forças antifascistas para que a Revolução Portuguesa não seja derrotada. Neste sentido salientou a necessidade da unidade de todos os trabalhadores na defesa das suas conquistas, frisando que hoje se depara cada vez mais com uma unidade de facto, nos locais de trabalho, entre trabalhadores comunistas, socialistas e de outros sectores políticos.

Referindo-se às eleições para a Assembleia Legislativa, o camarada Dias Lourenço frisou a necessidade de essas eleições assegurarem uma importante força de esquerda na Assembleia Legislativa para que deste modo não se concretizem as intenções das forças de direita, que não hesitariam em retirar todas as garantias que os trabalhadores obtiveram, caso assegurem uma minoria. Defendeu a importância da unidade das forças de direita que após o 25 de Novembro passaram declaradamente à ofensiva, o camarada Dias Lourenço apontou as grandes tarefas do momento que se colocam ao Partido Comunista e a todas as forças antifascistas para que a Revolução Portuguesa não seja derrotada. Neste sentido salientou a necessidade da unidade de todos os trabalhadores na defesa das suas conquistas, frisando que hoje se depara cada vez mais com uma unidade de facto, nos locais de trabalho, entre trabalhadores comunistas, socialistas e de outros sectores políticos.

Ernest Henri, conhecido especialista de política internacional, demonstra nesta obra, com grande profusão de exemplos, que a social-democracia de direita nunca criou nada de grande. Mas, sempre que os socialistas renunciaram ao anti-comunismo e marcharam lado a lado com os comunistas e as outras forças de esquerda na luta pelos direitos dos trabalhadores, pela paz, contra a reacção e o fascismo, foram alcançadas grandes vitórias.

LÊ-ASSINA-DIVULGA
CURSO BÁSICO DO COMUNISMO CIENTÍFICO
Camarada: Lê e difunde o «AVANTE!» Organiza postos e grupos de venda

A FIDELIDADE DA URSS AO MARXISMO-LENINISMO INSPIRA TOTAL CONFIANÇA AOS REVOLUCIONÁRIOS E AOS HOMENS PROGRESSISTAS DE TODO O MUNDO

Os trabalhos do XXV Congresso do PCUS reafirmam a fidelidade dos comunistas soviéticos aos princípios criadores estabelecidos por Marx, Engels e Lênine, reforçando a posição da União Soviética na vanguarda da luta pela paz, felicidade e progresso dos povos de todo o mundo

Moscovo — Os 4998 delegados ao órgão supremo do partido de Lênine vão iniciar o último debate do décimo plano quinquenal para 1976-1980, cujo objectivo essencial é elevar o nível de vida e de cultura de 250 milhões de homens que habitam a sexta parte da terra, num país socialista que tem alcançado os maiores êxitos dos últimos anos ao serviço do progresso da humanidade.

O 25.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética continua reunido em Moscovo, até ao dia 5 do corrente. Na sessão da manhã da última segunda-feira, terminados os debates do relatório do CC, aprovado por unanimidade, uma ovacão impressionante assinalou o final dessa parte dos trabalhos. Seguiu-se o relatório do camarada Kossiguine, presidente do Conselho de Ministros e membro do Bureau Político do Comité Central. Os últimos dias serão dedicados à sua leitura e debate, terminando o congresso com o resultado das eleições para o Comité Central.

Sob o título de «Grandes Opções da Economia Nacional da URSS para 1976-1980», o relatório apresentado pelo camarada Kossiguine foi transcrito pela «Pravda», na forma de projecto em 14 de Dezembro do ano findo. Amplamente debatido em todas as organizações do partido e objecto de milhares e milhares de artigos nos jornais e cartas dos leitores, propõe alterações e sugestões, o plano quinquenal, como é vulgarmente conhecido, tem um volume de 129 páginas e dele constam, além dos principais resultados do desenvolvimento económico nacional da URSS em 1971-1975, as «tarefas essenciais do desenvolvimento da economia nacional da URSS para 1976-1980».

O congresso tem sido assinalado por grande entusiasmo e fervor revolucionário na afirmação dos princípios do marxismo-leninismo, nomeadamente do internacionalismo proletário e da solidariedade fraternal entre os povos de todo o mundo. O clima de intenso trabalho passa da sala das sessões para as salas e corredores no exterior onde o escol soviético dos trabalhadores de todos os ramos da indústria, da agricultura, do ensino, das ciências, da saúde, da cultura, das forças armadas e do funcionalismo consultam as brochuras do Congresso, trocam opiniões e são entrevistados pela TV, pela Rádio e os jornais, num ambiente de perfeita coesão e firme confiança no futuro.

Centenas de heróis do trabalho socialista, ombream com milhares de trabalhadores altamente especializados, construtores de uma indústria florescente, de uma agricultura próspera e de alguns dos maiores êxitos da ciência mundial, nos últimos anos.

A delegação do nosso partido tem sido alvo de grande simpatia. Por mais de uma vez, o camarada Álvaro Cunhal foi rodeado pelos congressistas, por delegados e delegadas que lhe solicitavam uma palavra sobre Portugal, uma fotografia em grupo ou a sua assinatura nas brochuras do Congresso.

UMA POLÍTICA DE PAZ E DE PROGRESSO CONSTANTE

Terminaram, entretanto, as intervenções dos delegados ao 25.º Congresso do PCUS acerca do relatório do Comité Central apresentado pelo camarada L. Brejnev. Durante quatro dias, em sessões diárias de 8 horas, os delegados eleitos pelas organizações do partido e os dirigentes dos partidos comunistas das Repúblicas Soviéticas, das regiões e grandes cidades da URSS, referiram-se aos resultados do nono plano quinquenal (1971-1975) divulgando os êxitos alcançados e as deficiências a corrigir.

O relatório do Comité Central do PCUS mereceu o apoio militante dos 4998 congressistas com direito a voto, que, em dezenas de intervenções, indicaram ao Congresso as perspectivas abertas para o cumprimento do próximo plano quinquenal nos vários sectores da economia, da lavoura, do ensino, saúde, assistência social, cultura e restantes actividades a todos os níveis da vida soviética, do partido e do Estado.

Dividido em três partes principais: a situação do mundo e a actividade internacional do PCUS; Resultados do quinquênio e tarefas principais da política económica do partido; O partido e o socialismo (desenvolvimento) o relatório apresentado pelo secretário-geral camarada L. Brejnev, foi amplamente discutido e divulgado, dentro e fora do Congresso.

O programa de paz, aprovado no 24.º Congresso (1971), o fortalecimento do serviço da amizade e cooperação com outros países socialistas e os êxitos históricos do mundo socialista, bem como o aumento do seu poderio e influência, ocupam lugar de relevo no documento do CC e foram largamente debatidos nas intervenções dos delegados. «Nas relações com os países socialistas — afirma o relatório — o PCUS actuará firmemente uma regra provada: actuar dentro de um espírito de verdadeira igualdade e de interesse pelos êxitos de todos e adoptar decisões, que não tenham em conta, apenas,

os interesses nacionais, mas também os internacionais. Quaisquer que sejam os problemas surgidos, em nosso entender, há que resolvê-los num espírito de robustecimento da amizade, da unidade e da cooperação. Nele baseamos as nossas relações com os Irmãos Estados Socialistas da Bulgária, Vietname, Hungria, RDA, República Democrática Popular da Coreia, Cuba, Mongólia, Polónia, Roménia, Checoslováquia e Jugoslávia».

Depois de lembrar que «a industrialização combativa dos partidos comunistas dos países socialistas», é a base essencial da estreita cooperação entre a URSS e esses países, o relatório do camarada Brejnev assinala que «a comunidade socialista é hoje a força económica mais dinâmica do mundo».

«No último quinquênio — prossegue o documento — a indústria desses países socialistas desenvolveu-se com rapidez quatro vezes superior à dos estados capitalistas desenvolvidos. Em 1975 os países da nossa comunidade alcançaram muito mais do dobro da produção industrial dos países do Mercado Comum».

Uma importância extraordinária é atribuída pelo relatório ao programa da integração económica socialista a longo prazo, assinado em 1971 por todos os países da CAME (Conselho de Ajuda Mútua Económica). Esse programa «eleva a cooperação dos países socialistas a um nível muito superior ao do simples desenvolvimento do comércio. Significa, por exemplo, o potencial conjugado de recursos naturais para o proveito geral» a construção conjunta de grandes complexos industriais, que podem satisfazer as necessidades de todos os participantes, e a cooperação programada para muitos anos, entre empresas e ramos inteiros da indústria dos nossos países».

O comércio entre os países socialistas desenvolveu-se, por sua vez, em bom ritmo. Segundo o relatório do CC, o intercâmbio comercial da URSS com os outros países do CAME aumentou mais

luta ideológica sobem cada vez mais ao primeiro plano e a verdade acerca do socialismo é uma poderosa arma nessa luta».

Centenas de milhões de habitantes da terra pensam e sentem hoje sob essa influência benéfica do socialismo, que «garante aos trabalhadores a liberdade, direitos verdadeiramente democráticos, o bem-estar, amplo acesso ao saber e uma firme segurança quanto ao futuro».

O relatório da actividade do CC do PCUS lembra que o socialismo traz a paz, o respeito pela soberania de todos os países e a cooperação interestatal em pé de igualdade e de apoio para os povos que lutam pela liberdade e pela independência. O dia de amanhã — sublinhou o camarada Brejnev — trará indubitavelmente novas provas das possibilidades ilimitadas do socialismo, da sua superioridade histórica sobre o capitalismo. O PCUS, junto com os outros partidos irmãos, continuará fazendo todo o possível para que o exemplo do socialismo triunfante brilhe com uma força cada dia maior».

UM NOVO PROGRAMA PARA A SEGURANÇA DOS POVOS

Depois de analisar demoradamente o fortalecimento da colaboração com os países libertados e a elevação do papel que estes desempenham no desenvolvimento mundial, o relatório do Comité Central do PCUS, ao designar grande número de países do chamado Terceiro-Mundo a quem a URSS tem prestado uma ajuda consecutiva, refere-se nestes termos às ex-colónias portuguesas:

«No período de que prestamos contas, fez-se muito também para continuar a multiplicar as relações de amizade com os estados de África. Na primeira metade dos anos 70, começou a etapa final da derrocada do sistema colonial no continente africano. Os comunistas soviéticos saudam calorosamente a vitória dos povos da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, de Moçambique e Angola, que corou a sua luta heróica de muitos anos pela independência. O PCUS solidarizou-se sempre com estes povos e prestou a máxima ajuda aos patriotas em luta. Hoje, temos a satisfação de também as nossas relações interestatais com esses países se estabelecerem num espírito de sincera amizade e mútuo entendimento».

Após o capítulo referente ao desenvolvimento das relações com os países europeus, em que

ênica pacífica. E ainda podemos declarar firmemente que, se em Pequim retomarem uma política baseada efectivamente no marxismo-leninismo, se renunciarem à linha hostil aos países socialistas e escolherem o caminho da cooperação e da solidariedade com o mundo socialista, isso encontrará o eco correspondente da nossa parte e abrir-se-á a possibilidade do desenvolvimento de boas relações entre a URSS e a RPOCH de relações baseadas nos princípios do internacionalismo socialista. Tem agora a palavra a parte chinesa».

UM NOVO PROGRAMA PARA A SEGURANÇA DOS POVOS

Depois de analisar demoradamente o fortalecimento da colaboração com os países libertados e a elevação do papel que estes desempenham no desenvolvimento mundial, o relatório do Comité Central do PCUS, ao designar grande número de países do chamado Terceiro-Mundo a quem a URSS tem prestado uma ajuda consecutiva, refere-se nestes termos às ex-colónias portuguesas:

«No período de que prestamos contas, fez-se muito também para continuar a multiplicar as relações de amizade com os estados de África. Na primeira metade dos anos 70, começou a etapa final da derrocada do sistema colonial no continente africano. Os comunistas soviéticos saudam calorosamente a vitória dos povos da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, de Moçambique e Angola, que corou a sua luta heróica de muitos anos pela independência. O PCUS solidarizou-se sempre com estes povos e prestou a máxima ajuda aos patriotas em luta. Hoje, temos a satisfação de também as nossas relações interestatais com esses países se estabelecerem num espírito de sincera amizade e mútuo entendimento».

Após o capítulo referente ao desenvolvimento das relações com os países europeus, em que

o) Lutar para que, em vez do actual aumento das despesas militares em muitos estados, surja a prática da sua redução sistemática;

d) Tomar todas as medidas necessárias à mais rápida convocação da Conferência Mundial para o Desarmamento.

— Concentrar os esforços dos estados amantes da paz na liquidação dos focos de guerra que ainda rosnam e antes de mais nada, na obtenção de uma regularização justa e sólida no Médio Oriente. Relativamente a esta regularização, os países intervenientes devem examinar o problema da contribuição a dar para a cessação da corrida aos armamentos no Médio Oriente.

— Fazer tudo para aprofundar o desanuviamento internacional e para o moldar em formas concretas de cooperação mutuamente vantajosa entre os estados. Conduzir firmemente a orientação que visa materializar totalmente o cumprimento da acta final da Conferência Europeia e do desenvolvimento da cooperação pacífica na Europa. De acordo com os princípios da coexistência pacífica, prosseguir conscientemente o desenvolvimento de relações de cooperação mutuamente vantajosa a longo prazo nos vários sectores (político, económico, científico e cultural) com os Estados Unidos, França, RFA, Grã-Bretanha, Itália, Canadá, Japão e outros estados capitalistas.

— Trabalhar para a garantia da segurança na Ásia, com base nos esforços conjuntos dos estados deste continente.

— Procurar concluir um tratado mundial sobre a não utilização da força nas relações internacionais.

— Considerar uma das tarefas internacionais mais importantes a liquidação completa de todos os restos do sistema de opressão colonial, da violação da igualdade de direitos e da independência dos povos, bem como de todos os focos do colonialismo e do racismo.

— Conseguir que sejam eliminadas a discriminação e quaisquer barreiras artificiais no comércio in-

ternacional, conseguir a liquidação de todas as manifestações de desigualdade, imposição e exploração nas relações económicas internacionais.

Tais são, camaradas — acrescentou o secretário-geral do PCUS — as tarefas principais, cuja execução é exigida, em nosso firme entender, nas condições actuais, pelos interesses da paz e da segurança dos povos, bem como pelo progresso da humanidade. Nós encaramos estas propostas como o prosseguimento e o desenvolvimento orgânicos do Programa da Paz, apresentado pelo 24.º Congresso do Partido, como um programa de luta ulterior pela paz e a cooperação internacional, pela liberdade e independência dos povos. Orientaremos a política do nosso País para a solução destas tarefas e cooperaremos neste sentido com outros estados amantes da paz».

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

— Aprofundar os esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

característico que uma crise de tamanha envergadura tenha atingido a economia monopolista de estado altamente desenvolvida, formada ao longo do período posterior à 2.ª Guerra Mundial. O capitalismo tentou por todos os meios seguir, por assim dizer, a par e passo com o tempo e empregar diferentes métodos de regularização da economia. Isso permitiu estimular o crescimento económico, mas, como previram os comunistas, não pôde eliminar as contradições do capitalismo. A redução vertical da produção e o crescimento do desemprego na maioria dos países capitalistas entrelaçaram-se com abalos tão sérios da economia mundial como as crises monetária, energética e de matérias-primas. A inflação

coordena activamente, as suas actividades anticomunistas. Nós, os comunistas soviéticos, pensamos que a defesa do internacionalismo proletário é um dever sagrado de todos os marxistas-leninistas».

A FORÇA QUE TRAVA OS IMPETOS AGRESSIVOS DO IMPERIALISMO

Ponto alto do Congresso foi a intervenção do camarada Álvaro Cunhal, cuja alocução publicamos noutro local. Entusiasticamente recebido foi, por sua vez, o discurso do camarada Fidel Castro, Primeiro-Ministro e Primeiro-Secretário do Partido Comunista de Cuba. O fervor revolucionário e a força do internacionalismo socialista assinalaram também as intervenções do camarada Nito Alves, membro do Bureau Político do Comité Central do MPLA, do camarada Erich Honecker, primeiro-secretário do CC do Partido Socialista Unificado da Alemanha, do camarada Todor Zhivkov, primeiro-secretário do CC do Partido Comunista Búlgaro, do camarada Le Duan, primeiro-secretário do Partido dos Trabalhadores do Vietname do Norte, a da camarada Nguyen Thi Binh, representante da Frente de Libertação Nacional do Vietname do Sul. Todos os delegados dos países socialistas e dos partidos irmãos, que assistiram ao Congresso, foram recebidos com fortes aplausos.

Interrompido dezenas de vezes pelas palmas rimadas de toda a sala, o camarada Fidel Castro, num discurso curto e calvinete, começou por expor os sentimentos dos comunistas e de todo o povo cubano, para com o PCUS e o povo soviético, no seio do qual se formou «o primeiro destacamento victorioso da classe operária internacional».

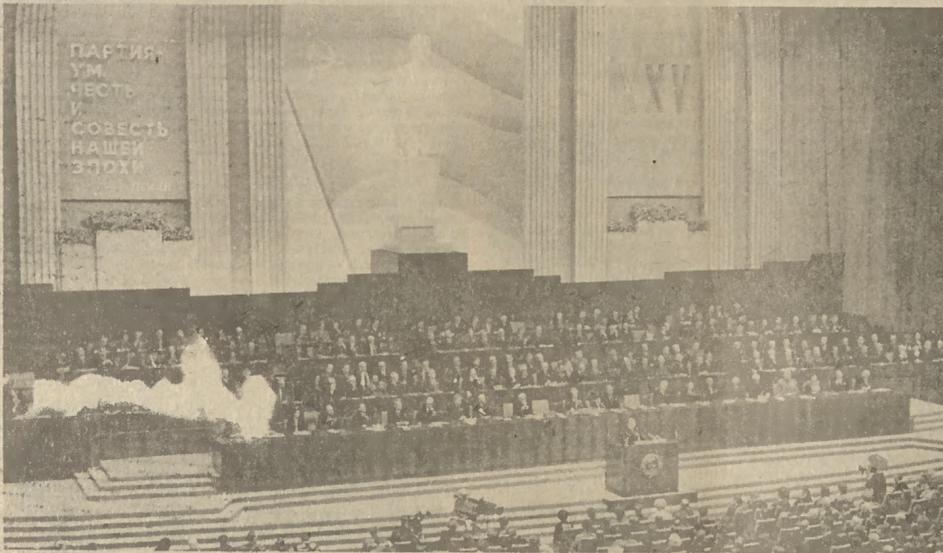
«Nenhum revolucionário — afirmou — deixou de sentir o alento e o estímulo que sempre emanou dos comunistas soviéticos». Referindo-se ao espírito e aos princípios da Grande Revolução de Outubro, o primeiro-secretário do PCC acrescentou que «nenhum acontecimento de tempo nenhum influenciou tanto a mente dos homens, o destino dos povos e o progresso do mundo. A humanidade viveu a partir de então o período mais fecundo de transformação revolucionária de toda a sua existência».

Lembrando a 2.ª Guerra Mundial, o camarada Fidel Castro — afirmou que os 20 milhões de soviéticos que morreram na Guerra-Pátria foi o preço terrível imposto pelo mais tenebroso intento da reacção mundial para travar a marcha inexorável da humanidade para alcançar a meta da Justiça, Bem-Estar e Paz.

«Essa luta pela libertação da Pátria transformou os soldados soviéticos em combatentes invencíveis. O poder das suas armas tornou-se extraordinário. Mas, pela primeira vez na História — acrescentou o camarada Fidel Castro — a força militar de um grande estado não se desenvolveu para opprimir outras nações, para a exploração dos povos, para a conquista e para a guerra (...) escudo indestrutível que trava os impetus agressivos do

imperialismo contra os povos pequeninos e débeis, sem ele, sem o mais sólido baluarte da paz mundial — que são as Forças Armadas soviéticas, «nesta época de escassez energética, as potências capitalistas não teriam hesitado em reparar de novo o mundo entre si».

«O sol nunca poderá tapar-se com um dedo — disse Fidel. A História verdadeira não a escreverão os reacçãoários, os caluniosos, os intrigantes ou os traidores, chamem-se eles fascistas, chamem-se burgueses ou maquiavistas, porque a própria História os varrerá a todos (...). Também os hitlerianos acreditarão um dia que sobre as ruínas da União Soviética construiriam um império de mil anos. Mas tanto no campo material como no campo moral, a União Soviética é já indestrutível. E nada poderá minar o seu prestígio — acentuou o camarada Fidel Castro — porque a seriedade da sua conduta internacional, o seu sentido profundo da responsabilidade histórica para com o movimento revolucionário e a invariável fidelidade da União Soviética a uma política de princípios ao longo de sua existência inspiram aos revolucionários sinceros e aos homens progressistas de todo o mundo uma confiança ilimitada».



de 100 por cento nos últimos cinco anos. «Hoje alcança uma soma impressionante: 26 mil milhões de rublos anuais».

Depois de informar «com profunda satisfação, o Congresso de que os dirigentes dos partidos comunistas da comunidade socialista mantém um contacto permanente, o relatório do camarada Brejnev refere-se à Comissão Política Consultiva do Tratado de Varsóvia como «importante forma de cooperação dos dirigentes dos nossos partidos e países», servindo firmemente os interesses da paz e do socialismo.

«Somos inimigos resolutos da divisão do mundo em blocos militares opostos e da corrida aos armamentos. A nossa posição a esse respeito é bem conhecida — sublinha o relatório. No entanto, é necessário proclamar com toda a clareza que, enquanto existir o bloco da OTAN e os círculos militaristas desenvolverem a corrida aos armamentos, o nosso país e os outros signatários do Tratado de Varsóvia fortalecerão essa aliança político-militar».

A colaboração ideológica com os restantes países socialistas é também referida no histórico documento do PCUS. Os partidos comunistas dos países irmãos reúnem-se com regularidade, através dos seus dirigentes encarregados da actividade ideológica e internacional.

Nos últimos cinco anos, desenvolveram-se muitos ramos da ciência, «graças ao esforço colectivo dos cientistas dos países socialistas». O nível do trabalho de educação ideológica em cada um dos partidos tem aumentado, o que leva os comunistas a actuar cada vez mais com maior êxito na confrontação ideológica entre o socialismo e o capitalismo.

«Isso é muito importante nas condições actuais — lembra o relatório — dado que os problemas da

absolutamente alheia aos princípios e ideais socialistas, como, em essência, passou a ser serva importante do imperialismo na sua luta contra o socialismo.

As delirantes intenções de Pequim no sentido de frustrar o desanuviamento, impedir o desarmamento e semear a desconfiança e a inimizade entre os estados, bem como o seu desejo de provocar uma guerra mundial com o fim de beneficiar com ela, constituem um grande perigo para todos os povos pacíficos. Essa política de Pequim — refere ainda o camarada Brejnev no relatório do CC do PCUS — entra em contradição profunda com os interesses de todos os povos. Replicaremos a essa política incendiária e defenderemos os interesses do país dos soviéticos, da comunidade socialista e do movimento comunista internacional — sublinhou entre prolongados aplausos o secretário-geral do PCUS. Presentemente, seria pouco dizer que a ideologia e a política maioistas são incompatíveis com o marxismo-leninismo. São-lhe francamente hostis — precisou o camarada Brejnev, que prosseguindo, afirmou:

«Nas relações com a China, o nosso partido segue cabalmente a linha definida pelo 24.º Congresso. A justeza dessa linha foi confirmada pela vida. Continuaremos a desenvolver contra o maioismo uma luta de princípios intransigente».

«Ao mesmo tempo, queria confirmar uma vez mais — acrescentou o secretário-geral do PCUS — que, em relação à China, como em relação a outros países, continuamos a manter os princípios da igualdade, respeito pela soberania e integridade territorial, não ingerência nos assuntos internos e recusa do emprego da força. Resumindo, estamos dispostos a normalizar as relações com a China na base dos princípios da coexistência pacífica. E ainda podemos declarar firmemente que, se em Pequim retomarem uma política baseada efectivamente no marxismo-leninismo, se renunciarem à linha hostil aos países socialistas e escolherem o caminho da cooperação e da solidariedade com o mundo socialista, isso encontrará o eco correspondente da nossa parte e abrir-se-á a possibilidade do desenvolvimento de boas relações entre a URSS e a RPOCH de relações baseadas nos princípios do internacionalismo socialista. Tem agora a palavra a parte chinesa».

— Fazer todo o possível para a conclusão dos preparativos do novo acordo entre a URSS e os EUA sobre a limitação e redução dos armamentos estratégicos, para a conclusão de tratados internacionais sobre a cessação geral e completa das experiências com armas nucleares, sobre a proibição e liquidação das armas químicas, sobre a proibição de fabricar novos tipos e sistemas de armas de extermínio em massa, bem como da influência sobre o meio ambiente com objectivos militares e outros fins hostis;

b) Empreender novos esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

se dá relevo especial à Conferência Europeia de Helsínquia em defesa do desanuviamento e da paz duradoura na Europa, cujos «resultados valem os esforços desenvolvidos», o relatório apresentado pelo camarada Brejnev inclui o «programa de luta ulterior pela paz e colaboração internacional, pela liberdade e a independência dos povos», requer hoje, em primeiro lugar, o cumprimento das seguintes tarefas:

«Ao fortalecer constantemente a unidade dos estados socialistas irmãos e ao fomentar a sua cooperação multilateral na edificação da nova sociedade, aumentará a sua contribuição activa para o fortalecimento da paz.

— Lutar para que termine a crescente corrida aos armamentos.

Tendo em conta estes objectivos:

a) Fazer todo o possível para a conclusão dos preparativos do novo acordo entre a URSS e os EUA sobre a limitação e redução dos armamentos estratégicos, para a conclusão de tratados internacionais sobre a cessação geral e completa das experiências com armas nucleares, sobre a proibição e liquidação das armas químicas, sobre a proibição de fabricar novos tipos e sistemas de armas de extermínio em massa, bem como da influência sobre o meio ambiente com objectivos militares e outros fins hostis;

b) Empreender novos esforços para tornar mais activas as conversações sobre a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Depois de se chegar a acordo sobre os primeiros passos concretos nesta direcção, dar continuidade, nos anos seguintes, à causa do desanuviamento militar na referida região;

internacional, conseguir a liquidação de todas as manifestações de desigualdade, imposição e exploração nas relações económicas internacionais.

Tais são, camaradas — acrescentou o secretário-geral do PCUS — as tarefas principais, cuja execução é exigida, em nosso firme entender, nas condições actuais, pelos interesses da paz e da segurança dos povos, bem como pelo progresso da humanidade. Nós encaramos estas propostas como o prosseguimento e o desenvolvimento orgânicos do Programa da Paz, apresentado pelo 24.º Congresso do Partido, como um programa de luta ulterior pela paz e a cooperação internacional, pela liberdade e independência dos povos. Orientaremos a política do nosso País para a solução destas tarefas e cooperaremos neste sentido com outros estados amantes da paz».

— Lutar para que termine a crescente corrida aos armamentos.

Tendo em conta estes objectivos:

a) Fazer todo o possível para a conclusão dos preparativos do novo acordo entre a URSS e os EUA sobre a limitação e redução dos armamentos estratégicos, para a conclusão de tratados internacionais sobre a cessação geral e completa das experiências com armas nucleares, sobre a proibição e liquidação das armas químicas, sobre a proibição de fabricar novos tipos e

DISCURSO DE ÁLVARO CUNHAL NO XXV CONGRESSO DO PCUS

«Anima-nos e reforça-nos o apoio, a confiança e a solidariedade do glorioso povo soviético educado pelo partido de Lênine e nos elevados e imorredoramente ideais do internacionalismo proletário, que este XXV Congresso brilhantemente confirma»

Queridas camaradas:

Há quase cinco anos, no XXIV Congresso do vosso partido, esteve uma delegação do Partido Comunista Português, então um partido clandestino cruelmente perseguido por uma ditadura fascista que tiranizava Portugal há quase meio século.

Então não existiam relações diplomáticas entre Portugal e a União Soviética e as relações entre os nossos dois partidos eram não só a mais elevada mas a quase única expressão das relações entre o povo português e o povo soviético. Dantes os marinheiros soviéticos, impedidos de desembarcar, só de bordo podiam ver Lisboa. Agora existe embaixada da URSS em Portugal, são frequentes as missões oficiais soviéticas e as visitas de cidadãos soviéticos e pudemos já ter connosco, na terra portuguesa libertada do fascismo, Valentina Terechkova.

Hoje, é em nome de um partido legal, que há quase dois anos participa no governo e que tem tido decisivo papel nas profundas transformações democráticas alcançadas em Portugal, que trazemos ao XXV Congresso do Partido Comunista da União Soviética e por seu intermédio a todo o povo soviético as calorosas saudações de combate do Partido Comunista Português. Trazemos por isso também as saudações de Portugal libertado do fascismo, do novo Portugal democrático e revolucionário.

Do coração desejamos um êxito completo ao Congresso certos de que terá profundas repercussões internacionais e de que constituirá um importante passo na construção do comunismo, na construção da sociedade onde foi posto fim a todas as formas de opressão e discriminação, onde se verifica o aumento contínuo do bem estar material e cultural dos trabalhadores, onde o ritmo de desenvolvimento não conhece paralelo, e onde se expande a democracia socialista, cujo conteúdo político, económico e social traduz a efectiva igualdade e liberdade do ser humano, assente na liquidação da exploração do homem pelo homem.

Sabeis bem, camaradas, comunistas soviéticos, que sois necessários à classe operária, às massas trabalhadoras de todos os países. Infelizmente ainda uma grande parte da humanidade se encontra sob o jugo do imperialismo. O imperialismo prepara novas guerras, explora centenas de milhões de seres humanos e quer tornar eterno o seu poder reaccionário.

Camaradas delegados ao Congresso!

Querido camarada Brejnev! A própria existência da União Soviética, toda a vossa actividade na construção da primeira sociedade comunista, a atnagrada luta pela paz e a segurança — é como luz do sol sobre a terra.

A constante e activa solidariedade do povo soviético para com o povo português, que vem do tempo do fascismo e que foi tão vivamente expressa no relatório apresentado pelo camarada Brejnev, toca profundamente os sentimentos de todos os revolucionários do nosso país. O povo soviético e o partido de Lênine poderão, pela sua parte,

contar, hoje e sempre com a amizade e a solidariedade dos comunistas portugueses.

Camaradas:

Embora num processo acidentado, irregular, incerto, roído de contradições nos próprios órgãos do poder, a revolução portuguesa alcançou, no espaço de dois anos, êxitos consideráveis.

Foram conquistadas amplas liberdades. Foi posto fim à guerra colonial. Foi dada uma contribuição positiva para a conquista da independência pelos povos dantes submetidos ao colonialismo português. Foram melhoradas as condições de vida dos trabalhadores. Foram nacionalizados os bancos e os sectores básicos da indústria e dos transportes. Foi instaurado o controlo operário e a efectiva direcção dos trabalhadores em centenas de empresas. Foi iniciada a reforma agrária numa vasta região do país, onde os trabalhadores rurais e os pequenos agricultores, numa luta tenaz e corajosa, ocuparam cerca de 1 milhão de hectares de terra dos latifúndios e aí organizaram herdades colectivas e cooperativas, dando heroicamente os primeiros passos na edificação de uma agricultura portuguesa sem explorados e sem exploradores.

Traza-se de vitórias históricas do povo português, de transformações democráticas profundas. Tudo faremos para que sejam irreversíveis.

É certo que ultimamente, novas dificuldades e novos perigos surgiram no processo revolucionário. Apoiando e instigando as forças reaccionárias internas, o imperialismo e a reacção mundial fizeram toda a espécie de pressões, chantagens e ingerências contra a Revolução portuguesa.

Os dirigentes chineses, pela sua parte, ao mesmo tempo que não querem estabelecer relações com Portugal democrático, porque ao governo pertencem comunistas, convidam o secretário geral do partido reaccionário PPD a ir à China e fomentam a actividade em Portugal de grupos maioistas que são um instrumento directo da reacção.

A reacção interna e externa ataca com particular violência o PCP porque o PCP defende firmemente, que o facto de Portugal ser um "pequeno" país, de estar na Europa capitalista e de pertencer à OTAN não retira ao povo português o direito de decidir o regime social e político em que deseja viver.

Há quem diga que o nosso partido quer tomar conta do poder por um golpe de força, apoiando-se numa minoria revolucionária. Isto, naturalmente não corresponde à verdade.

Nós não somos blanquistas, não somos conspiradores. Nós baseamo-nos no socialismo científico e esforçamo-nos por convencer as mais largas massas da justiça dos nossos pontos de vista e das nossas posições.

Mas não queremos que se mantenham as bases do capital monopolista e da reacção, de que novo podem conduzir Portugal ao fascismo.

O nosso povo sofreu demasiado durante mais de quarenta anos de fascismo para que de novo queira voltar a tal tirania.

Activamente apoiadas pela reacção internacional, avançando no caminho aberto pelo anticomunismo e pela aliança com a direita dos dirigentes do PS, beneficiando do aventurismo e de provocações pseudorevolucionárias, fomentando e aproveitando a cisão que se produziu no seio do MFA e que conduziu à sublevação de Novembro e à derrota da esquerda militar, as forças reaccionárias procuram obter êxitos decisivos.

A campanha anticomunista adquire extraordinária violência. Têm lugar incêndios de sedes do Partido e atentados à bomba.



Álvaro Cunhal entre os congressistas

Em vários distritos instalou-se um poder local reaccionário que força essas zonas o Partido a agir na clandestinidade ou na semi-clandestinidade. A reacção toma posições no aparelho do Estado, exige a liquidação das transformações democráticas e procura criar condições para a instauração de uma nova ditadura.

As massas populares estão entretanto dando resposta à ofensiva reaccionária e retomando a iniciativa. Apesar da complexa situação, continuamos confiantes em que o povo português assegurará o prosseguimento do processo democrático.

Tudo faremos para facilitar o reagrupamento e o reforço do MFA e a unidade das forças armadas no espírito da defesa da democracia e da independência nacional.

Não poupamos esforços para desenvolver o movimento operário e popular, para reforçar o movimento sindical e as ligas camponesas, para mobilizar amplas massas, para aproximar e unir todas as forças, todos os portugueses e portuguesas antifascistas, democratas, progressistas.

Consideramos de particular importância a aproximação, entendimento e acção comum de comunistas e socialistas, que apesar da

dos agrários e do imperialismo. Nas condições portuguesas, as liberdades e a democracia defendem-se, consolidam-se e constroem-se, não no caminho dum sistema e dum regime em que, como noutros países da Europa Ocidental, domine o capitalismo monopolista, mas no caminho que conduz ao socialismo.

Apesar da vaga anticomunista, o Partido, que ultrapassou já largamente 100 000 membros, continua em expansão. O reforço do Partido é uma condição indispensável para a defesa e o prosseguimento da Revolução portuguesa. Um Portugal democrático só se pode construir com a participação activa do PCP em todos os aspectos da actividade nacional, incluindo no próprio governo.

Camaradas:

Além da profunda confiança na classe operária e no povo do nosso país, anima-nos e reforça-nos também na nossa luta a solidariedade das forças democráticas, progressistas e nacional-libertadoras. Anima-nos e reforça-nos a solidariedade fraternal dos partidos marxistas-leninistas, aos quais nos sentimos estreitamente unidos na nossa grande família internacional de comunistas, cuja coesão na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário é essencial para alcançarmos a vitória comum.

Anima-nos e reforça-nos o apoio, a confiança e a solidariedade do glorioso povo soviético educado pelo partido de Lênine nos elevados e imorredoramente ideais do internacionalismo proletário, que este XXV Congresso brilhantemente confirma.

Viva o glorioso Partido Comunista da União Soviética e o povo soviético construtor do comunismo!

Viva a amizade e a cooperação entre o PCP e o PCUS, entre o povo português e o povo soviético, entre Portugal democrático e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas!

Viva a unidade de todas as forças da Democracia, da Paz, da independência nacional, do socialismo e do comunismo!

SAUDAÇÃO DO CC DO PCP AOS CAMARADAS SOVIÉTICOS

Queridos camaradas:

Em nome dos comunistas e dos trabalhadores de Portugal, o Comité Central do Partido Comunista Português envia calorosas saudações fraternais ao XXV Congresso do Partido Comunista da União Soviética e, por intermédio dos seus delegados, a todos os 15 milhões de comunistas soviéticos, a todo o povo da União Soviética.

Confiamos plenamente em que dos trabalhos do vosso Congresso, por cujo êxito fazemos sinceros votos, resultarão importantes decisões para a ulterior elevação do nível de vida de todo o povo soviético; para o desenvolvimento económico, social, político, científico, técnico e cultural da União Soviética; para o aprofundamento do desanuviamento e o reforço da paz mundial, pelo prosseguimento vigoroso da política leninista da coexistência pacífica; para a ampliação e coesão das relações de amizade e solidariedade fraternal entre os trabalhadores e os povos do mundo inteiro.

Os trabalhadores portugueses apreciarão com interesse e admiração as novas metas históricas que, com a aprovação das directivas para o X Plano Quinquenal e o XXV Congresso irá fixar na estrada que aproximará mais ainda o povo soviético do grande e nobre fim da edificação do Comunismo.

O trabalho criador do povo soviético, dirigido pelo glorioso Partido de Lênine continua a mantê-lo na vanguarda da humanidade e faz da URSS um baluarte inexpugnável na luta dos trabalhadores e dos povos do mundo inteiro pela liberdade, pelo progresso social, pela independência nacional e pelo socialismo. Os comunistas e os trabalhadores portugueses sentem os êxitos do povo soviético como seus próprios êxitos e neles vêem uma valiosa contribuição à luta do povo português pela vitória final da sua Revolução.

Iniciada com a histórica sublevação militar que a 25 de Abril de 1974 derrubou a ditadura fascista, logo acompanhada dum levantamento popular, a Revolução portuguesa abriu caminho a uma nova época na vida do nosso povo.

Em aliança com o MFA, o movimento operário e popular alcançou êxitos históricos. Foram conquistadas amplas liberdades. Melhoraram sensivelmente as condições de vida das camadas mais desfavorecidas dos trabalhadores. Com a nacionalização da banca e de sectores básicos da indústria e transportes, com a intervenção do Estado em numerosas empresas colocadas em grande parte sob controlo dos trabalhadores, desfecharam-se profundos golpes no capital monopolista. Iniciou-se a reforma agrária, com a intervenção do Estado em numerosas empresas colocadas em grande parte sob controlo dos trabalhadores, desfecharam-se profundos golpes no capital monopolista. Iniciou-se a reforma agrária, com a ocupação pelos trabalhadores rurais de cerca de 1 milhão de hectares de grandes latifúndios do Sul. Criaram-se e desenvolveram-se as estruturas dum amplo movimento popular, de características unitárias. Solidariedade com a luta dos povos submetidos ao colonialismo português, a Revolução portuguesa pôs também fim à guerra colonial e, reconhecendo os legítimos direitos desses povos deu uma contribuição positiva à conquista da independência dos povos da Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe.

Desde sempre activamente solidário para com os povos submetidos ao colonialismo português e os partidos revolucionários que dirigiram a luta de libertação, designadamente o PAIGC, FRELIMO e MPLA, o PCP condenou severamente a invasão dos fascistas indonésios do Timor Leste, apoiou o povo de Angola na luta contra a agressão imperialista, reclamou do governo português o imediato reconhecimento do governo da República Popular de Angola.

A medida que a Revolução portuguesa tomava uma orientação antimonopolista e antilatifundista, não apenas a reacção interna, mas também a reacção internacional e o imperialismo desencadearam contra ela uma vaga de calúnias, influências, pressões, chantagens económicas, políticas e diplomáticas.

A reacção e outras forças conservadoras foram acompanhadas pela social-democracia portuguesa e internacional, numa frenética campanha contra o PCP, cuja acção foi decisiva na defesa e avanço do processo revolucionário. O PPD (Partido Popular Democrático) embora participando no governo identificou-se com a reacção. Os dirigentes do PS, com as suas alianças à direita, tiveram grandes responsabilidades no desenrolar dum grave crise da Revolução portuguesa, introduzindo graves elementos de divisão e conflito entre as forças interessadas no processo revolucionário.

O PCP sempre se pronunciou por uma solução política negociada dessa crise. Mas a divisão do MFA, as pressões da direita e dos esquerdistas para agravamento dessas divisões, as depurações iniciadas contra elementos militares progressistas, conduziram em fins de Novembro último à eclosão de várias sublevações nas Forças Armadas.

A derrota sofrida pela esquerda militar na sequência desses acontecimentos, levando ao enfraquecimento das forças revolucionárias no seu conjunto, permitiu às forças reaccionárias tomar importantes posições e lançar uma grande ofensiva, procurando pôr em causa as conquistas da Revolução. O perigo da instauração dum nova ditadura tornou-se real. Face a esta situação o PCP concentra os seus esforços na formação dum ampla frente social, política e militar, de carácter antifascista, democrático e progressista, capaz de unir na acção todos aqueles que querem impedir o regresso ao passado fascista, defender a liberdade e as conquistas fundamentais da Revolução portuguesa e assegurar a construção dum regime democrático.

Apesar dos perigos e incertezas, o PCP está confiante na salvaguarda da Revolução. Porque nas Forças Armadas continuam a existir amplos sectores democráticos e progressistas e o movimento operário e popular é poderoso.

Uma das razões da nossa confiança na defesa e consolidação da Revolução portuguesa é sabermos que o nosso povo não está só. Tal como aconteceu durante a longa e difícil luta contra a ditadura fascista, também nos 22 meses da nossa Revolução pudemos contar sempre com a solidariedade das forças progressistas do mundo inteiro e em especial do movimento comunista e operário e dos países socialistas. Nas primeiras filas da solidariedade ao povo português, agora como no passado, sempre encontramos o povo soviético e o PCUS. O estabelecimento de relações entre os dois Estados criou condições para que se expandissem de modo mútuo as relações entre os dois povos, de acordo com os seus sentimentos e desejos profundos, tornando-se factor concreto para uma política externa portuguesa de paz, cooperação e independência nacional.

Estamos certos que nas condições do novo Portugal democrático se desenvolverão, em novos e fecundos aspectos a cooperação e a solidariedade. Os indestrutíveis laços de internacionalismo proletário estabelecidos entre o PCP e o PCUS, ao longo de muitos anos de luta pelos mesmos ideais — para bem do povo português, do Movimento Comunista Internacional e da causa da Paz e do Socialismo.

Viva o XXV Congresso do PCUS!
Viva a indestrutível amizade entre o PCP e o glorioso Partido de Lênine, o PCUS!
Viva a amizade e a cooperação entre o povo português e o povo soviético, entre a União Soviética e o novo Portugal democrático!
Viva o marxismo-leninismo, o internacionalismo proletário!



ИНФОРМАЦИОННОЕ СООБЩЕНИЕ
Москва, Кремль...



Encontro entre as delegações dos dois Partidos foi noticiado na primeira página do "Pravda", que publicou uma foto com os camaradas Suslov, Brejnev, Cunhal e Ponomarev

ENCONTRO ENTRE OS CAMARADAS L. BREJNEV E A. CUNHAL

O secretário-geral do CC do PCUS Leonid Brejnev encontrou-se com o secretário-geral do Partido Comunista Português Álvaro Cunhal no dia 28 de Fevereiro em Moscovo. Participaram no encontro o membro do Bureau Político e Secretário do CC do PCUS Mikhail Suslov e o membro suplente do Bureau Político Secretário do CC do PCUS Boris Ponomarev.

No decurso da conversa cordial Leonid Brejnev, Mikhail Suslov, Boris Ponomarev e Álvaro Cunhal trocaram opiniões sobre problemas actuais da situação internacional e das relações entre o PCP e o PCUS, entre Portugal e a União Soviética. Álvaro Cunhal apreciou altamente os êxitos da União Soviética no domínio da política interna e externa. Sublinhou que o 25º Congresso do PCUS é um marco importante no caminho para o comunismo. As realizações do povo soviético na construção do comunismo são um exemplo brilhante das vantagens do socialismo em comparação com o capitalismo, são um estímulo importante para a luta dos trabalhadores de todos os países pela liberdade, a independência nacional, a paz e o progresso social.

Álvaro Cunhal sublinhou que continuam em Portugal as tentativas das forças da direita e da reacção para impedir o desenvolvimento do país no caminho do progresso, da independência nacional e da democracia. Neste momento difícil para a revolução o Partido Comunista Português luta firmemente pela unidade de todas as forças democráticas e progressistas do país para defender as conquistas revolucionárias do povo português, para rechaçar decididamente as manobras da reacção e liquidar o perigo do fascismo.

Leonid Brejnev frisou que na União Soviética se acompanha com grande atenção o desenvolvimento da situação em Portugal. Os comunistas soviéticos, todos os trabalhadores da URSS expressam as suas profundas simpatias e a solidariedade fraternal para com o Partido Comunista Português e

os democratas de Portugal. A União Soviética, que aplica consequentemente na política o programa da Paz, fiel ao acto final da Conferência de Helsínquia, está a favor do desenvolvimento ulterior da cooperação multilateral com o novo Portugal na base do espírito dos acordos concluídos durante a visita à URSS do Presidente da República Portuguesa, Francisco Costa Gomes. A União Soviética condena resolutamente toda a espécie de ingerência externa nos assuntos internos de Portugal.

Foi sublinhado no encontro que a proclamação da independência de Angola e a criação, sob a direcção do MPLA, da República Popular de Angola constituem uma grande vitória do povo angolano e das forças democráticas de Portugal.

O secretário-geral do PCP exprimiu a profunda gratidão aos povos da União Soviética e ao PCUS pela solidariedade internacionalista para com a luta dos trabalhadores portugueses e para com Portugal livre e democrático. Os dirigentes do PCUS e do PCP manifestaram a determinação em reforçar no futuro os laços da amizade inquebrantável entre ambos os partidos na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

REGRESSO DE A. CUNHAL

O camarada Álvaro Cunhal regressou, entretanto, a Lisboa na passada segunda-feira. A chegada era aguardada por uma delegação do Comité Central do nosso Partido composta pelos camaradas Octávio Pato, Carlos Costa, do Secretariado, José Brito, da Comissão Política, José Magro, George Ferreira, Albano Nunes, Aida Nogueira, e ainda pela camarada Zita Seabra da Comissão Central da UEC.

Presentes ainda vários diploma-

Table with names of members of the Commission for the XXV Congress of the CPSU.



A constante e activa solidariedade do povo soviético para com o povo português, que vem do tempo do fascismo e toca profundamente os sentimentos de todos os revolucionários portugueses, foi vivamente expressa pelo relatório apresentado ao Congresso pelo camarada Brejnev, conforme salientou no seu discurso o camarada Álvaro Cunhal.



A delegação portuguesa depositou uma coroa de flores no Mausoléu de Lênine, na Praça Vermelha

recortes



PONTO DA SITUAÇÃO

Assiste-se actualmente no nosso país a uma cerrada investida das forças da direita.

Logo após os acontecimentos de 25 de Novembro, as forças reacçãoárias, reforçadas as suas posições, aliraram fora as máscaras com que escondiam a verdadeira face e partiram deliberadamente para o ataque.

O assalto ao poder tomou, pois, aspectos de verdadeira corrida, e é ver os CDS, PPD, PDC, ELP's e CIA, Ld., a disputar entre si as posições-chave do aparelho político-militar com vista a consolidar posições que lhes permitam influenciar eleições, manipular votos e falsear resultados.

As eleições que se avizinham são, sem dúvida nenhuma, a tônica da actual movimentação política.

Os actos de intimidação estão outra vez na ordem do dia, com ataques bombistas, incêndios e manifestações reacçãoárias, contra os partidos e organizações progressistas, perante a passividade das forças da ordem (?), que ou chegam tarde ou viram as costas, numa descarada incompetência para descobrir autores e prender culpados.

A ofensiva do patronato reacçãoário, com o apoio ou, pelo menos, a indiferença do Ministério do Trabalho, é um facto, e assiste-se à vergonhosa recuperação de várias empresas de onde os patrões tinham, muito justamente, sido afastados, por declarado boicote, sabotagem económica ou simplesmente. São exemplos a Têxtil Manuel Gonçalves e Martins & Rebelo, para citar só os mais importantes. A passividade dos órgãos do poder encoraja e sanciona estas conquistas reacçãoárias, o que não representa, de modo algum uma traição aos trabalhadores pois, logo à partida, o Governo demonstrou, claramente, de que lado estava e quais os interesses que servia.

A Reforma Agrária, altamente contestada pela reacção, vê o seu avanço ameaçado pela auto-denominada Confederação dos Agricultores de Portugal, organização controlada pelos grandes latifundiários, capitalistas e seus lacaios, que manipulam agricultores pouco esclarecidos e promovem comícios e manifestações em que as palavras de ordem pouco ou nada diferem dos SLOGANS fascistas. E são estes confederados, os mesmos das barricadas do 24 de Novembro, que o primeiro-ministro recebe, que a Televisão entrevista e que a reacção aplaude.

E, perante isto, que fazem os responsáveis pela governação? A sombra de um "pluralismo democrático", forma uterística de dizer democracia burguesa, abrem a informação estatística à propagação dos partidos reacçãoários, onde se acolham os sobreviventes da ANP, permitindo, com o seu silêncio, o avanço do perigo neo-fascista, organizam eleições sem que estejam asseguradas, em todo o País, as condições necessárias para uma efectiva liberdade de expressão e de propagação eleitoral, condições necessárias à seriedade do acto.

Soltam indivíduos comprometidos nas tentativas contra-revolucionárias do 28 de Setembro e 11 de Março e libertam ex-pidões, que vão engrossar as fileiras reacçãoárias com que se identificam, ao mesmo tempo que enfraquecem a esquerda, mantendo na prisão revolucionários cujo único "crime" é desejarem uma sociedade mais justa.

Recebem, escutam, negociam, e desse modo dão força, a latifundiários que, na sombra há uns tempos atrás e, agora descaradamente, às claras, boicotam e tentam destruir a inegável vitória das massas trabalhadoras que é a Reforma Agrária.

Restituem empresas directamente ao patronato reacçãoário — caso Têxtil Manuel Gonçalves — ou indirectamente, através dos familiares — caso Martins & Rebelo — num declarado alinhamento com aqueles que sempre exploraram, e querem continuar a explorar, os trabalhadores.

Hipotecam o País ao capitalismo internacional e à social-democracia europeia, através de empréstimos de interesse duvidoso e que as massas trabalhadoras — único verdadeiro produtor de riquezas — terão que pagar mais tarde, tornando, assim, a dependência do País àquelas forças antipopulares cada vez maior.

Põem em prática uma "política de austeridade" que se traduz numa quebra do poder de compra das classes mais desfavorecidas e num engordar de lucros dos intermediários golpistas, especuladores e outros que tais, elevando os preços dos produtos essenciais, ao mesmo tempo que congelam salários.

Mandam "comandos" e outras forças de "ordem" fazer buscas a herdades cooperativas e a organizações progressistas, à procura de hipotéticas armas, e quando, por acaso, encontram uma navalha, uma caçadeira ferrugenta ou um arcabuz do tempo do Senhor D. Sebastião, aqui d'El-Rei!, que a democracia está em perigo e há que pôr a máquina da informação a multiplicar os factos para confundir o povo.

É esta política de governação, ou desgovernação, que orienta os destinos de um país que é nosso, e onde tantos querem mandar, mesmo que seja à força.

A História julgará, mais tarde, os Marcelos do Amaral, os Salazaros Carneiro, os Pinchet's de Melo e os outros que, no segredo dos gabinetes, os servem e aos interesses que eles representam.

Onde estão os capitães de Abril, que os perdi de vista? P.S. — Recordai-me agora de um discurso de Sua Excelência, o Senhor Primeiro-Ministro do VI Governo Provisório:

Sua excelência afirmou, solenemente, que denunciaria publicamente qualquer pressão que sobre ele tentassem exercer, quer partisse ela da esquerda ou da direita. E o povo gostou. Assim é que! Quem quiser fazer jogo sujo já sabe. Tudo cá para fora, para o Zé Povo saber.

A propósito, Senhor Primeiro-Ministro: Vocência sabe o que são pressões?

votante!

NÓS ESTIVEMOS LÁ...

Só quem conhece o Alentejo sabe da beleza das searas, banhadas pelo vento, em ondas de ouro, com o Sol agreste queimando e dando tons coloridos ao movimento pausado das espigas, num vai-e-vem de oceano de pão. O pobre operário agrícola, olhava embevecido, num olhar de orgulho, mas abstracto, na esperança de melhores dias, de um ano com menos fome. O rico, na certeza de maior riqueza, na ambição de arrecadar mais umas centenas, ou milhares de contos. Mas o espectáculo em si, era maravilhoso! Do cimo do Castelo de Beja, em todo o seu redor (nos tempos em que no Alentejo se semeava) era um mar de trigo. Agreste, mas belo. SOL E PAO! Depois... essa paisagem foi rareando e em todo o Alentejo, de ano para ano, a sementeira foi diminuindo. Alguns terras mudaram de dono, e passaram para as mãos dos senhores donos de Bancos e indústrias, que as transformaram em belas colinas, onde durante alguns meses praticavam o seu desporto favorito, a caça, acompanhados algumas das vezes, pela 1.ª figura da Nação. E que grande figura todos faziam!!!

O operário rural piorou e, pela primeira vez, durante muitos anos, começou a emigrar naquela província. Os que ficavam lutavam por melhores dias, numa consciencialização colectiva. As mulheres acompanhavam os homens e delas partiram páginas imortais na luta antifascista. Sim, porque as mulheres, as novas, já de muito novas, eram a cobija dos senhores ricos para os seus prazeres, abandonando-as depois, alimentando, assim, a rua das prostitutas. Alguns, até se davam ao luxo de chamar à essas crianças, as suas "borregas".

O Alentejo era e foi assim... Hoje, quem visita, quem contacta com aqueles trabalhadores, unidos, numa esperança sem fim, em que acreditam plenamente que o que fazem é para bem de todos do seu país, e observa que tudo é deles, mas no entanto, depois do trabalho, continuam, tal como antes, a comer um grande naco de pão com um pouco de sal, e depois de loucinho ou chourico, ou, se muda a alimentação, comem esse mesmo pão com duas sardinhas ou dois carapaus, e dizem cheios de orgulho, "antes só comíamos azeitonas com este naco de pão", respeitando, assim valores existentes, (a comida que têm, porque não é deles, é do futuro da sociedade de todos), sente-se pequeno e mesquinho ao pé de tanta grandeza e honradez. Sentimos orgulho do nosso semelhante quando ele nos confessa que a sua grande conquista foi A LIBERDADE. Para ele o maior valor conquistado foi ser livre e trabalhar para todos.

Muito se tem escrito nos jornais sobre a Reforma Agrária. Muito se tem atestado. Colega, o grupo que escreve estas tão mal escritas palavras, esteve lá. Com eles trabalhou, com eles esteve a almoçar. O que descrevemos foi o que presenciámos. Noutras palavras, o que muito vimos e assistimos não podemos descrever, foi belo e verdadeiro demais para passar para aqui. A conclusão, é que o ataque é mais uma vez para nós dividir, pois o que se passa com a Reforma Agrária é o resultado da UNIÃO DOS TRABALHADORES. Entre eles não se fala em política, mas sim em trabalho. A maioria sem saber ler, não tem anticomunismo. Só sabe que existem dois polos opostos na sociedade, de um lado os que trabalham e são explorados, do outro os que nada fazem e exploram. Mas, os jornais não transcrevem, nós pelo menos não temos, o que até superiormente não podem esconder: — "Ministério das Finanças — S. E.

do Orçamento — Orçamento Geral do Estado para 1976 — Produção e Investimento — 5. A produção interna em termos reais, sofreu uma quebra significativa no ano de 1975, em relação ao ano anterior, situando-a em cerca de 6%. Essa quebra tem fundamentalmente origem no sector da construção e indústria, já que o produto dos serviços não deve ter sofrido variação significativa e que o produto agrícola acusou um elevado crescimento em relação a 1974.

Com efeito, as condições climáticas, por um lado, e o aumento das áreas cultivadas por outro, deram origem a um significativo incremento da produção agrícola, nomeadamente cerealeira, com evidentes reflexos no Produto Nacional e também, obviamente, na redução da necessidade de importação de cereais no ano de 1976.

Isto não se pode esconder. É a verdade do povo que trabalha!



UNIDADE CONTRA O FASCISMO

Cada dia que passa se torna mais premente a unidade dos antifascistas para enfrentar com êxito o galopar das extremas direitas na ânsia do assalto ao Poder. Todo o português progressista sabe de antemão o atraso que representaria para a Revolução Portuguesa um êxito vincadamente fascista.

Também todos nós sabemos o modo de actuar dessas criaturas com aparência humana: assassinar quantos progressistas pudessem e organizar em moldes mais arbitrários e violentos a exploração do homem pelo homem.

Nos países onde o fascismo improu e naqueles onde ainda se mantém, a onda de crimes é de sobejo conhecida por todos os que desejam o bem-estar da humanidade e pela legião dos egoístas que aguardam que outros se sacrifiquem por eles para depois, comodamente, colherem os benefícios do findar de regimes criminosos e avilantes.

Contudo, a unidade antifascista não se consegue somente com agrupamentos da esquerda. Há muitos indivíduos conhecidos por "moderados" que são antifascistas sinceros, que repelem com todas as fibras da sua alma as brutalidades contra as liberdades e os direitos dos homens. Ora, inevitavelmente, todos esses homens e mulheres têm o seu lugar na barreira a formar contra as nefastas forças da extrema-direita.

O fasciosismo, que representa divisionismo, foi sempre um dilecter de armas à reacção para melhor nos combater.

E que dizer daqueles agrupamentos "ultra-revolucionários" que gritam pela unidade contra o fascismo e pouco o atacam dirigindo toda a sua inimizade e traição verbosista contra o Partido Comunista Português?

Como é possível construir uma intransponível barreira em Portugal, pois é da nossa terra que estamos a falar, contra a reacção e o fascismo sem o apoio do Partido Comunista Português?

Como classificar esses grupos?

Um não comunista não hesita em lutar ao nosso lado numa plataforma comum.

Um anticomunista ao lado de quem luta? Quem favorece?

Desnecessário se torna responder.

Os trabalhadores da INCM que não desejam o fascismo, que a Revolução Portuguesa retroceda, e são a esmagadora maioria, como os nossos plenários o têm demonstrado, devem formar um todo uno e indivisível em torno da Comissão Pró-Sindicato. Se a actual comissão, por qualquer motivo pertinente, não for agora do agrado da maioria dos trabalhadores da nossa empresa, eleja-se outra. Contudo, e isto deve estar sempre presente nos nossos espíritos, a nossa unidade antifascista deve ser indissolúvel. Que nada, seja o que for, nos possa dividir e separar.

O fascismo só será esmagado com a união de todos os democratas e essa consciência, essa tomada de posição, grassa pelo País com redobrada intensidade.

Que não sejamos nós, trabalhadores da INCM, um triste exemplo negativo do cerrar fileiras de todos os portugueses sedentos de manter as liberdades adquiridas depois do 25 de Abril de 1974 e de continuar a caminhada no sentido do progresso e emancipação da nossa terra.



AMAMOS A VIDA E AS LIBERDADES POR ISSO LUTAMOS

Lutamos com a certeza de que o futuro nos pertencerá.

A sede de justiça e os ideais da democracia e do socialismo que orientam o amplo movimento popular e juvenil, os sentimentos por que aspiram milhões de portugueses são hoje corporizados na vida e acção de milhares de jovens comunistas e pelo caudal de energias e combatividade que une e aproxima toda a juventude progressista portuguesa.

Entrincheirados nesta barreira, lutamos para que Portugal seja um país próspero e avance no caminho do socialismo.

Al mesmo, mostraremos o nosso peito e o valor das nossas ideias aos que olhando o passado procuram avançar, como feridas, por um mar de gente que abriu os olhos e não mais os quer fechar.

Amamos a vida, porque queremos ver traduzidos na felicidade do povo sonhos que todo este potencial de vontade avismam ser possível tornar realidade.

Amamos a vida, lutando contra as algemas que na sombra do terrorismo se movimentam.

Amamos a vida, liquidando os aliceres das aves negras que sobeiras das riquezas que haviam acumulado, se lançam agora em voos picados procurando recuperá-las, ferindo e destruindo, para que a justiça e as liberdades não mais possam avançar.

Tu, jovem operário, pescador, camponês, rapariga das fábricas e dos campos que não deixaste tua voz adormecida, que gritas, que cantas e queres lutar, se de tempo de encontrares, nos outros, teus próximos e camaradas de trabalho, esse calor indelével que nos dá certeza e confiança de que em Portugal se difará a democracia e se rasgará em nossa luta finalmente a construção do socialismo.

Segue-nos! Faz deste exército aguerrido de jovens militantes comunistas o destacamento de combate mais avançado e forte da juventude trabalhadora portuguesa.

Faz das liberdades um direito de acção e exerce-o participando esclarecida e interessadamente nesta luta de todo o povo. Ao fazê-lo estarás a agir e a influir no rumo do acontecimento mais belo do nosso tempo que porá termo à miséria, à exploração, às inteligências retidas e amordaçadas. Ao fazê-lo, estarás a abrir a perspectiva luminosa de uma sociedade mais feliz, onde o trabalho e a capacidade criadora das amplas massas se desenvolverão e a igualdade e o amor serão a prática fraternal da juventude na nova sociedade.



BOLETIM INFORMATIVO

Através do controlo operário os trabalhadores exercem uma vigilância constante sobre a marcha da empresa.

Esta vigilância, quando as empresas estão ainda administradas pelos capitalistas, é de importância decisiva e por diversas razões. Nós estamos em fase de transição para o socialismo; para os capitalistas privados, isto significa a perda da posse dos bens de produção.

Ora, esta perda não se fará sem que seja preciso vencer grandes dificuldades, fortes oposições por parte de uma classe que lutará até ao fim e essa luta já sabemos que não é leal; os capitalistas privados hão-de procurar por todos os meios dificultar o acesso das massas trabalhadoras à posse e à gestão integral dos bens de produção; todos os processos lhe parecerão bons, ainda que conduzam à destruição desses mesmos bens, deixando atrás de si uma montanha de escombros.

Aos trabalhadores compete evitar que isso suceda, estando atentos; e para que essa atenção seja útil é preciso que conheçam bem a sua empresa.

Isto era o que não sucedia porque, no regime depositado, as relações entre o capital e o trabalho estavam longe de ser harmoniosas, na verdade, não podia haver harmonia entre duas partes, uma das quais decide, dirige,

governa e a outra, que trabalha, que produz, está relegada à condição de suportar... e calar.

O primeiro resultado traduzia-se na facto de que a atitude dos trabalhadores para com a empresa não era colaborante. Como poderia sê-lo, de resto, se não tinha para isso a menor oportunidade?

A empresa aceitava ou recusava encomendas, associava-se com outras, comprava ou vendia patentes e licenças de fabrico, exportava ou importava, progredia ou arruinava-se, os trabalhadores não eram nunca consultados, ninguém lhes pedia a opinião. Eles eram brutalmente postos em presença dos factos e suportavam-lhes as consequências.

Agora, a classe toma conhecimento de tudo e sente-se envolvida em tudo e responsável por tudo, a ponto de assumir os postos de comando para ir em socorro da sua empresa, para evitar os erros ou os crimes que a podem arruinar.

Essa é a transformação essencial do trabalho de tarefa mesquinha, subalterna, quase inferior, em missão exaltante, criadora, missão verdadeiramente social.

É assim que aparece o controlo operário, é assim que os trabalhadores se preparam para assumir, eles próprios, a responsabilidade inteira. (...)



COOPERATIVISMO E NÃO CORPORATIVISMO

O cooperativismo é, no seu todo, o significado da cooperação entre os homens. O cooperativismo é a união de um grupo de pessoas que se propõem cooperar, para melhorar a sua vida social, bem como a de todos quantos estejam ligados directa ou indirectamente ao sector produtivo a que pertencem.

Mas a parte essencial do grupo que funda a cooperativa é a sua militância na divulgação e promoção, para que através dessa militância possam vir a ter uma fácil e ampla mobilização, integração voluntária das massas trabalhadoras na aderência às cooperativas de produção ou consumo, visto que uma cooperativa de produção pode estender-se às de consumo, bem como as de consumo se podem estender às de produção.

A evolução das cooperativas depende directamente dos sócios que nela trabalham. Porque? Porque são os sócios que, com a sua capacidade de trabalho e organização, vão participar directamente, cada um no seu sector de trabalho no desenvolvimento e promoção da cooperativa.

Só através desta cooperação mútua se conseguem alcançar os objectivos desejados por todos os trabalhadores.

E quais são os objectivos? Os objectivos são simples. Enquanto um trabalhador a trabalhar para um patrão não podia controlar o que produzia, nem sequer dar uma opinião sobre o que estava mal — e nós até sabemos que isso é verdade — nas cooperativas todos nós somos responsáveis. A responsabilidade cabe a todos nós porque somos sócios da cooperativa, porque produzimos para a cooperativa, porque controlamos o que produzimos e porque, reunidos em assembleia geral, discutimos o que está mal ou bem. Quer dizer: nós fazemos um controlo completo de todos os sócios, e todos

os sócios fazem um controlo da actividade e produtividade da cooperativa. Só com elevado objectivo criador da produção e controlo da mesma nós só assim chegaremos à vitória que todos nós trabalhadores tanto ansiamos, que é acabar com a exploração do homem pelo homem.

Só através das cooperativas conseguiremos a união dos homens, mas há naturalmente alguns homens que não acreditam que esta união se venha a dar junto das cooperativas. Naturalmente que há Mas esses são os que nem eles próprios acreditam, pois esses são trabalhadores que como nós sabemos, sempre gostaram de trabalhar desorganizadamente!

Porque todos aqueles trabalhadores que sempre trabalharam e querem trabalhar organizadamente, esses acreditam na organização e controlo feito pelos trabalhadores, porque só com a organização dos trabalhadores podemos chegar à verdadeira meta.

A vitória da organização compete-nos a nós trabalhadores, e só nas cooperativas conseguiremos essa vitória. A vitória da organização dos trabalhadores tem de superar todas e quaisquer outras organizações, pois são os trabalhadores que tudo produzem e que tudo têm que



os sócios fazem um controlo da actividade e produtividade da cooperativa. Só com elevado objectivo criador da produção e controlo da mesma nós só assim chegaremos à vitória que todos nós trabalhadores tanto ansiamos, que é acabar com a exploração do homem pelo homem.

Só através das cooperativas conseguiremos a união dos homens, mas há naturalmente alguns homens que não acreditam que esta união se venha a dar junto das cooperativas. Naturalmente que há Mas esses são os que nem eles próprios acreditam, pois esses são trabalhadores que como nós sabemos, sempre gostaram de trabalhar desorganizadamente!

Porque todos aqueles trabalhadores que sempre trabalharam e querem trabalhar organizadamente, esses acreditam na organização e controlo feito pelos trabalhadores, porque só com a organização dos trabalhadores podemos chegar à verdadeira meta.

A vitória da organização compete-nos a nós trabalhadores, e só nas cooperativas conseguiremos essa vitória. A vitória da organização dos trabalhadores tem de superar todas e quaisquer outras organizações, pois são os trabalhadores que tudo produzem e que tudo têm que

A PARALISAÇÃO DOS METALÚRGICOS: UNIDADE NA LUTA PELO CONTRATO COLECTIVO

Na sequência da luta pelo Contrato Colectivo Vertical, os trabalhadores da metalurgia e metalomecânica paralisaram durante duas horas no passado dia 26.

Conforme proposta da Comissão Sindical de Negociações, divulgada anteriormente em consciência de Imprensa, os trabalhadores da metalurgia e metalomecânica levaram a efeito, no passado dia 26, uma paralisação laboral entre as 15 e as 17 horas, a qual registou uma adesão de 90 por cento em todo o país.

Depois de recorrerem ao Ministério do Trabalho, onde nunca conseguiram entrar, ao Conselho da Revolução e à Presidência da República, os trabalhadores metalúrgicos manifestaram em dezenas de reuniões, promovidas em todos os distritos, a sua firme disposição de encetar novas formas de luta nas quais se integrava a paralisação.

Apesar de na véspera da grandiosa jornada de luta o Ministério do Trabalho ter publicado uma nota oficiosa em que anunciava para 1 de Março «o reinício das negociações», o que foi considerado pelos trabalhadores como mais um sopro divisionista e desmobilizador, a adesão verificada reflectiu uma grande afirmação de unidade operária.

Em centenas de empresas como na Fial, Cometa, CTM, Baptista Russo, UTIC, Luso-Italiana, JG Gonçalves, esteleiros da Marquieira, Casa Hipólito, Construções Técnicas, António Passoa, Prego, Sorefame, Mague e muitas outras, os trabalhadores realizaram plenários onde foram abordadas as questões e as etapas que tinham levado à paralisação, discutindo-se igualmente, problemas ligados ao Controlo Operário da produção e à gestão da Previdência.

Registaram-se também vários exemplos de solidariedade militante com os metalúrgicos em greve, nomeadamente dos Químicos e dos trabalhadores do ramo eléctrico, assim como de outros sectores de trabalho.

Enquanto a maior parte do Contrato Colectivo de Trabalho está por negociar — promoções, despedimentos, aprendizagem, readmissão de trabalhadores após o serviço militar, direitos e garantias, deslocações, situação das mulheres e menores, higiene e segurança nos postos de trabalho, actividade sindical nas empresas, etc — muitos patrões negam-se terminantemente a cumprir a Portaria de 8 de Setembro, o custo de vida continua a subir, o Ministério que devia ser do Trabalho) retira credenciais as CT e as medidas antioperárias e antipolulares sucedem-se, nomeadamente com o regresso dos patrões às empresas.

Enquanto a maior parte do Contrato Colectivo de Trabalho está por negociar — promoções, despedimentos, aprendizagem, readmissão de trabalhadores após o serviço militar, direitos e garantias, deslocações, situação das mulheres e menores, higiene e segurança nos postos de trabalho, actividade sindical nas empresas, etc — muitos patrões negam-se terminantemente a cumprir a Portaria de 8 de Setembro, o custo de vida continua a subir, o Ministério que devia ser do Trabalho) retira credenciais as CT e as medidas antioperárias e antipolulares sucedem-se, nomeadamente com o regresso dos patrões às empresas.

Enquanto a maior parte do Contrato Colectivo de Trabalho está por negociar — promoções, despedimentos, aprendizagem, readmissão de trabalhadores após o serviço militar, direitos e garantias, deslocações, situação das mulheres e menores, higiene e segurança nos postos de trabalho, actividade sindical nas empresas, etc — muitos patrões negam-se terminantemente a cumprir a Portaria de 8 de Setembro, o custo de vida continua a subir, o Ministério que devia ser do Trabalho) retira credenciais as CT e as medidas antioperárias e antipolulares sucedem-se, nomeadamente com o regresso dos patrões às empresas.

organizar. Assim, amigos, alcançaremos a vitória mais rapidamente do que pensamos!

Agora, amigos, temos a possibilidade de nos podermos organizar e discutir os nossos reais problemas para que possamos avançar, e impor o nosso querer, em defesa nossa e dos nossos filhos.

Os nossos pais, em tempos que já lá vão, acreditaram em certos "senhores" que lhes prometeram muitas coisas, e de seguida lhes deram uma ditadura que durou quarenta e oito anos, exactamente porque a falta de consciência política do cooperativismo real que já nessa altura existia no mundo com especial relevância para os países ocidentais, incluindo Inglaterra que muito antes de 1863 este país e outros, desenvolviam o cooperativismo, tais como a França, Suécia, Dinamarca, etc... O cooperativismo real que estes tinham nessa altura não era como o que nos foi imposto durante 48 anos, que como todos sabemos não era cooperativismo mas sim corporativismo: corrupto, traíçoero, praticado pelos srs. presidentes dessas mesmas cooperativas. Não confundas amigo, corporativa com cooperativa.

Quer dizer, tudo a favor dos grandes monopolistas, imperialistas e latifundiários, onde tudo era feito pelos presidentes e para os presidentes. Os trabalhadores não tinham direitos. Nestas corporativas para os trabalhadores só havia deveres e obrigações os direitos eram para os "senhores" donos de tudo e de todos.

Amigos, chegou a hora de dizer basta às corporativas dos senhores. Chegou a hora de dizer fora com os senhores dos organismos corruptos, vamos nós trabalhadores organizar as cooperativas e desenvolvê-las a favor de todos os explorados deste país. Só nós, amigos, teremos direito a todos estes organismos, só nós produzimos, só nós teremos direito de organizar, o que por nós é feito, por nós tem de ser organizado. O nosso trabalho é a riqueza do nosso país, é feito por nós e tem de ser para nós.

Estas são as grandes lutas de classes. A classe trabalhadora é a grande maioria, somos a riqueza da nossa Nação, mas inteligência não temos tido vantagens do que verdadeiramente produzimos, porque não temos obtido as "mais-valias" que por nós são produzidas.

Se perguntarmos aos nossos amigos trabalhadores, se sabem o que quer dizer "mais-valia" tenho a certeza que a grande parte deles não sabe, mas se lhes perguntarmos se querem ganhar mais ordenado, e porque, eles sabem dizer que produzem mais do que aquilo que ganham isto quer dizer que não têm conhecimento do significado das palavras, mas têm consciência do que produzem; isso, para nós trabalhadores, é importantíssimo porque sabemos o que somos e o que valemos. Quando um trabalhador sabe o que é, e o que vale, sabe o que quer e para onde vai. Esta é a mais elevada dignidade de um verdadeiro trabalhador que sabe distinguir o bem do mal. Venceremos!

Se perguntarmos aos nossos amigos trabalhadores, se sabem o que quer dizer "mais-valia" tenho a certeza que a grande parte deles não sabe, mas se lhes perguntarmos se querem ganhar mais ordenado, e porque, eles sabem dizer que produzem mais do que aquilo que ganham isto quer dizer que não têm conhecimento do significado das palavras, mas têm consciência do que produzem; isso, para nós trabalhadores, é importantíssimo porque sabemos o que somos e o que valemos. Quando um trabalhador sabe o que é, e o que vale, sabe o que quer e para onde vai. Esta é a mais elevada dignidade de um verdadeiro trabalhador que sabe distinguir o bem do mal. Venceremos!

Se perguntarmos aos nossos amigos trabalhadores, se sabem o que quer dizer "mais-valia" tenho a certeza que a grande parte deles não sabe, mas se lhes perguntarmos se querem ganhar mais ordenado, e porque, eles sabem dizer que produzem mais do que aquilo que ganham isto quer dizer que não têm conhecimento do significado das palavras, mas têm consciência do que produzem; isso, para nós trabalhadores, é importantíssimo porque sabemos o que somos e o que valemos. Quando um trabalhador sabe o que é, e o que vale, sabe o que quer e para onde vai. Esta é a mais elevada dignidade de um verdadeiro trabalhador que sabe distinguir o bem do mal. Venceremos!



C. A.P.: CAPA DE QUEM?

A chamada "Confederação dos Agricultores de Portugal" que nasceu em Rio Maior há pouco tempo mas que já se diz de todos os agricultores de Portugal... promoveu no dia 1 de Fevereiro mais "plenários".

Isto significa que os grandes proprietários que estão por detrás do C.A.P. — o melhor seria chamar-lhe Capa (dos grandes proprietários) — significa diríamos, que "eles" não existem e estão mesmo dispostos a fazer recuar a Reforma Agrária, com ameaças e tudo!

Mas afinal o que quer essa chamada "Confederação de Agricultores" dirigida por engenheiros e grandes caciques?

Na maior parte desses plenários já realizados no Norte, fala-se do Sul. Eles não querem que haja mais ocupações. Eles quem? Os latifundiários, os donos de milhares de hectares de terra que a linham a monte ou a produzir mal. Há casos de latifundiários que tinham mais de 20 mil hectares de terra inculta! E por isso os trabalhadores do Sul decidiram tomar conta delas e o resultado é que aumentou a produção de trigo e outros produtos.

Ora, esses senhores latifundiários que comandam a C.A.P. vêm cá para o Norte falar disso como se a situação fosse igual. E mais que sabido que ninguém tocará um palmo de terra dos pequenos e médios agricultores norteños. Mas a C.A.P. agita o espantinho de que as ocupações e expropriações atingem os agricultores do Norte. O que é mentira descarada. Porque é que esses senhores não vão para o Alentejo falar desses problemas.

Mas adiante. Quando os senhores da C.A.P. falam dos pequenos e médios agricultores não dizem o que querem ou fazem-no de maneira a não atacar os exploradores do camponês.

Ora vejamos alguns exemplos: — Em Viseu, a C.A.P. pediu salários justos para o trabalhador rural. Perguntámos: mas porque é que eles não têm salários justos? Porque os patrões não os pagam. E onde estão medidos os grandes patrões proprietários de terras? Precisamente na C.A.P.

A C.A.P. fala em "melhoria de qualidade dos nossos produtos" e na "justa compensação do esforço do agricultor". Muito bem, estamos de acordo. Mas de quem é a culpa de não haver uma justa compensação e melhoria de qualidade? É do grande capital e dos grandes intermediários na maior parte das vezes ligados aos grandes proprietários. Ora, já alguém ouviu algum desses exploradores dizer mal do C.A.P.? Eles estão lá medidos ou manobram por trás... Porque é que os plenários não se atacam os intermediários?

A C.A.P. fala na eleição pelo povo das comissões liquidatárias e diz que elas pouco têm feito para destruir o corporativismo (organizações fascistas da lavoura — grémios, etc.). Também estamos de acordo. Mas se fomos ver quem está nas liquidatárias verificamos que é gente que apoia a CAP. O próprio Sá Meneses, dirigente da C.A.P. e da liquidatária de Braga... Além disso, a maioria dos elementos das liquidatárias são do PPD, CDS ou PPM, ou seja os partidos que estão por detrás ou apoiam a CAP. Então em que ficamos? De certeza que o que esses senhores querem é voltar aos antigos grémios... Ao menos era um regabofe! Quanto ao arrendamento rural, já sabemos qual é a opinião do C.A.P. Suspender o Decreto-L Lei 201/75 que estabelece o novo regime. Porque? Porque os senhores ricos estão na C.A.P.

Depois vêm falar na "justa compensação do esforço do agricultor" quando são os primeiros a despedir os rendeiros ou a exigir-lhes rendas altas...

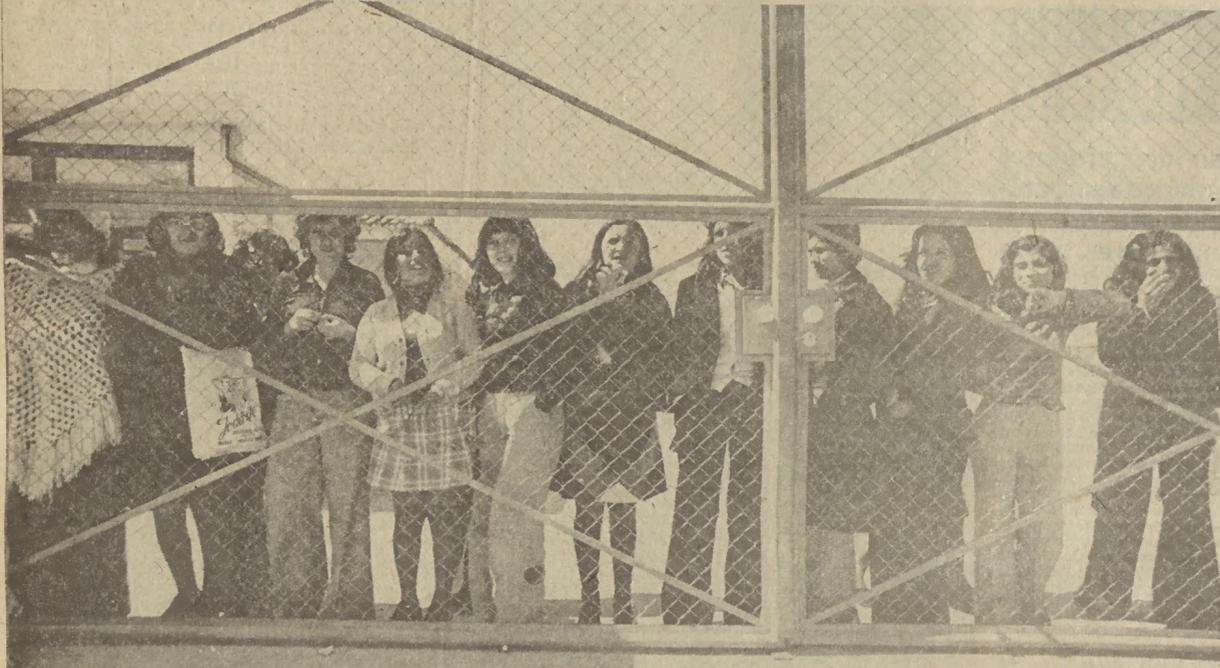
Enfim, está visto que a C.A.P. é a capa dos grandes proprietários, do Sul e do Norte, para encobrir os seus interesses de exploradores.

Admitimos que haja pequenos e médios agricultores que estejam a ser "levados" por essas manobras, pelas palmadinhas nas costas e pelas palavras doces dos grandes proprietários. Mas estão a ser nitidamente enganados. Há que esclarecê-los e trazê-los ao bom caminho. Que não andem os pequenos a lutar contra os seus próprios interesses, defendendo inconscientemente os interesses dos grandes...

UMA GRANDIOSA JORNADA DE LUTA

Pronunciando a sua «total desconfiância na actual equipa do Ministério do Trabalho», o em especial no ministro Tomás Rosa e no seu secretário Marcelo Curto, já que praticam uma política de recuar a paralisação, o que demonstra claramente a vitalidade do movimento operário e a representatividade da força sindical no processo em que vivemos.

Só em Lisboa a paralisação atingiu a cifra de mais de 95 por cento. Nos principais centros do país registaram-se as seguintes percentagens: Porto, 80 por cento; Setúbal, mais de 90 por cento; Vila Real de Trás-os-Montes, mais de 80 por cento; Aveiro, 90 por cento; Braga, cerca de 70 por cento; Évora, 95



As mulheres portuguesas libertam-se das cadeias do passado e acertam o passo pela marcha da Revolução

MDM: MOBILIZAÇÃO DAS MULHERES PARA A CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA

A actividade do Movimento Democrático de Mulheres em 1975 traduziu-se num desenvolvimento da mobilização e da organização das mulheres portuguesas para as tarefas revolucionárias de construção da democracia, da independência nacional, da paz e da liberdade.

O ano de 1975 marcou uma viragem no trabalho de organização do Movimento Democrático de Mulheres, caracterizada por um aprofundamento da organização do movimento.

Dos resultados desta organização, fala-nos um elemento do MDMP da organização do distrito de Lisboa:

«Destacámos alguns quadros apenas para trabalho de organização de comissões do movimento nas empresas, nas freguesias e lugares, dando uma especial atenção à mobilização das mulheres trabalhadoras e domésticas. As comissões de freguesia e de lugar voltaram-se para problemas locais, mobilizando a população feminina, ligando-se às Juntas de Freguesia e Comissões de Moradores, etc. No distrito de Setúbal, as Comissões do MDM de Almada, Grandola, Barreiro e Seixal, participaram nas Assembleias Populares locais, o mesmo acontecendo em alguns cancelhos do distrito de Lisboa. Avançamos na organização a nível nacional e o Executivo Nacional do Movimento passou a reunir de 15 em 15 dias. Em 13 distritos o nosso movimento está profundamente organizado numa base unitária antifascista e democrática. Temos 28 sedes a funcionar em todo o país».

A composição social do MDMP a nível nacional, por ordem decrescente é a seguinte: domésticas, empregadas, operárias, intelectuais e outras. Se estes dados revelam a mobilização da mulher doméstica, que constitui a grande maioria das mulheres portuguesas relativamente à qual o trabalho de organização é dos mais difíceis e necessários, no entanto, demonstram, também, uma fraca implantação no meio operário. Este facto não seria de combater se a generalidade das mulheres operárias se encontrasse integrada noutras organizações democráticas de massas. Mas sabemos que sobretudo no norte e em algumas regiões do centro, não se verifica esta integração. Na realidade é ainda débil a implantação do MDMP junto das mulheres trabalhadoras em algumas regiões do país, e, a nível nacional, é desejável uma maior ligação do movimento às estruturas unitárias de massas. Relativamente a este aspecto, diz-nos um elemento da Comissão Nacional do MDM:

CONTRA O CUSTO DE VIDA

«O Esforço tem de ser recíproco. Consideramos que ainda muitas organizações democráticas não dão o devido apoio ao trabalho do MDM. A reacção tem-se revelado mais clarividente quando ataca o nosso movimento procurando desmobilizar as mulheres nas regiões onde mais urge que elas sejam ganhas para o trabalho antifascista e pela democracia.»

«A Campanha de Custo de Vida resultou de um movimento organizado a nível oficial que teve como finalidade a necessidade de informar a opinião pública e os pequenos comerciantes, sobre o aumento que necessariamente sofreram alguns produtos de 1.ª necessidade do nosso mercado e controlar tentativas especulativas e boicote económico da parte que dos comerciantes vieram os intermediários. A fim de evitar este tipo de sabotagem dos sectores reaccionários (ter como exemplo o que se passou no Chile), verificou o MDM que seria extremamente útil a sua colaboração com o Governo Provisório de então, no sentido de evitar que os comerciantes, essencialmente os grandes monopolistas, aproveitassem a pequena subida de produtos para provocar o descontentamento das mulheres portuguesas.

Desta forma, após contacto pessoal com os elementos da Direcção Geral de Fiscalização e a par de iniciativas próprias já então tomadas por algumas das comissões concelhias do distrito de Lisboa, como Vila Franca de Xira, iniciámos a nossa acção junto das autarquias locais no sentido de organizar sessões de esclarecimento para comerciantes e população em geral que teriam igual-

mente a colaboração de técnicos de preços, sanidade e fiscalização. Este tipo de campanha foi feito também na sede do MDM. Uma amiga tem a função de correr as casas da aldeia com uma lista dos impostos a pagar, avisando a população. Criaram recentemente uma creche em cuja inauguração fizeram uma festa e as mulheres da aldeia participaram fazendo trabalhos para fundos, pão e bolos. Quanto à campanha das creches, desde o 25 de Abril que o MDM se debruçou sobre este problema por ele responder a um dos grandes anseios da mulher portuguesa. O MDM organizou e participou em reuniões de trabalho tanto ministeriais como independentes e teve uma acção importante de mobilização das populações, muitas vezes em colaboração com as autarquias locais e outros organismos para dinamizar a formação de creches nas zonas mais carenciadas. Mas devido à falta de uma política governamental e de apoio económico, comissões do MDMP que tinham obtido terreno ou instalações, por falta de verbas ou de pessoal técnico, não as conseguiram pôr em funcionamento. Apesar das dificuldades. É o caso do distrito de Lisboa, concelho de Oeiras, Vila Franca, Loures; do distrito de Setúbal, duas freguesias do concelho do Barreiro, concelho de Grandola e concelho da Moita; distrito de Évora; distrito de Aveiro, concelho de Agedua; distrito de Viana do Castelo, concelho de Monção e distrito do Porto. No entanto, por iniciativa do MDM muitas creches começaram já a funcionar, resolvendo assim um dos problemas que mais afetam as mulheres e dando-lhes maior disponibilidade para a participação na actividade social e política.

«O MDM como movimento antifascista e de esquerda que é, reagiu prontamente aos ataques desenfreados contra a Reforma Agrária e às tentativas de recuperação por parte de latifundiários e associações de agricultores no Norte e Centro do País, criando comissões de apoio à Reforma Agrária que promoveram jornadas de apoio a unidades colectivas de produção, recolheram fundos e medicamentos e tiveram reuniões com dirigentes agrícolas e a CRARA para se definirem outras formas de apoio.

«O trabalho político desenvolvido reveste formas de solidariedade. Como exemplo o apoio à Comissão de Familiares dos Militares Revolucionários Presos através da cedência de instalações, apoio técnico e humano, venda de material para fundos, recolha de assinaturas para abaixo-assinados. O MDM participou igualmente no I Encontro Nacional de Antifascistas, em Coimbra e faz parte do Secretariado Provisório do MAF. Relativamente ao 8 de Março,

data memorável na luta das mulheres, e que durante o fascismo foi marcado por grandes jornadas de luta do MDM, o movimento prevê uma série de realizações a nível nacional que serão oportunamente divulgadas numa conferência de Imprensa. Entretanto, 1976, abriu-se na continuidade do trabalho desenvolvido já pelo MDM "mobilizar as mulheres para a revolução que não será possível sem a participação da maioria dos trabalhadores portugueses".

Muito tem sido feito para incentivar a participação das mulheres no processo revolucionário. Nas regiões onde já foi acumulada tradição de luta foi acumulada graças ao esforço e combate comum dos operários das fábricas e dos campos e dos camponeses pobres, a participação da mulher ganhou nova força quantitativa e qualitativa. Nas outras regiões em que a reacção mantém posições ainda dominantes, encontra-se

8 DE MARÇO DATA HISTÓRICA

O 8 de Março é uma jornada revolucionária tanto mais importante quanto cada vez mais largas camadas do povo se consciencializam que sem a mobilização e organização das mulheres não é possível fazer triunfar a democracia

Falar de mulheres é falar de 52% da população do nosso país. Falar de mulheres é ter em conta que estas totalizam 26% da mão de obra dos trabalhadores portugueses. Falar de mulheres é, ainda, recordar uma das camadas do povo português que mais agudamente sofreu a repressão física e psicológica de 50 anos de fascismo. Por isso falar de mulheres é recordar destacadas militantes revolucionárias que na batalharam na resistência antifascista e que, hoje, tornam mais forte a defesa da democracia. Falar de mulheres é afinal falar de todo o povo. Isto porque a situação da mulher é o barómetro pelo qual se mede, com segurança, o grau de liberdade e de democratização de um país.

Mais do que nunca neste momento, quando lutamos pela democracia no nosso país rumo ao socialismo, teremos de falar de mulheres. Porque, como dizia Lenine e a experiência histórica demonstra, não pode realizar-se uma revolução socialista se a maioria das trabalhadoras não participam na luta. A participação das mulheres no movimento revolucionário, a sua completa emancipação e igualdade são necessárias não somente a elas próprias, mas também a todos os trabalhadores e explorados.

Muito tem sido feito para incentivar a participação das mulheres no processo revolucionário. Nas regiões onde já foi acumulada tradição de luta foi acumulada graças ao esforço e combate comum dos operários das fábricas e dos campos e dos camponeses pobres, a participação da mulher ganhou nova força quantitativa e qualitativa. Nas outras regiões em que a reacção mantém posições ainda dominantes, encontra-se

na tarefa de mobilização da mulher as mesmas dificuldades do que na mobilização geral da população e também as acrescidas pelo facto da alienação, arma dos opressores, ter incidido mais marcadamente nas camadas femininas. Aqui é preciso incentivar sempre, mais e mais, a mobilização e organização populares.

Os partidos de esquerda e com destaque para o Partido Comunista Português, os sindicatos e as organizações populares, têm desenvolvido uma intensa actividade de organização e mobilização da mulher. Nesta chamada da mulher portuguesa à luta pela consolidação e avanço do processo revolucionário é de destacar, entretanto, o Movimento Democrático de Mulheres Portuguesas, não só porque a sua acção se enraíza na resistência antifascista como ainda devido às suas características de movimento de massas unitário.

FAZER DO 8 DE MARÇO, UMA JORNADA REVOLUCIONÁRIA

Falar de mulheres é, nesta data, recordar a jornada magnífica das operárias têxteis de Nova Iorque no 8 de Março de 1875, mobilizadas para uma greve contra o horário das 16 horas de trabalho, movimento esse que foi violentamente reprimido pelo governo americano, mas que ficou como um momento histórico a marcar o despertar das massas femininas para a luta contra a exploração capitalista.

Este oito de Março, de 1976 passa num contexto internacional de crise geral do capitalismo, caracterizado por nível grave de desemprego, continua

inflatção e quebra de produção. No campo socialista, os desempregos, a inflação e a mendicância são desconhecidos. Sempre mais firme, a felicidade é uma raiz florida em cada dia com maior punhança. Por isso os ideais do socialismo mobilizam cada vez mais os trabalhadores em todo o mundo. O imperialismo sofreu derrotas estrondosas na política de agressão, das quais as mais importantes foram a libertação do povo vietnamita e o reconhecimento internacional da República Popular de Angola. O movimento internacional da paz aumenta a sua influência em todos os países. Os movimentos de mulheres, e a sua organização internacional, a Federação Democrática Internacional das Mulheres, desenvolveram intensa actividade de no ano passado, 1975, ano Internacional da Mulher, culminando com a realização do Congresso Internacional das Mulheres em Outubro, na cidade de Berlim na RDA, cujas conclusões encerram um programa de acção para a construção da democracia.

No nosso país, o 8 de Março de 1976 insere-se na luta entre as forças democráticas e a reacção nacional e internacional que tudo faz para paralisar a revolução portuguesa, transformando-a num parente pobre e endividado do imperialismo e da social-democracia. Por isso, este 8 de Março será mais uma jornada de afirmação das massas populares. Afirmamos em que mulheres e homens erguerão bem alto a Voz para clamar que com a sua prática revolucionária, a reacção não passará, a vitória da democracia será uma realidade, a caminho dos dias em que homens e mulheres se reconhecerão como iguais nos direitos, nos deveres e na felicidade.

ENCERRADA A PRISÃO DO FORTE DE PENICHE SÍMBOLO CRUEL DA REPRESSÃO FASCISTA

A população de Peniche festejou o encerramento da prisão por onde passaram centenas e centenas de patriotas portugueses, incluindo muitos militantes do nosso Partido, cujo único crime foi terem lutado sacrificadamente pela libertação e felicidade do povo

O Forte de Peniche, símbolo da repressão fascista sobre quantos lutavam pela libertação do povo, foi encerrado como prisão política. A concentração-cómicio realizada na vila constituiu uma grandiosa e bem justificada manifestação de alegria das populações.

A prisão do Forte de Peniche foi encerrada. As paredes guardam ainda vestígios dos anos e anos que, sob o fascismo, patriotas ali permaneceram, continuando sobre outras formas a luta contra a opressão. Os muros guardam o testemunho das célebres fugas do camarada Dias Lourenço, membro da Comissão Política do CC e director do «Avante!» em Dezembro de 1954, e do camarada Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do nosso

Partido, a 3 de Janeiro de 1961. EM frente às paredes do forte, famílias dos presos, mulheres e filhos, passaram por intermináveis horas de ansiedade e angústia. Os pescadores e outros trabalhadores de Peniche sentiam a presença do forte-prisão como uma vergonha.

Na memória do povo português, o forte de Peniche ficará como recordação da opressão que durante quase meio século atingiu o povo português. Como uma lição encorajando a luta presente contra a reacção para que não mais a terra portuguesa seja manchada pelo sangue e a tortura dos trabalhadores e de quantos fazem do triunfo da causa do povo a sua razão de viver.

A comissão promotora da concentração-cómicio de regozijo pelo encerramento do forte, num comunicado distribuído à população, afirmava:

«Após 46 anos como carrasco dos patriotas portugueses, o Forte de Peniche gentio do novo a dignidade que o fascismo lhe roubou. De agora em diante, jamais furtará, como fez no passado a liberdade, a quem mais abnegadamente lutou por ela. Essa uma conquista que o nosso povo tornado livre, saberá defender.»

Todas as colectividades de Peniche, comissões de moradores e trabalhadores e delegações do PCP, do MDP/CDE e do PPD aderiram à concentração-cómicio do passado sábado, na qual participaram pessoas vindas de outras

localidades. Cerca das 15 horas, a banda da Atouguia da Baleia chegou à vila, saudada pelas sirenes das fábricas, dos barcos de pesca e dos bombeiros. No Forte, dois enormes cartazes diziam a vontade do povo: «Nem mais um preso no forte» e «O forte para o povo».

Perante mais de duas mil pessoas, falaram representantes dos Sindicatos dos Pescadores e Conservadores, o presidente da Câmara e o nosso camarada José Vitoriano que, tal como dezenas de outros comunistas esteve preso, nas masmorras da PIDE 17 anos e José da Costa, outro ex-presso político.

Nas palavras que proferiu durante a cerimónia o camarada José Vitoriano, membro do Comité Cen-

tral do Partido Comunista Português declarou:

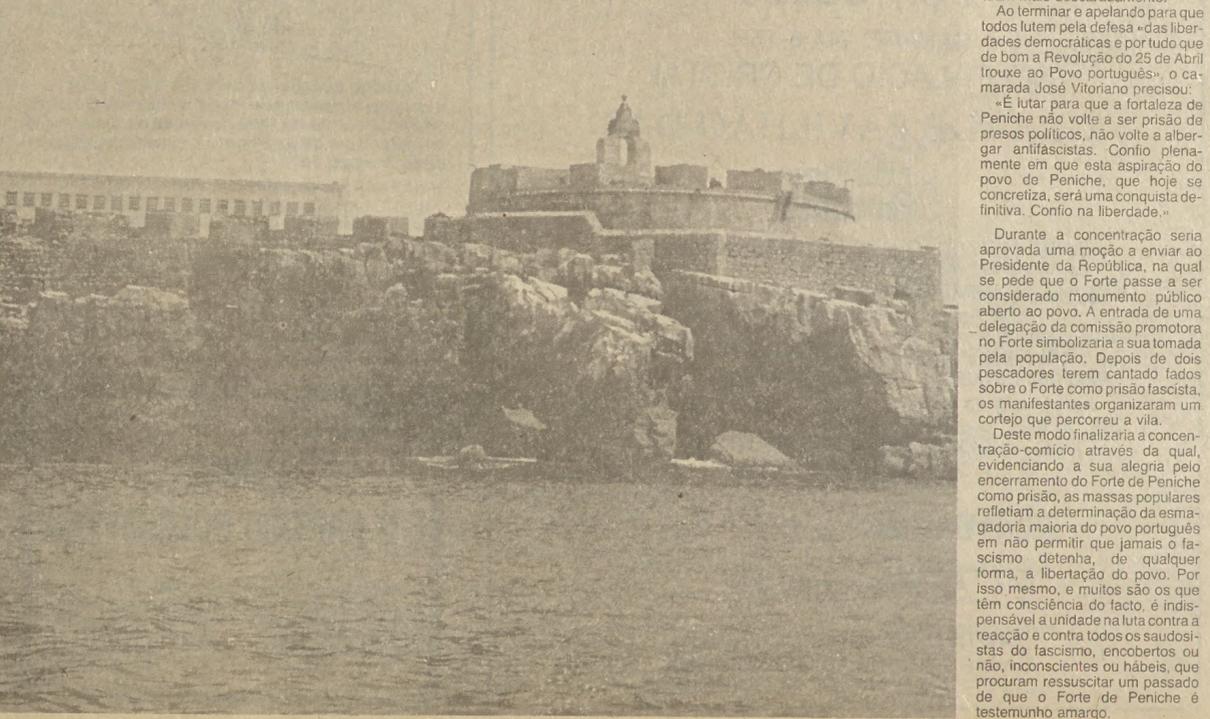
«E a primeira vez que aqui volto desde que há cerca de oito anos as pesadas portas da velha fortaleza se abriram para me deixar aspirar um pouco do ar da liberdade. Para trás ficaram longos anos de cativeiro. No entanto, nessa altura, eu saía de uma prisão apenas para outro maior, pois todo o nosso País era e foi até ao 25 de Abril dos heróicos captaes quando se não conformavam com a tirania de um regime opressor, nem com a exploração desenfreada dos trabalhadores.»

Recordando mais adiante que «foram muitas as provas de solidariedade que os presos políticos receberam da população de Peniche» o camarada José Vitoriano advertiu ser um facto as liberdades democráticas estarem de novo ameaçadas «e com elas tudo o que as mesmas significam» pois as forças reaccionárias cada vez actuam mais descaradamente.

Ao terminar e apelando para que todos lutem pela defesa «das liberdades democráticas e por tudo que de bom a Revolução do 25 de Abril trouxe ao Povo português», o camarada José Vitoriano precisou: «É lutar para que a fortaleza de Peniche não volte a ser prisão de presos políticos, não volte a albergar antifascistas. Contio plenamente em que esta aspiração do povo de Peniche, que hoje se concretiza, será uma conquista definitiva. Contio na liberdade.»

Durante a concentração seria aprovada uma moção a enviar ao Presidente da República, na qual se pede que o Forte passe a ser considerado monumento público aberto ao povo. A entrada de uma delegação da comissão promotora no Forte simbolizaria a sua tomada pela população. Depois de dois pescadores terem cantado fados sobre o Forte como prisão fascista, os manifestantes organizaram um cortejo que percorreu a vila.

Deste modo finalizaria a concentração-cómicio através da qual, evidenciando a sua alegria pelo encerramento do Forte de Peniche como prisão, as massas populares reflectam a determinação da esmagadora maioria do povo português em não permitir que jamais o fascismo detenha, de qualquer forma, a libertação do povo. Por isso mesmo, e muitos são os que têm consciência do facto, é indispensável a unidade na luta contra a reacção e contra todos os saudosistas do fascismo, encobertos ou não, inconscientes ou hábeis, que procuram ressuscitar um passado de que o Forte de Peniche é testemunho amargo.





GRANDE BANCA das edições **Avante!**

No Comício de Aniversário do PCP sexta-feira 5 de Março Apresentação de NOVIDADES

EXEMPLOS SIGNIFICATIVOS

A actividade do MDM, no decorrer de 1975, dirigiu-se essencialmente para cinco domínios de acção: Sessões de Esclarecimento Político e Cultural; Campanha de Creches; Campanha de Alfabetização; Campanha do Custo de Vida; Campanha de Apoio à Reforma Agrária e Campanha de Solidariedade para com os Militares Revolucionários Presos. Sobre esta actividade, esclarecem-nos elementos do MDMP: «Uma das acções em que mais nos temos empenhado tem sido exactamente a do esclarecimento político e cultural. Ainda neste domínio podemos inserir muitas acções de formação como sejam cursos sobre os primeiros socorros e colóquios sobre diversos temas de saúde, de higiene, educação, etc. Outros cursos se têm verificado sob iniciativa das organizações locais do MDMP. Na freguesia do Amial, concelho de Torres Vedras, na sede do nosso movimento as amigas têm uma máquina de escrever e uma máquina de costura e fazem cur-

OS AGRICULTORES QUEREM VER RESOLVIDO O GRAVE PROBLEMA DA COMERCIALIZAÇÃO

Como resolver o problema da comercialização dos produtos agrícolas? Eis uma questão das mais importantes para a reorganização do sector agrícola, para a melhoria das condições de vida dos agricultores, para o eficaz funcionamento das cooperativas, numa palavra, para a realização da Reforma Agrária.

Os pequenos e médios agricultores, uma das camadas que o regime fascista conduziu à ruína mercê de uma política de protecção dos latifundiários, são trabalhadores com graves problemas de ordem económica e de ordem social. Nas regiões em que demonstraram capacidade para se unirem e organizarem e associações de defesa dos seus interesses materiais, as cooperativas, os pequenos e médios agricultores encontram-se favorecidos relativamente aos camaradas de classe desorganizados. Eles constituem um exemplo de «que a união faz a força» e não há campanha de reacção mascaradas de «democráticos» propósitos que quebre a unidade nas suas fileiras. Pelo contrário, nas zonas onde os pequenos e médios agricultores não se uniram, não só continuam extremamente vulneráveis às falsas promessas daqueles que sempre os exploraram e se servem da sua ingenuidade para atingir o poder e, então, esmagá-los e a todas as classes trabalhadoras, como ainda os seus problemas de subsistência se acumulam.

A este respeito, um pequeno agricultor do Algarve falando para o «Avante!» exprime um dos problemas mais angustiantes da sua classe, o da comercialização da produção agrícola.

O PROBLEMA NO ALGARVE

«Hoje, no Algarve, o grosso dos produtores hortícolas é mandado para Lisboa, ficando o agricultor, por vezes, quinze dias e mais sem saber o valor dos produtos que envia. Além disso, os preços desses produtos variam de dia para dia

e é conhecido de todos o número sem fim de intermediários pelos quais os produtos correm. Há que falar também no transporte destes produtos para Lisboa, pois até aqui está sendo feito por companhias e pessoas particulares que no último caso até por falta de planificação de trabalho, são forçados a levar preço alto pelos serviços de transporte. No caso de outros produtos do Algarve, os «rutos secos», sabe-se que todo o circuito de compra roda desde os grandes exportadores até ao pequeno comerciante que anda pelos campos juntando os produtos para mandar depois para casa dos grandes. Por vezes este circuito faz-se por trás e mais comerciantes! De notar ainda que a própria pouca industrialização dos frutos secos, que por vezes é a última consumidora de uma parte da produção, normalmente compra já ao segundo ou terceiro comerciante.

O boicote à produção é normalmente iniciado por industriais e exportadores. Por exemplo, no ano passado, tivemos conhecimento de fábricas de trituração de caroço de alfarroba que, apesar de não darem vazão à produção nacional, compravam grãinha de alfarroba no estrangeiro em Marrocos».

Este problema da comercialização é a par da organização da produção a questão fundamental para o desenvolvimento do sector agrícola.

Como diz o nosso camarada António Bica, ex-Secretário de Estado do Ministério da Agricultura, «é indispensável que a comercialização dos produtos agrícolas seja feita por forma que garanta o escoamento total das produções agrícolas obtidas em cada colheita e o abastecimento regular dos mercados de consumo de modo que nunca faltem à população os bens agrícolas de que necessita.

Dadas as variações das produções agrícolas (oscilação da temperatura, chuvas, luminosidade, factores que influenciam directamente a produção) e a relativa estabilidade das necessidades de consumo, é necessário que a comercialização disponha de uma ampla capacidade de armazenamento e para alguns produtos que possuam redes de frio. Mas a produção agrícola tem ainda de comprar adubos, alfaias e outros factores de produção.

Em que mãos deverão estar os circuitos comerciais? Eis uma questão cuja resposta é cada vez mais evidente. As palavras do pequeno agricultor algarvio que poderiam ser, na generalidade, repetidas por qualquer pequeno e médio agricultor do país, demonstram que, quando os circuitos de comercialização se encontram nas mãos de comerciantes ou de industriais privados, tudo vai mal. Não é somente o produtor individual que é atingido, mas também as unidades colectivas de produção, que precisam de comprar e vender, são directamente prejudicadas e muitas vezes, boicotadas pelos comerciantes ou industriais.

SOLUÇÕES POSSÍVEIS

Citamos ainda o camarada António Bica:

«A actividade comercial e industrial privada é especulativa por natureza. Por isso ela procura ganhar dinheiro à custa das grandes oscilações de produção na agricultura. Sempre que vem um ano de maior abundância, o comerciante ou o industrial fazem descer os preços para níveis de ruína. E assim o agricultor vê-se muitas vezes nesta situação: quando os produtos dão dinheiro, a produção é baixa e ele tem dificuldade em

cobrir as despesas, quando a produção é abundante, os preços são tão baixos e é tal a dificuldade em vender que também tem dificuldade em cobrir as despesas.

A comercialização e a industrialização dos produtos agrícolas não pode, por isso, estar, ou estar só, nas mãos de particulares.

Ela só pode estar nas mãos dos próprios agricultores, isto é, entregue a cooperativas agrícolas de comercialização que serão constituídas por associação das cooperativas agrícolas de produção, ou nas mãos de organismos públicos de comercialização em que participem representantes eleitos dos agricultores para se evitar defeitos e anquilosamento por burocratização. Os organismos de comercialização devem desempenhar uma função reguladora da produção fixando antes do início das sementeiras de cada um dos produtos agrícolas o seu preço de venda. Deste modo, a produção agrícola passa a ser facilmente controlável através do anúncio prévio dos preços, conseguido-se por este processo provocar o aumento ou a diminuição de cada tipo de produção conforme as necessidades do país.

O conhecimento dos preços de venda antes do início das sementeiras tem muito interesse para os agricultores, porque reduz o risco das culturas, visto que o tempo continuará a ser incontrolável. Hoje, os agricultores estão sujeitos a dois tipos de riscos: a variabilidade do tempo e a oscilação dos preços. Para o futuro, os agricultores devem estar garantidos quanto à oscilação de preços. Eles devem se fixados antes do início dos trabalhos de sementeira em relação às culturas anuais, e a prazo de 1 e 2 anos para as restantes culturas.

Hoje, em Portugal, seria possível e fácil converter as juntas Nacionais e os Institutos, que são organismos de coordenação económica da velha estrutura corporativa, em organismos públicos encarregados de assegurar a comercialização, armazenamento e distribuição da generalidade dos produtos agrícolas, e criar uma ou mais empresas públicas capazes de assegurar o fornecimento à agricultura de máquinas, adubos, e de todos os demais factores de produção. Estes organismos públicos deverão ser geridos com participação de representantes eleitos dos agricultores.

As cooperativas agrícolas de comercialização poderão e deverão coexistir com estes organismos públicos como meio de desburocratizar, humanizar e tornar mais eficientes os serviços deles. Devem proceder à recolha e concentração das produções dos seus associados, podendo vender directamente a totalidade das produções recolhidas, e entregando o restante ao organismo público.

A resolução dos problemas de comercialização agrícola constitui um aspecto fundamental da Reforma Agrária. No Programa do nosso Partido, considera-se fundamental:

«Liquidação da especulação, do parasitismo comercial e dos monopólios de compra, de distribuição e venda dos produtos agrícolas, pecuários e florestais pelos grandes industriais e pelos grandes agrários. Liquidação completa dos Grémios, Federações e Juntas.

Reorganização do aparelho comercial dos produtos agrícolas, pecuários e florestais na base da colaboração do Estado com as cooperativas de agricultores de forma a garantir preços remuneradores aos produtores sem sobrecarga dos consumidores».



40 TRACTORES E 40 HOMENS RASGANDO A TERRA, CONSTRUINDO O FUTURO

Quarenta tractores numa jornada de trabalho voluntário na herdade do Poço Seco, concelho de Ourique. Quarenta homens que demonstram na prática que a solidariedade não é uma palavra vã e que os camponeses estão dispostos a sacrificarem um domingo pelo trabalho que a todo o povo pode beneficiar

— Arrigo, onde fica a herdade do poço seco?

— O pastor abandonou a solidão de todos os dias e avançou para o automóvel. No descampado enorme, apenas salpicado, de onde em onde, por sobreiros solitários, o pastor encontrou alguém com quem falar. A possibilidade de quebrar a monotonia de todos os dias e todas as noites.

— E por causa dos tractores? — respondeu à laia de interrogação. E, sem esperar pela resposta, continuou: — Esta manhã passaram por aqui muitos. Também gostava de lá ter ido, mas há que cuidar do gado — e apontava para o rebanho de ovelhas que tasquinhava o pasto verde que as últimas chuvas tinham feito brotar, víçosas, nos torrões daquele campo. Era flagrante a sua vontade de falar. Erguendo o cajado, apontou para um tractor de lagartas que se via ao longe e confidenciou: — Aquele também era para ir, mas está avariado e amanhã segue para Beja. Depois, pensou que o visitante poderia não estar interessado na sua conversa e atalhou, então, na explicação pedida: — O Poço Seco? Trabalho aqui e nunca lá fui. Mas não é longe. Seguindo a estrada, quando chegar à altura há um caminho à esquerda. Por aí não tem nada que enganar. O monte fica logo mais adiante.

— E dissipando as dúvidas: — O carro pode lá ir, que a estrada é boa.

No horizonte, uma elevação do terreno por onde a estrada de alcatrão passava destacava-se do resto da paisagem. Era ali a altura que o pastor falava.

Depois dos agradecimentos o pastor regressou de novo ao seu isolamento, quedando-se na berma da estrada, enquanto o carro ganhava velocidade ate desaparecer, por completo, por detrás do alto.

O monte surgiu, ainda longe, contornando um grupo de azinheiras. No casário branco uma mulher e três crianças eram toda a gente que ali se via. E, rapidamente, indicaram o local onde os tractores andavam a lavar.

SOLIDARIEDADE...

A jornada de trabalho que se realizou na herdade do Poço Seco, pertencente à unidade colectiva de produção agrícola «A Luta dos Camponeses» não é a primeira que se processa no concelho de Ourique. Só que, desta vez, conseguiram juntar um número elevado de tractores — cerca de 40 objectivo é ajudar os trabalhadores agrícolas cujas dificuldades são maiores. E os domingos, dias de descanso, são aproveitados.

A herdade do Poço Seco, no último domingo, foi «invadida» por dezenas de tractores. O ruído dos motores atirava os ares. As charruas revolviavam a terra, húmida das últimas águas, e um cheiro de terra molhada pairava. Ao volante das máquinas os trabalhadores de outras unidades colectivas eram a confirmação de que a Reforma Agrária é a consequência da luta dos trabalhadores do campo, que eles defendem, solidariamente, sem descanso.

...NO TRABALHO...

Espectáculo impressionante, a jornada de trabalho. Logo ao romper da manhã a faina começou e prolongar-se-ia até ao fim da tarde. Depois, ainda era preciso regressar a casa, com as máquinas vagarosas e nalguns casos com dezenas de quilómetros a percorrer. No dia seguinte começava o trabalho normal. Mesmo assim ninguém falou e a boa disposição era geral, apesar do esforço que exige um dia de trabalho no campo com o tractor.

Ora em filas compactas, ora em grupos reduzidos os tractores rasgavam a terra que nos últimos tempos se em o contravão a abandonada. E avançavam, avançavam sempre deixando um rasto de futuro que há-de cobrir o Alentejo e alargar-se a todo o Portugal.

Por vezes os tractores mais fracos sentiam algumas dificuldades e atolavam-se mas logo os outros os ajudavam e o trabalho prosseguia. Os hectares de terra lavrada iam aumentando. O momento de uma conversa e, quando olhávamos, já as máquinas estavam bem longe.

...E NA LUTA

Mas a luta pela Reforma Agrária, ultrapassada que foi o período das ocupações das grandes propriedades feudais, pois senão ainda hoje os trabalhadores agrícolas estariam à espera da Reforma Agrária, reveste-se hoje de novas iniciativas. Uma delas é a unidade dos próprios trabalhadores na produção. E por isso, muito embora a reacção e outros lancem as calúnias mais tenebrosas sobre o que se passa no Sul de Portugal, a paisagem alentejana encontra-se completamente modificada. E o ar de abandono em que as terras se encontravam mudou dando lugar às grandes searas e aos campos lavrados que aguardam a semente. E muito mais poderia ser feito se o Governo fosse lesto nos créditos e na ajuda necessária em

alfaias e outros materiais necessários à concretização do grande desejo dos trabalhadores agrícolas: amanho as terras.

Mas as contrariedades não fazem desistir os camponeses alentejanos. Antes os reúnem num laço mais forte para continuarem a luta que é a sua.

AS MÁQUINAS NÃO PARAM HA UM MÊS

Domingo, no Poço Seco, é um exemplo significativo. José Ventura Gonçalves, delegado em Ourique do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja, foi o grande responsável desta jornada de trabalho voluntário. Homem dinâmico e tendo sofrido na pele toda a exploração dos grandes latifundiários organizou já outras jornadas de trabalho no concelho. E diz-nos:

«Estou na disposição de fazer jornadas deste tipo todos os domingos. Umas, ajudando os pequenos agricultores, outras, para se avançar o trabalho nas unidades colectivas.

Relativamente à ajuda prestada aos pequenos agricultores informa que ela já tem sido concretizada em muitos casos. E, por vezes, um tractor ou mesmo dois, conforme as necessidades, vão trabalhar nas terras dos pequenos agricultores. E acrescenta:

«As máquinas da unidade colectiva aqui do concelho há um mês que não param um só domingo. E para que se veja que não é como dizem os reaccionários, que os trabalhadores não querem trabalhar».

Há três semanas uma jornada do mesmo tipo tinha sido organizada na Quinta Nova, freguesia de Panóias. Ali se juntaram 25 tractores, acontecimento que o «Avante!» noticiou.

Depois a conversa rodou para outros assuntos e José Gonçalves explicou que a unidade colectiva «A Luta dos Camponeses», que engloba cerca de 8000 hectares, apenas possui 14 tractores. No entanto, na herdade do Poço Seco, os trabalhadores não têm nenhum. Era preciso e foi esta a solução: vieram tractores de Odemira, Mafra, Castro Verde, Vale de Santiago, Aljustrel e como não podia deixar de ser de Ourique. Ali estavam todos a lavar e, por vezes, o delegado do Sindicato dividiu o trabalho para que não fosse feito de uma maneira anárquica e os esforços se perdessem sem qualquer utilidade.

«A malta trabalhadora do concelho — recorda com voz que não deixa lugar a dúvidas — está na disposição de fazer avançar a Reforma Agrária, custe o que custar. E a prova está a vista.

Falando depois da constituição da unidade colectiva, há pouco mais de três meses, salienta que só a semente lançada à terra é o dobro do ano anterior, e quanto à batata afirma que vai haver tanta batata este ano como toda a que foi produzida nos últimos cinquenta anos naquele concelho. E reforça: «Garanto-lhe que é verdade. Quanto ao trigo é quase o dobro do ano passado. Não há mais porque não existiam alqueires feitos.

Refere, mais adiante, que a unidade colectiva possui 120 vacas, para acrescentar:

«Quando os agrários se aperceberem que vinha a Reforma Agrária venderam o gado todo e as máquinas. Só em Ourique estão 15 máquinas que não me enganam. Foram vendidas pelos proprietários depois de terem trabalhado pouco tempo. Estão quase novas. Podiam-nas deixar ficar, que bastante falta nos fazem e a terra pagava-as.

A unidade colectiva requisitou mais seis tractores, que ainda não vieram. Mas necessitam de outras alfaias e outros materiais, pois só possuem uma.

Um elemento da comissão directiva da herdade do Poço

Seco, Luis Guerreiro, fala-nos da propriedade que agora trabalha juntamente com seis camaradas e que anteriormente pertencia à Fundação Joaquim Antonio Franco encontrando-se abandonada pois o reendeiro tinha abalado.

AS CEGONHAS NÃO FALTARAM

Foram ali no dia 6 de Outubro e depararam com enormes dificuldades. Se hoje têm 70 hectares semeados com trigo e outros 70 com cevada isso deve-se, a uma ajuda semelhante que receberam nessa altura por parte dos trabalhadores, da unidade colectiva que lavraram a terra já neste domingo. E diz-nos:

«Quando não existia uma única máquina com o crédito do IRA compraram um rebanho de 250 ovelhas que já aumentou com as crias, mas não tencionam vender nenhuma fêmea para deste modo se processar o rreproameto pecuário da região. Na terra que conseguiram preparar semearam 85 sacos de trigo, 81 de cevada e 7 de tremoçilha, que serve de pastagem para o gado.

Entretanto, as azinheiras foram debastadas e servirão para lenha ou carvão conforme directiz que receberem. Também as poucas oliveiras que possuírem foram limpas. E Luis Guerreiro confessa:

«Não imagina a alegria que sinto com este dia. A partir de agora vamos poder trabalhar verdadeiramente. Hoje, os tractores devem ter lavrado cerca de 80 hectares de terreno. Só e pena não termos as máquinas que já encomendámos.

Explica a seguir que o alqueire feito, isto é a terra lavrada naquele dia, vai ter de ser revolvida novamente em Maio para então em Outubro com nova passagem levar a semente. Além disso as terras não vão ser cultivadas todos os anos. Primeiro levam uma ceara de trigo, depois, no ano seguinte, uma ceara de cevada e ficam em descanso durante dois anos servindo unicamente para o gado pastar. Por isso a propriedade está dividida em folhas que vão sendo utilizadas rotativamente.

Um tractorista à laia de troca exclamou entretanto: «Esta terra não era lavrada há tanto tempo que nem as cegonhas aparecem.

Com efeito, estas aves costumam seguir o rasto dos tractores para comerem os animais que vão sendo postos a descoberto. Mas ao fim da tarde os seus vultos descreviam grandes círculos lá no alto. Pode-se dizer que até as cegonhas beneficiaram com a Reforma Agrária.

No regresso fomos encontrar os tractores bem longe, continuando a rasgar a terra, continuando a luta de todo o povo trabalhador alentejano.

«Hoje, no Algarve, o grosso dos produtores hortícolas é mandado para Lisboa, ficando o agricultor, por vezes, quinze dias e mais sem saber o valor dos produtos que envia. Além disso, os preços desses produtos variam de dia para dia

«Hoje, no Algarve, o grosso dos produtores hortícolas é mandado para Lisboa, ficando o agricultor, por vezes, quinze dias e mais sem saber o valor dos produtos que envia. Além disso, os preços desses produtos variam de dia para dia

SOLIDARIEDADE ACTIVA COM OS CAMPONESES DO NORTE

Apesar das ameaças fascistas, a jornada de solidariedade promovida pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Norte, em Penafiel, demonstrou uma vez mais que os camponeses não estão sós na luta pela Reforma Agrária e pelas liberdades democráticas

O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Norte levou a efeito no passado domingo, no Estádio 25 de Abril, em Penafiel, uma festa de solidariedade para os assalariados rurais da extensa zona noroeste.

Apesar das ameaças e das tentativas de boicote movidas pelos caciques reaccionários, que chegaram mesmo ao ponto de espalhar em panfletos provocatórios onde anunciavam o rebentamento de bombas (durante a festa) e a presença de «cubanos armados», a iniciativa promovida pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Norte saldouse numa significativa jornada unitária de solidariedade, onde participaram entusiasticamente cerca de 3000 pessoas.

Durante a festa actuaram vários conjuntos nomeadamente, o Rancho Regional de Paredes, o grupo «Outubro», de Lisboa, e o

grupo de Intervenção da Póvoa de Varzim.

Ao longo das diversas intervenções, que então se seguiram, ficou bem patente o carácter mobilizador da iniciativa e a firme determinação de todos quantos ali acorreram, de prosseguir a luta que se vem travando no Norte contra a coacção reaccionária e pelo livre direito de expressão e de organização dos trabalhadores.

Depois de terem falado dois representantes sindicais, um trabalhador agrícola de Beja denunciou os intentos do ministro do Comércio Externo e Turismo, que quer forçar a desocupação de terras ocupadas pelos camponeses e deu um protesto que foi enviado ao ministro da Agricultura, Lopes Cardoso.

No prosseguimento destas intervenções usaram da palavra dois agricultores, em nome do

Secretariado e da Comissão Coordenadora do MARN, que salientaram o apoio deste organismo à jornada.

Particularmente ovacionados, os representantes do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Santarém, que ofereceram cerca de 20 mil escudos e do Sindicato dos Bancários do Norte, que contribuíram com o auxílio de 544 mil escudos, frisaram o seu incondicional apoio aos trabalhadores rurais do Norte.

No final, foi assinalada a importância da jornada como prova da capacidade de organização e mobilização do Sindicato, que representa uma classe numerosa — a dos assalariados agrícolas — manifestando-se, ainda, um natural regozijo pelo actos de solidariedade e amizade que os trabalhadores de todo o País têm dedicado aos camponeses do Norte.

NO PORTO
FESTA COLECTIVA
DO 55.º ANIVERSÁRIO
DO PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS
 SÁBADO DIA 6-15H
 NO PALACIO DE CRISTAL
GRANDE PAVILHÃO DAS
 edições
Avante!
 APRESENTAÇÃO DAS ÚLTIMAS NOVIDADES

- Documentos Políticos do CC do PCP — 2.º e 3.º volumes
- Socialismo: Democracia e liberdade

EXPOSIÇÃO-VENDAS DO LIVRO SOVIÉTICO
 Algumas novidades acabadas de chegar de Moscovo

BANCA DE AUTOCOLANTES
 Autocolantes de todo o país

OFERTAS ESPECIAIS PARA ESTE DIA

- Obras escolhidas de Lênine (3 vols) em francês — 250\$00
- Até amanhã camaradas — 80\$00
- Documentos do Comité Central (1965-1974) 100\$00

VISITA O PAVILHÃO DO AVANTE
 SÁBADO NO PALÁCIO DE CRISTAL
 NA FESTA DO ANIVERSÁRIO DO PCP

Calendário NOVOSTI 1976

A todos os leitores da VIDA SOVIÉTICA que apresentarem nos locais a seguir indicados, o talão inserido na Vida Soviética de Janeiro/76 entregar-se-á directamente o sensacional Calendário Novosti 1976.

Evite Despesas de Correio e dirija-se já a:

LISBOA — Interlívrio — R. Pedro Nunes, 9-A
 LISBOA — Livraria Popular dos Olivais R. Cidade/Quelimane, 3-A
 PORTO — Livraria Avante — R. Aviz, 26
 FARO — Livraria Popular de Faro R. 1.º de Dezembro, 23
 MARINHA GRANDE — Livraria 18 de Janeiro R. Marquês Pombal, 51

Se ainda não adquiriu a VIDA SOVIÉTICA, faça-o já e garanta ainda esta fabulosa oferta

Edições SEARA NOVA
 Humberto M. da Cruz
LÊNINE
E O PARTIDO BOLCHEVIQUE
 LENINE E O PARTIDO BOLCHEVIQUE
 Na ausência de introdução de fácil leitura à obra de Lênine, H. Cruz vem situá-la no meio histórico em que se desenvolve, tornando-a mais compreensiva.
 Coleção Argumentos
 Preço 70\$00

TRABALHO VOLUNTÁRIO EM MALPICA

No próximo domingo realiza-se uma jornada de trabalho voluntário na Cooperativa Agrícola e Pecuária de Malpica do Tejo. A jornada de trabalho tem por objectivo limpar um extenso olival onde o mato, nalguns sítios, cobre já as árvores. Como naquele local as máquinas não podem trabalhar, o mato tem de ser roçado manualmente.

Os trabalhadores da cooperativa agradecem toda a ajuda que lhes for prestada e quem estiver interessado pode comunicar a sua adesão ao Centro de Trabalho do PCP em Castelo Branco, na Rua J. A. Mourão, 63, telefone 931.

informação

● Richard Nixon terminou a viagem que efectuou à China, onde manteve conversações com os dirigentes actualmente mais bem colocados na hierarquia chinesa, inclusivamente com o próprio Mao que, ao que parece, lhe revelou pormenorizadamente a actual situação chinesa, nomeadamente as depurações que se verificam nos quadros do PCh.

● A Frente Polisário do Sára Ocidental proclamou, na passada semana, a República Democrática Árabe do Sára.

● O camarada Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola, efectuou uma visita à República Popular do Congo, a primeira desde que Angola alcançou a independência a 11 de Novembro. Durante a estada em Kinshasa, o camarada Agostinho Neto encontrou-se com o presidente da República do Zaire, Mobutu Sese Seko. Na sequência deste encontro, as actividades dos bandos da UPA/FNLA-UNITA foram proibidas no Zaire.

● Um artigo recente do "L'Unité", órgão do PS Francês, denuncia aquilo que classifica como o "ressuscitar dos velhos demónios" na República Federal Alemã. O autor do artigo denuncia que a esquerda é perseguida pelas autoridades de Bona e refere o facto de centenas de militantes socialistas e comunistas da RFA começaram a sofrer os efeitos daquilo a que se poderá chamar um novo "maccarthysmo". O governo de Hellmuth Smith, tão social-democrata, age segundo a divisa: governar à direita para não ser acusado de estar demasiado à esquerda. Onde é que nós já vimos actuar assim?

● Nos próximos dias 13 e 14 realizar-se-á no Porto, a segunda cidade de Portugal, uma cimeira de dirigentes sociais-democratas e socialistas da Europa. Estarão presentes destacadas figuras de governantes de alguns países, nomeadamente Olof Palme, Anker Joergensen, Joop von der Uyl e Bruno Kreisky. Os secretários-gerais dos Partidos Socialistas italiano, espanhol e francês estarão igualmente presentes. O anfitrião, dr. Mário Soares, que é, como se sabe, o secretário-geral do PS Português, desmentiu as afirmações segundo as quais esta cimeira se inseria nas manobras eleitorais do seu partido.

● O Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau decidiu criar a sua própria moeda, cortando assim com o escudo português. Na sequência desta decisão, cessou-se toda a actividade do Banco Nacional Ultramarino português. A notícia da criação de moeda própria foi recebida na jovem nação africana com manifestações de entusiasmo. Para muitos dos patriotas que lutaram de armas na mão nas fileiras do PAIGC, este facto representa, verdadeiramente, como que uma segunda independência.

● Uma delegação económica oficial da República Popular de Moçambique deslocou-se recentemente à União Soviética. Chefiada pelo camarada Mário Machungo, ministro da Indústria e do Comércio, a delegação moçambicana assinou com os camaradas soviéticos vários acordos de cooperação económica e de assistência técnica, nomeadamente nos domínios da pesca, da aviação civil e dos transportes marítimos.

● Grandes manifestações de massas, em apoio às autoridades, realizaram-se recentemente em várias cidades da Nigéria. Os milhares de manifestantes enviaram centenas de mensagens ao Conselho Militar Superior da Nigéria, apelando para que este prosseguia a política anti-imperialista de Murtala Mohammed, antigo chefe do governo, assassinado durante a recente tentativa de golpe de estado. Nas manifestações, foi vigorosamente condenada a política dos EUA em África.

● Yasser Arafat, presidente do Comité Executivo da Organização de Libertação da Palestina (OLP), numa entrevista recentemente concedida à rádio da RDA, declarou que os sucessos da sua organização na arena internacional são os resultados da justa luta conduzida pelo povo palestino. Na mesma entrevista, Arafat salientou o apoio prestado à causa palestina pelos países socialistas.

● A recente visita que Kissinger efectuou a vários países da América do Sul, durante a qual as massas populares demonstraram firmemente o seu repúdio pela ingerência imperialista nos assuntos internos nos seus países, demonstrou que os patrões da Casa Branca privilegiam o regime ditatorial de Geisel, no Brasil.

● Um dos mais destacados dirigentes do PS Francês revelou recentemente que "categorizados" funcionários da embaixada dos Estados Unidos em Paris o aconselharam contra alianças com o PCF.

● 800 mil manifestantes protestaram em várias cidades japonesas contra o governo que não toma medidas para combater a inflação. Os manifestantes responderam, assim, aos apelos dos partidos Comunista, Socialista e Budista.

● Os Estados Unidos nomearam novo embaixador em Pequim. Trata-se de Thomas Gate, antigo secretário da Defesa de Eisenhower. O anterior responsável de negócios americanos em Pequim era Georges Bush, que agora foi encarregado de outros negócios: presidir aos destinos da tenebrosa CIA.

● As autoridades da República da Guiné-Bissau decidiram proibir a entrada naquele país aos seguintes órgãos de informação portugueses: "O Dia", "Jornal Novo", "A Luta", "Expresso", "Tempo", "O País", "O Diabo", "Barricada", "Século Ilustrado" e "Portugal Socialista". A razão para tal atitude é a forma abertamente reaccionária como tais órgãos de Informação têm vindo a referir-se aos problemas da descolonização. Recorde-se que o jornal "Portugal Socialista" é o órgão de Imprensa de um Partido, o PS, que se diz anticolonialista...

Pinochet e a CIA preparam mais um assassinato

Os fascistas chilenos, aliados aos imperialistas americanos e aos reaccionários sul-americanos, têm as mãos compridas e as garras aguçadas. A CIA, a embaixada da Junta Militar Chilena, elementos contra-revolucionários de origem cubana e membros do bando fascista "Costa Rica Livre" preparam um atentado contra o líder revolucionário chileno Andrés Pascal Allende.

O dirigente chileno, que foi secretário-geral do MIR, chegou a S. José da Costa Rica no passado dia 1 de Fevereiro, após ter estado refugiado durante mais de três meses na embaixada da Costa Rica em Santiago do Chile.

A saída de Andrés Pascal Allende, que é sobrinho do presidente assassinado Salvador Allende, constituiu uma grande vitória da solidariedade internacional e a Junta militar fascista de Pinochet jamais aceitou esta derrota.

Ainda durante o seu refúgio na embaixada da Costa Rica em Santiago, os esbirros de Pinochet desenvolveram todos os esforços para impedir a saída de Pascal Allende e da sua companheira. Na altura, vários dirigentes da resistência popular chilena na clandestinidade denunciaram planos da Junta para assassinar o dirigente do MIR na própria embaixada.

O edifício da embaixada da Costa Rica em Santiago foi cercado por um batalhão de 500 homens, apoiados por três tanques. Entretanto, diplomatas da Costa Rica sofreram vários insultos e vexames da parte das forças da ordem fascista, quando entravam ou saíam da embaixada. Foram denunciadas várias tentativas de infiltração na embaixada, enquanto que os funcionários descobriram atiradores escondidos em prédios das redondezas prontos a dispararem sobre Pascal Allende.

Ao mesmo tempo que concedia o salvo-conduto, a Junta de Pinochet entregou às autoridades costa-ricanas um pedido de extradição contra o líder revolucionário. Por este motivo, foi emitida pelo Supremo Tribunal da Costa Rica uma interdição de saída contra Pascal Allende, que deve durar dois meses, tempo durante o qual os assassinos do presidente Salvador Allende deverão formalizar e apresentar as provas em que se baseiam para o pedido de extradição.

É na sequência desta permanência forçada que a CIA planeia realizar um atentado contra o dirigente revolucionário. É a CIA que coordena, orienta e financia a organização fascista "Costa Rica Livre", ligada aos meios mais reaccionários deste país e a elementos cubanos contra-revolucionários.

Não está posta de parte a possibilidade de o pessoal da embaixada da Junta fascista na Costa Rica estar envolvido na conspiração para assassinar Pascal Allende, uma vez que a sua ingerência nos assuntos internos na Costa Rica foi várias vezes denunciada. Um semanário de S. José revelou a existência de cartas do embaixador chileno dirigidas à sua Junta e nas quais eram pedidos meios financeiros para subsidiar os fascistas da "Costa Rica Livre".

Os fascistas chilenos aguardam apenas a melhor ocasião para perpetuar mais um hediondo crime, para o qual contam com a colaboração especializada dos agentes da CIA e dos contra-revolucionários cubanos exilados.

Entretanto, a feroz exploração e repressão sobre o heróico povo chileno prossegue, mas não é suficiente para apagar a chama da resistência que alastra por todo o país, no coração e na cabeça de cada chileno. Homens como Pascal Allende, exilado e perseguido, e Luis Corvalán, encarcerado e torturado, são o símbolo da unidade na luta contra o fascismo. Para os chilenos patriotas, a morte do Presidente Salvador Allende não foi em vão...

Aumenta a histeria anticomunista dos dirigentes chineses

Ao finalizar o ano de 1975, Mao-Tsé-tung e os seus herdeiros não puderam apresentar nada que pudesse alegrar o povo chinês. Em Pequim nenhum relatório caracterizando a situação da indústria, da agricultura, da ciência, da instrução ou do nível de vida do povo foi publicado.

Tentando desviar a atenção do povo chinês das dificuldades do desenvolvimento do país provocadas pelo completo malogro da política interna e externa da clique maoísta a mascarando a fraqueza do regime, em que as lutas intestinas pelo poder entre as diversas facções afectas a Mao-Tsé-tung adquirem cada vez mais amplo significado, os propagandistas de Pequim dirigidos por Yao Wen-yuan desencadearam uma nova e feroz campanha anti-soviética.

Na primeira quinzena de Janeiro, dois dos principais jornais chineses publicaram nada mais nada menos do que cem artigos hostis à pátria de Lénine.

Esforcando-se por caluniar a política leninista interna e externa da União Soviética, os líderes maoístas recorrem à mentira e às constantes invenções, processos em que se especializaram há muito tempo. E se algo de novo transparece nos novos ataques dirigidos à Pátria do Socialismo é a fúria redobrada desses mesmos ataques.

Mao e os seus acólitos, que traíram a causa da paz e do socialismo, que tentaram minar o movimento comunista internacional, fazendo descaradamente o jogo do imperialismo, não escondem o seu ódio para com a União Soviética — primeiro país socialista do mundo, amigo provado do povo chinês na sua luta de libertação. A tragédia histórica da China provém do facto de os verdadeiros ideais da revolução popular chinesa serem totalmente estranhos aos que usurparam o poder neste grande país.

Os últimos anos comprovaram que Mao e o seu grupo tentam, utilizando um "esquerdismo" demagógico, dissimular a repressão a que submetem o povo chinês e o desdém que manifestam pela resolução dos seus verdadeiros problemas. Recordem cada vez mais a métodos ditatoriais e burocráticos para atingirem os seus objectivos hegemónicos, pondo em prática uma política expansionista lesiva dos interesses dos povos vizinhos, incitando os povos de todo o mundo a uma terceira guerra mundial.

Eis a razão por que a União Soviética, a actividade heróica, revolucionária e criadora do PCUS e do povo da grande pátria socialista para a construção do comunismo suscitam a hostilidade activa de Mao e seus discípulos. As realizações históricas da URSS e dos outros países socialistas no domínio da edificação do socialismo são incómodas para a clique maoísta por que nunca conseguiu e jamais conseguirá exterminar os autênticos patriotas chineses interessados em fazer regressar o seu país a uma política realista, na via do socialismo científico, na via da amizade e da fraternidade com todos os povos do sistema socialista.

Os maoístas não encontraram nada melhor para denegrir a pátria de Lénine do que inventar falsos dados provando uma pretensa "restauração do capitalismo" da URSS. A propaganda de Pequim esforça-se por enganar o seu povo, impondo-lhe uma imagem completamente deformada da realidade na União Soviética, da mesma forma que o imperialismo nas suas ferozes campanhas anticomunistas. Os dirigentes maoístas fazem que os trabalhadores da República Popular da China comecem a interrogar-se porque motivo sobre o motivo por que são obrigados a levantar trincheiras, a preparar-se para a guerra e a apertar o cinto, enquanto nos outros países socialistas se constroem fábricas e centrais eléctricas, casas e escolas, tudo com o objectivo de melhorar as condições de vida do povo trabalhador.

Traíndo o marxismo-leninismo, traíndo o internacionalismo proletário, os maoístas actuam como os mais fiéis aliados dos imperialistas. O senhor Richard Nixon que o diga...

O capitalismo recorre à militarização da economia

De há muito tocou o dobre de finados sobre as teorias dos ideólogos do mundo capitalista e de toda a casta de oportunistas das mais diversas matizes, que criaram a lenda segundo a qual as crises económicas tinham sido definitivamente superadas pela sociedade capitalista, que se tinham produzido verdadeiros "milagres económicos" em várias regiões do globo, nomeadamente na RFA e no Japão.

Estas teorias aproveitaram o facto circunstancial de uma má sincronização do ciclo capitalista mundial, ou seja — enquanto que, sob o efeito da crise, a produção baixava ou estagnava em alguns países, noutros, aumentava a ritmos muito elevados.

A realidade de hoje é muito diferente. Na etapa actual verifica-se o restabelecimento do sincronismo do ciclo capitalista mundial. Todos os países capitalistas evoluídos estão integrados num processo cíclico único, em que são globalmente afectados pelas crises intermédias, outrora "privilégio" dos EUA.

Esta sincronização do ciclo mundial significa um tal aprofundamento das crises económicas, que cada vez se torna mais difícil ultrapassá-las.

A inflação tornou-se um fenómeno crónico em todas as fases do ciclo. O aumento da produtividade do trabalho e da eficácia da produção, que significam a diminuição dos custos da produção, levam, não ao abaixamento mas à subida dos preços. Este o preço do domínio dos monopólios.

O desemprego maciço é crónico. O aumento do custo de vida é uma ameaça constante a pesar, sobre as massas trabalhadoras. A menor quebra do ritmo de produção, ou mesmo a sua estabilização — facto inerente à actual fase da crise capitalista — desencadeia imediatamente a ofensiva conjugada das forças do desemprego e do aumento de custo de vida contra a classe operária e demais classes trabalhadoras. O conflito entre as forças produtivas e as relações de produção capitalistas, entre os interesses dos monopólios e os da maioria da população, manifesta-se de um modo cada vez mais evidente. Os impostos são cada vez mais pesados devido ao aumento das despesas militares.

De há muito que os estados imperialistas se servem da militarização da economia e do aumento das despesas militares como meio para regularizar a crise, pois são os mais eficazes ainda que aleatórios instrumentos para destruir as forças produtivas.

O mundo trabalhador indignou-se e indigna-se justamente com a delapidação de bens que significa a prática da destruição de produtos alimentares. O leite deitado às ribeiras, as mercadorias lançadas ao mar, o trigo queimado, podem bem ser considerados, em si, uma das mais concludentes provas da falência do sistema capitalista.

Mas esses actos parecem-nos hoje meras brincadeiras, comparadas com a delapidação de recursos nacionais, a destruição de riquezas acumuladas, a que conduzem a corrida aos armamentos e a militarização da economia.

Actualmente, as despesas de guerra dos EUA e dos outros países da NATO, a amplitude atingida pela indústria de guerra, o volume de produção de material de guerra extremamente caro, atingiram proporções sem precedentes. No último decénio (de 1964 a 1974), as despesas militares dos EUA passaram de 49,6 a 85,3 biliões de dólares. O orçamento para 1975/76 prevê despesas militares da ordem dos 100 biliões de dólares.

A importância cada vez maior da ciência e da técnica modernas multiplicada pela amplitude dos meios de produção acumulados pelos monopólios e a cada vez mais limitada capacidade de compra das massas, fazem com que a produção capitalista se transforme numa produção que tem como fim a destruição. As forças produtivas insurgem-se contra as relações de produção capitalista que as paralisam.

No momento actual só existe um caminho para o capitalismo: aquele que conduz ao socialismo.

O capitalismo vive uma crise geral — crise do conjunto do sistema capitalista, das bases até à superestrutura, crise das próprias bases da propriedade privada capitalista, seja qual for a sua forma e o nível a que se encontre, pois as forças produtivas de há muito ultrapassaram o seu âmbito. Como escreve o camarada Ponomarev, "a crise do sistema capitalista manifesta-se presentemente em diferentes esferas: crise energética, crise monetária, crise da política económica, crise da superprodução, crise das relações entre o imperialismo e o Terceiro Mundo, crise nas relações entre os principais centros de força do imperialismo (os Estados Unidos, o Japão e a Europa Ocidental), crise política e ideológica. A história do capitalismo do pós-guerra ainda não tinha conhecido uma tal combinação de processos de crise".

O ano de 1976 inaugurou-se com optimistas declarações dos dirigentes do mundo capitalista. Foram feitas promessas de uma nova era de abundância, de superação de uma crise que os factos apontam como cada vez mais grave. Falouse de diminuição de desemprego. De controlo do processo inflacionário. Da possibilidade de meter travão no notório desaproveitamento da capacidade produtiva dos meios de produção nas mãos dos monopólios.

Simultânea e contraditoriamente, reergueram-se as vozes ameaçadoras da guerra-fria. Prega-se o reforço da militarização da economia. Fala-se insistentemente no "maior potencial militar" com que contaria o mundo socialista, no "perigo" que tal superioridade no campo bélico representaria para o ocidental "mundo livre".

Na verdade, o reerguer de tais vozes reflecte a notória gravidade da crise global do sistema capitalista. Os esforços da extrema-direita para — aproveitando tal situação — ericar de ainda maiores obstáculos o caminho da coexistência pacífica, da criação de um sistema de novas relações entre os povos.

Mas os cantos de sereia de Kissinger, ou do presidente Ford já não podem enganar os povos.

A dramática situação em que se debatem as massas trabalhadoras num dia a dia jogado na instabilidade da ameaça de desemprego e do aumento de preços, a eloquência das estatísticas não se coadunam com as palavras dos líderes do capital.

O nível médio da inflação durante os doze meses que acabaram em Junho último foi de 11,9 por cento, nos 24 países membros da OCDE. O ritmo da inflação foi especialmente acentuado na Grã-Bretanha e na Islândia, onde se registou uma taxa de 26,2 e de 47,4 por cento.

Nos EUA, segundo um artigo do "New York Times", desde 1967 que os preços dos bens de consumo essenciais triplicaram, nomeadamente a gasolina, o gás e a electricidade. Ainda este ano, estes preços já aumentaram em 1,2 por cento e os produtos alimentares em 2,4 por cento. Conforme anunciou o Gabinete de Recenseamento dos Estados Unidos, o poder de compra da população norte-americana baixou em 4,8 por cento no ano passado. Desde 1947, data em que o Gabinete de Recenseamento começou a funcionar, não se tinha registado nos Estados Unidos uma tão forte baixa do poder de compra e do salário mensal da população americana.

Os EUA deverão enfrentar "um longo e doloroso período de elevado desemprego", mesmo que a produção industrial cesse de diminuir. Tal é a conclusão a que chegou o "Fortune", órgão dos grandes monopólios (entre si, os camparões do grande capital falam linguagem mais clara e despiada de preocupações). Como fica demonstrado pelo gráfico publicado pela revista, a taxa de desemprego, nos próximos cinco anos, não descerá além dos nove por cento, mesmo se o aumento anual do produto nacional bruto for de 4 por cento, ou o que era nos anos 60 relativamente favoráveis para a economia americana.

As palavras de Ford e Kissinger não conseguem erguer-se sobre a barreira dos números e da realidade vivida pelos povos do mundo capitalista.

Tão pouco consegue alindar a imagem de um capitalismo sem perspectivas, que muitos se esforçam hoje ainda por arvorar em símbolo de terra de fartura e liberdade, promessa a acenar a povos subdesenvolvidos, ou mesmo aos recém-libertados do "fascismo" — saturados de exploração de monopólios "nacionais" e internacionais.

O quadro da grande crise do capitalismo actual, que se choca e agrava face à realidade de uma transformação internacional do clima e das relações entre os povos, é elucidativo. Alerta para o conteúdo das promessas dos que arvoram a social-democracia (capa que encobre os caminhos do fascismo) como bandeira a amortilhar as esperanças dos povos, dos que preconizam o estreitar das mãos com os monopólios como fórmula salvadora da economia nacional, ou solução política para a ambicionada benção de Washington, Londres ou Bona.

As massas trabalhadoras conhecem a sua única perspectiva — o socialismo. Sabem que os difíceis caminhos que a ele conduzem passam à margem, e em confronto, dos fortes tentáculos dos monopólios internacionais, das forças da reacção que são a sua expressão nacional.

ANIVERSÁRIO
Avante!

uma revista comemorativa do 45.º ano de publicação

CAMPANHA DE FUNDOS

- As Tipografias clandestinas
- O primeiro Centro de Trabalho do Partido
- 1975 — O ano visto pelas melhores fotos publicadas no «Avante!»
- As conquistas da Revolução
- Páginas de humor, com os melhores «cartões» do «Avante!»

à venda dia 13

Distribuição: CDL — Central distribuidora Livreira, Rua Pedro Nunes, 9-A, Lisboa-1.



TUDO A POSTOS PARA O XV CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA CECOSLOVÁQUIA

Nos planos para o próximo quinquênio, têm grande relevo os projectos de transformações qualitativas na economia nacional

O XV Congresso do Partido Comunista da Checoslováquia, convocado para 12 de Abril de 1976, vai realizar-se em condições favoráveis quer a nível nacional quer internacional. Os comunistas checoslovacos podem afirmar com segurança que cumpriram e em certo sentido ultrapassaram as tarefas básicas traçadas pelo XIV Congresso (Maio de 1971).

"É um facto irrefutável — diz-se no Relatório do Comité Central do PCCh enviado aos órgãos e organizações do Partido a propósito dos preparativos do XV Congresso — que a nossa sociedade socialista, desde o XIV Congresso e sob a direcção do Partido Comunista da Checoslováquia, alcançou um desenvolvimento multilateral, fortaleceu-se bastante o regime socialista na República Socialista da Checoslováquia e cresceu a sua autoridade internacional."

reforçou-se a posição dirigente da classe operária, intensificou-se a aliança entre operários, camponeses e intelectuais, fortaleceu-se o Estado socialista, aperfeiçoou-se a democracia socialista e resultou plenamente a federação checoslovaca como base constitucional para a convivência fraternal entre checos e eslovacos.

Para o empenhamento e a iniciativa produtiva dos cidadãos contribuiu consideravelmente a actividade dos Comités Nacionais, nos quais além de 200 000 deputados, trabalham em diferentes comissões e comités mais de meio milhão de cidadãos.

A força orientadora da sociedade, o Partido Comunista da Checoslováquia, fortaleceu-se desde o XIV Congresso até 1 de Julho de 1975. Entre os 267 362 candidatos aprovados cerca de 62,1% são operários; para o futuro do Partido é muito importante que mais de 90% dos candidatos aprovados sejam jovens de idades até os 35 anos, e mais de metade dos jovens têm idades até aos 25 anos.

Nos êxitos alcançados tanto na vida do Partido como na sociedade, reflecte-se o trabalho sistemático e profundo do CC do PCCh, de todos os órgãos estatais e sociais e das organizações membros da Frente Nacional. Os comunistas checoslovacos e com eles todos os cidadãos não esquecem o só momento que todos os êxitos obtidos no cumprimento do programa traçado pelo XIV Congresso puderam ser alcançados graças ao facto da Checoslováquia estar firmemente integrada na comunidade socialista e porque as forças do socialismo e do progresso conseguiram manter a paz.

DEVENIMENTO DINÂMICO E EQUILIBRADO

Com base neste balanço positivo será traçado, logicamente, o programa do futuro desenvolvimento da sociedade socialista que irá aprovar o XV Congresso do PCCh para o próximo período. Uma das questões fundamentais a discutir pelo Congresso serão as directrizes para a elaboração do sexto plano quinquenal para os

anos 1976-1980. No próximo quinquênio, procurar-se-á continuar a desenvolver as tendências positivas da economia. "Tratar-se-á sobretudo — diz o relatório do CC do PCCh — de assegurar a sua estabilidade e desenvolvimento dinâmico e equilibrado, incrementar o desenvolvimento científico e técnico e assegurar uma participação cada vez maior da Checoslováquia na integração económica socialista, aumentar a produção de produtos alimentares, elevar a produtividade de trabalho, proporcionar um desenvolvimento harmonioso das duas repúblicas do país. Por outro lado, teremos de ultrapassar alguns elementos negativos que afectam necessariamente a nossa economia relativamente à situação dos mercados mundiais."

Ainda que não retroceda no dinamismo quantitativo do desenvolvimento económico, que será caracterizado por um crescimento de 33 a 34% da produção industrial, dar-se-á grande impulso a transformações qualitativas na economia nacional.

O desenvolvimento futuro da Checoslováquia e especialmente o seu fortalecimento económico, é impensável sem uma união mais estreita da economia checoslovaca com as economias dos países membros do COMECON, e sobretudo com a União Soviética, sem uma ampla aplicação dos avanços científicos e técnicos e sem a iniciativa criadora quotidiana dos trabalhadores, tal como se manifestou na emulação socialista e na actividade laboral no período anterior ao Congresso.

No terreno político interno, o Congresso partirá principalmente do facto de que o Partido Comunista está ideologicamente e organicamente coeso, enriquecido com novas experiências, firmemente unido com o povo; que uma tarefa política a longo prazo do Partido é a aproximação entre as classes e categorias sociais da sociedade sobre a base da ideologia marxista-leninista; que o instrumento do poder de classe dos operários, camponeses e outros trabalhadores agrupados na Frente Nacional, é o Estado Socialista e que um caminho provado de fortalecimento do poder do povo trabalhador consiste em ampliar e aperfeiçoar incessantemente todas as formas da democracia socialista.

Como se conclui dos documentos preparados para o Congresso, este concede uma

atenção extraordinária à problemática da política internacional. Neste aspecto, a tarefa fundamental do PCCh continua a ser a de ajudar activamente o desenvolvimento e fortalecimento da unidade dos países da comunidade socialista, aprofundar a colaboração mútua multilateral, sobretudo com a URSS. Segundo o espírito da Conferência de Helsínquia, a Checoslováquia deseja aprofundar e ampliar a sua colaboração internacional, também, com outros países que respeitam a realidade presente e compreendem a necessidade urgente da coexistência pacífica entre os Estados de diferentes regimes sociais.

TRABALHO VOLUNTÁRIO

A actividade laboral e política de todos os cidadãos em vésperas do Congresso, confirmam a aprovação da política do Partido e a sua disposição para dedicar todas as forças ao cumprimento do programa que, no seu interesse e no interesse do desenvolvimento futuro da sociedade socialista desenvolvida, o XV Congresso do Partido Comunista da Checoslováquia traçará.

As iniciativas dos trabalhadores em homenagem ao XV Congresso, continuam a desenvolver-se em toda a República Socialista da Checoslováquia.

Podemos citar o exemplo da empresa Chemlon, em Humenné, na Eslováquia Oriental, que tomaram o compromisso de em 1976 ultrapassarem a produção planificada de artigos em 40 milhões de coroas. Produzirão, assim, além do plano, 1900 toneladas de fibras de poliamida e 1100 toneladas de fibras de corda. Ao mesmo tempo os trabalhadores da empresa prometeram aumentar a quantidade de fibras de primeira qualidade em 1%, substituir as matérias-primas, os materiais e também as peças correspondentes importadas.

O pessoal da empresa Chemlon em 1976 trabalhará voluntária e gratuitamente num total de 100 000 horas.

Para os trabalhadores checoslovacos, o trabalho voluntário significa a sua confiança no futuro, a certeza de que estão a construir com as próprias mãos dias mais felizes, não só para os seus filhos mas para eles próprios.

A EDUCAÇÃO AO SERVIÇO DA REVOLUÇÃO — TAREFA PRIORITÁRIA NA GUINÉ-BISSAU

Na República da Guiné-Bissau, a batalha da educação é parte integrante da luta pela edificação da nova sociedade, sem exploração do homem pelo homem.

Na sua política de rapina e de exploração desenfreada das riquezas e da mão-de-obra nativa das ex-colónias, o colonialismo português, ao lado do imperialismo estrangeiro, deixou as ex-colónias numa situação de grande subdesenvolvimento económico, social e cultural.

Mas, conduzidos pela sua vanguarda revolucionária, os povos das ex-colónias portuguesas em luta contra o colonialismo e o imperialismo soberano, mercê da sua iniciativa, criaram condições necessárias ao pleno desenvolvimento da actividade produtiva e da actividade intelectual, num esforço conjugado que visa o desenvolvimento de países mais livres, mais prósperos, mais felizes.

Florescem novas pátrias independentes. Os novos países saídos do antigo império colonial português impõem-se cada vez mais ao respeito e à admiração dos povos de todo o mundo amantes da paz e do progresso: Libertos da tutela do colonialismo e vencida a ameaça neocolonialista, os povos irmãos das ex-colónias trilham decididamente os caminhos do futuro,

reconstruindo as suas pátrias devastadas pela exploração colonial.

Na República da Guiné-Bissau, todo o povo, guiado pela sua vanguarda revolucionária — o PAIGC — empreende as reformas profundas e necessárias em todos os campos da actividade. No sector da educação, os patriotas guineenses lançam a campanha pela construção do homem novo, seguindo a orientação traçada pelo camarada Amílcar Cabral: "Para continuar a desenvolver vitoriosamente a nossa luta, devemos criar cursos para ensinar a ler e escrever aos adultos, sejam eles combatentes ou elementos da população; fazer respeitar em todos os lados a palavra de ordem do nosso Partido: todos os que sabem devem ensinar aos que não sabem".

CONSTRUIR UMA SOCIEDADE NOVA

Quando os patriotas guineenses pegaram nas armas para expulsar o colonialismo da sua pátria, um dos objectivos principais foi a criação de uma sociedade nova em que a exploração do

homem pelo homem fosse destruída e em que todos trabalhassem para o bem comum.

O colonialismo português foi expulso, mas a criação da nova sociedade ainda está a dar os primeiros passos, principalmente nas áreas sob a tutela, até ao 25 de Abril, do governo de Lisboa.

A questão da educação é extremamente importante para o novo país africano. O órgão do Comissariado de Estado da Informação e Turismo da Guiné-Bissau, "Nó Pintcha", dedica-lhe sempre uma página semanal, a cargo do Comissariado de Estado da Educação e Cultura. Num das recentes edições deste órgão, podemos ler:

"Mesmo durante a luta se sentiu o perigo de que as novas estruturas rurais se não viessem acompanhadas da criação de uma nova mentalidade. Houve portanto a necessidade de, ao nível da educação, desencadear uma batalha que a tornasse um instrumento da Revolução. É nessa batalha que todos nos continuamos empenhados".

O mesmo número do "Nó Pintcha" fornece-nos informações respeitantes ao desenvolvimento do sistema

educacional da República da Guiné-Bissau. Afirmar-se: "Este ano, no ensino primário, foram matriculados 78 056 alunos que representam 93 por cento do total, quer dizer, em cada 100 alunos da nossa terra, 93 estão na escola primária. É ao ensino primário, portanto, que o nosso Comissariado deve prestar todas as atenções políticas-técnicas-docentes, já que é a base de todo o sistema de ensino da nossa terra. O ensino primário durou tem 1904 professores".

E mais adiante: "Nos Ciclos Preparatórios, matricularam-se este ano 3082 alunos nos cursos diurnos, que têm 112 professores. Nos cursos nocturnos matricularam-se 2147 alunos, mais 1317 do que no ano passado. Nos nossos liceus Kawme N'krumah, José Mari, Hóji ya Henda e Ho Chi Minh, 1676 alunos matricularam-se nos cursos diurnos e 900 nos cursos nocturnos".

Estas algumas das realidades em terras abandonadas pelo colonialismo português. Esta realidade forjada por aqueles que hoje constroem o seu futuro com a força das suas próprias mãos.

GRANDES TRANSFORMAÇÕES

Este facto é tanto mais digno de atenção quanto sabemos que os anos passados não foram nada fáceis. Foi necessário ultrapassar mais de um obstáculo e sobretudo combater tenazmente as consequências da evolução da crise do final dos anos sessenta e assegurar o posterior desenvolvimento da sociedade.

No domínio económico, este desenvolvimento favorável manifesta-se no cumprimento das metas do quinto plano quinquenal (1971-1975) num incremento importante das forças de produção e na crescente satisfação das necessidades materiais e espirituais dos trabalhadores. A Checoslováquia caracteriza-se hoje por um alto nível das forças de produção e pelo alto nível de vida dos cidadãos. O rendimento nacional em 1975 aumentou um terço relativamente a 1970 e o consumo pessoal mais de um quarto. Os êxitos são tanto mais valiosos quanto sabemos que foram alcançados num momento em que o mundo ocidental atravessa uma profunda crise económica, caracterizada pelo desemprego e pela inflação.

Paralelamente ao desenvolvimento económico, realizaram-se importantes e positivas transformações na esfera política, social e cultural,

ANGOLA: UM TESTE PARA A ÁFRICA

A luta do povo angolano tornou-se, para os países da África e do mundo, num verdadeiro teste revelador do seu maior ou menor empenhamento na luta contra o imperialismo e o racismo

As forças do imperialismo foram, praticamente banidas do território angolano. Quase três meses após a proclamação da independência, as forças da agressão ao serviço do imperialismo e do neocolonialismo foram praticamente destruídas pelas heroicas FAPLA — braço armado do MPLA e do povo angolano em luta pela independência total.

A República Popular de Angola, reconhecida pela maioria dos países de todo o mundo, e agora um território praticamente livre de Cabinda ao Cunene. Nas últimas operações militares destinadas a expulsar os invasores da pátria angolana, as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola libertaram a cidade de Menongue (ex-Serpa Pinto). Apenas alguns enclaves ainda não foram libertados, mas a progressão militar das FAPLA indica que pouco falta para que os inimigos mortais do povo angolano sejam definitivamente expulsos do território.

Enquanto empreendem a gigantesca tarefa de reconstruir um país devastado pela cobiça imperialista, os patriotas angolanos, conduzidos pela vanguarda revolucionária — o MPLA — consolidam no terreno da diplomacia as vitórias obtidas no campo da luta. A normalização das relações entre a RPA e o Zaire adquire uma grande importância do ponto de vista internacional e mostra bem que o jovem país africano se impõe dia a dia, no panorama político africano e mundial.

O encontro entre o camarada Agostinho Neto, Presidente do MPLA e da República Popular de Angola, e Mobutu Sese Seko, do Zaire, e a decisão tomada no sentido de se normalizarem as relações entre os dois países é um importante passo para a estabilização interna da RPA e uma grande vitória para o novo país.

Nesse encontro ficou ainda deci-

didado que os grupos-fantoches ao serviço do imperialismo e do racismo — UPA/FNLA, Unita e FLEC — não poderiam mais actuar em território zaireense, pelo que vão ser expulsos daquele país.

DUAS CORRENTES

A consolidação da vitória do povo angolano permite que se desenhem, cada vez mais nitidamente, no continente africano, duas correntes. Uma delas é representada pelos países que aceitam a dependência, embora de novas formas, dos seus antigos senhores e que concordam em submeter a sua economia ao domínio das multinacionais, o que permite à elite que governa esses países enriquecer à custa da exploração desenfreada sobre o povo.

Nos países em que domina a segunda corrente a principal tarefa consiste na elevação do nível de vida das largas massas, obtida através de uma real independência política e da soberania económica. A polarização das atitudes à volta da República Popular de Angola não significa, necessariamente, um abastecimento de tensão no continente africano. E a prova está na malograda tentativa de golpe de estado na Nigéria. O importante é que na base deste "putch" se radica o conflito entre os partidários do prolongamento das relações coloniais e os que desejam por termo à dependência política-económica e às desigualdades sociais que, em certos casos se agravaram, apesar da partida dos colonialistas.

O processo de polarização das atitudes durará ainda muito tempo pelo simples facto de que a base económica do neocolonialismo manteve-se e, em alguns casos, alargou-se. Tal situação deriva, por um lado, da pobreza e do atraso de alguns países e, por outro, das suas relações em pé de

desigualdade com os países industrializados.

Angola tornou-se, nos dias de hoje, um teste, um critério do maior empenhamento na luta contra o neocolonialismo, o imperialismo e o racismo. A sua vitória a vitória do seu povo, constituirá uma viragem decisiva na história de libertação de África. E um excelente prognóstico para a sua futura unidade.

A RPA CONSOLIDA O FUTURO DO SEU POVO

"Hoje em dia escreve-se mais uma página magnífica na história do movimento de libertação nacional dos povos", declarou Aleksander Dzasokhov, o vice-presidente do Comité Soviético de Solidariedade com os Povos de Ásia e África, em entrevista concedida à Agência Novosti e que publicamos em exclusivo.

"Sob a direcção do MPLA, o povo de Angola trava uma luta difícil, mas bem sucedida, pela verdadeira liberdade e independência da sua pátria. Todos os homens progressistas compreendem e acompanham de perto a justa causa do povo de Angola".

Mais adiante, A. Dzasokhov acrescentou: "Fomos testemunhas de como o povo angolano resolve com enorme entusiasmo, sob a direcção do MPLA, as tarefas que se lhe colocam. Hoje em dia, quando se trava ainda a luta armada, a principal atenção é dedicada ao futuro".

Em Angola está a ser elaborado um plano extraordinário de restabelecimento da economia, que se começa já a concretizar.

"O avanço firme do jovem estado angolano — prosseguiu A. Dzasokhov — e a consolidação da independência que o MPLA defendeu derrotando os invasores e os fantoches do imperialismo, tudo isto contribuiu para o cresci-

mento do prestígio da República Popular de Angola na arena internacional. Pressionados pela opinião pública progressista, os governos dos países ocidentais vêm-se forçados a rever a sua posição em relação ao governo de Luanda, depois do reconhecimento da RPA pela OUA e por quase todos os países de África, os estados imperialistas compreenderam que podem ficar isolados no continente africano. Por isso, muitos deles, renunciaram ao apoio aberto aos cisionistas e invasores e declararam que reconhecem a República Popular de Angola".

TOTAL APOIO DA RDA AO POVO DE ANGOLA

A República Democrática Alemã reforçará o seu apoio à justa luta do povo angolano contra a intervenção estrangeira e o bloqueio económico imperialista.

A RDA enviará para a República Popular de Angola víveres, medicamentos e produtos têxteis. Deste modo, a RDA prossegue o seu apoio político, moral e material, que nunca deixou de prestar, à heroica luta de libertação travada pelo povo angolano e sob a bandeira do MPLA.

Tal atitude corresponde inteiramente aos princípios da política externa socialista da RDA, que apoia consequentemente a justa luta dos povos contra o domínio colonial-imperialista, contra o neocolonialismo e o "apartheid".

Conjuntamente com a União Soviética e os outros estados socialistas irmãos, a RDA continuará a apoiar a República Popular de Angola na sua luta pela cessação imediata da agressão imperialista e pela incondicional retirada de todas as tropas do regime racista sul-africano, bem como todos os mercenários imperialistas, do território angolano.

LIBERDADE PARA CORVALÁN!



Apelando à solidariedade internacional para que redobre os esforços no sentido de se conseguir a imediata libertação de Luis Corvalán, secretário-geral do Partido Comunista do Chile, encarcerado nas masmorras desde o sangrento golpe fascista do general Pinochet, o Comité Coordenador do Exterior do Partido Comunista do Chile, denuncia as intenções da ditadura chilena em montar uma farsa de processo judicial contra Corvalán e outros destacados dirigentes populares, nomeadamente Aníbal Palma, Erich Schnake, Fernando Flores, Pedro Filipe Ramirez, José Cademartori, Alfredo Joignant, Jorge Montes, Daniel Wergara, Sérgio Vuskovic, Andres Sepulveda e outros presos políticos.

Frisando que o processo não deve realizar-se pois trata-se de uma farsa monstruosa, arbitraria e sem quaisquer garantias de defesa para os acusados, o Partido Comunista do Chile salienta ainda que, segundo informações procedentes do Chile, a Junta fascista propõe-se transferir Luis Corvalán e os outros detidos do campo de concentração Três Alamos para os cárceres de Valparaíso, um dos piores e mais perigosos locais de reclusão, devido à insalubridade que ali reina e ao sadismo dos carcereiros cuja norma habitual é o atropelo brutal dos direitos humanos.

Apelando à mobilização mundial para impedir este novo crime da Junta, o Comité Coordenador do Exterior do Partido Comunista do Chile recorda a urgente necessidade de se desenvolverem todos os esforços para impedir o processo e conseguir a imediata libertação de Luis Corvalán e dos seus camaradas.

